

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

JANINE CARVALHO RESENDE

**ESTUDOS BIOARQUEOLÓGICOS DOS SEPULTAMENTOS DO SÍTIO
CERÂMICO VAU1- BAHIA**

GOIÂNIA – GO

2021

**ESTUDOS BIOARQUEOLÓGICOS DOS SEPULTAMENTOS DO SÍTIO
CERÂMICO VAU1- BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Escola de Formação de
Professores e Humanidades, como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arqueologia, sob orientação
da Profa. Dra. Sibeli Aparecida Viana e
coorientação do Prof. Dr. André Menezes
Strauss.

GOIÂNIA – GO

2021

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia. Qualquer citação atenderá às normas da ética científica.

Janine Carvalho Resende

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em ____/____/____

Profa. Dra. Sibeli Aparecida Viana (Orientadora)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof. Dr. André Menezes Strauss (Coorientador)
Universidade de São Paulo

1º Examinadora: Profa. Me. Ludimilia Justino de Melo Vaz
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

2º Examinador: Prof. Dr. Danilo Vicensotto Bernardo
Universidade Federal do Rio Grande

Agradecimentos

O primeiro agradecimento vai a minha avó Oleida, sem o seu apoio, eu não recomeçaria um novo curso com tanta vontade. Os apoios vieram das mais diferentes maneiras, em especial, agradeço o acolhimento e a torcida que, ao longo desses três anos e meio, foi impetuosa.

Agradeço ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. É muito bom estar em um local onde a equipe está 100% empenhada com os alunos e tem amor pelo que faz. O corpo docente conseguiu fazer com que meu caminho pela graduação fosse inenarravelmente agradável.

Agradeço à professora Marlene Ossami, que me fez caminhar pela antropologia, com leituras que me fizeram sentir as mais diversas culturas na pele, suas aulas sempre estarão em minha mente.

Agradeço ao professor Júlio Rubin de Rubin, sua paixão e comprometimento com a arqueologia e com os alunos. Sempre que o Júlio se emocionava ao falar dos mais diferenciados temas arqueológicos, eu me sentia representada e me emocionava em dobro.

Agradeço à professora Ludimilia Justino, suas aulas e didática me ajudaram a questionar como pensar a arqueologia, e as bibliografias das aulas viraram leituras de cabeceira.

Professora Sibeli Viana, não só suas aulas foram essenciais para o meu desenvolvimento, mas também sua orientação. Nossa! Não imaginei que eu teria a sorte de uma orientadora tão comprometida, séria e, ao mesmo tempo, sensível. Acredito que você já tenha isso em mente, mas os momentos de interação em grupo com o laboratório e as regularidades na comunicação conseguiram aumentar o meu potencial enquanto pesquisadora. A senhora é show!!

Agradeço à Socorro, sua humildade e seu conhecimento “monstro” sobre a cerâmica foram essenciais para o desenvolvimento das pesquisas no Vau 1. Não só o Vau 1 tem a agradecer, você foi uma notável presença, para mim, também. Foram ótimas as conversas que tivemos ao longo dos anos, com certeza, irmão, para sempre, estar em minha memória.

Agradeço ao professor André Strauss e Rodrigo Oliveira. Os nossos (infelizmente) poucos encontros foram bastante importantes para meu aprendizado sobre bioarqueologia. Faço questão de manter, na memória, as dicas que vocês compartilharam comigo no mês de estágio em que passei em São Paulo.

Agradeço aos amorzinhos que Pelotas me deu e que continuaram comigo mesmo com a distância, Tatys, Mari, Brendinha e Samantinha.

Não posso esquecer da minha amiga de infância Amanda. Você foi essencial na minha formação, não só como arqueóloga rs.

Também, há as amigades que fiz no curso, em especial, meu querido Fantastic 4.

Isa, desde o primeiro semestre, estamos juntas. Sua audácia, lealdade, coragem me inspiraram muito ao longo dos anos. São poucas as pessoas com que consegui ter conversas tão engrandecedoras. A arqueologia ganhará muito com seu pensamento lógico.

Eloah, sua dedicação, alegria e parceria foram importantíssimas no meu desenvolvimento.

E Sarah, tenho que te agradecer por, lá atrás, nas aulas de filosofia, ter me chamado para fazer nosso primeiro trabalho juntas a partir daquele dia; não só ganhei uma parceria incrível para trabalhos, assim como uma amiga. No nosso elenco de Mamma Mia, você é Rosie da minha Tanya.

Agradeço ao CNPQ que por meio do Programa de Iniciação Científica da PUC Goiás auxiliou o desenvolver da pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Altair Sales Barbosa por disponibilizar seu tempo com as entrevistas orais e, também pela disponibilização das fotos da etapa de escavação do sítio arqueológico Vau 1.

E por último, agradeço à vida. O caminho não é reto, mas costuma ser lindo. Com o término dessa monografia, eu concretizo um dos maiores, senão o maior, ato de respeito a mim e aos meus sonhos.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo a produção de dados acerca do material cerâmico e ósseo humano do sítio arqueológico Vau 1, localizado na região oeste da Bahia, próximo ao estado de Goiás. Trata-se de um sítio cerâmico a céu aberto, sem datação. A cultura material cerâmica e os remanescentes ósseos humanos foram analisados. A cerâmica foi analisada a partir da perspectiva tecnomorfológica, e a análise dos remanescentes ósseos de humanos foi voltada para as práticas funerárias. O trabalho corrobora com o estudo das práticas funerárias do Planalto Central, além de entender as particularidades que distinguem as práticas mortuárias do local, assim como a explanação de possíveis significados simbólicos que compuseram os sepultamentos do sítio.

Palavras-chave: Bioarqueologia. Práticas Funerárias. Tradição Una. Planalto Central

Abstract

The present work aims to produce data about the ceramic and human bone material from the archeological site Vau 1, located in the western region of Bahia, near the state of Goiás. It is a ceramic site, without dating. There are, of material culture, ceramic and human bone remnants, these was chosen to be analyzed. For the ceramics, were analyzed from a technomorphological perspective, and the analysis of human bone remnants was focused on funerary practices. This work corroborates the study of funeral practices in the Brazil Midwest, in addition to understanding the particularities that distinguish the mortuary practices of the place, as well as the explanation of possible symbolic meanings that made up the burials at the site.

Keywords: Bioarcheology. Funeral Practices. Tradição Una, Central Plateau.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 - O SÍTIO VAU 1 E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL	22
LOCALIZAÇÃO	22
AMBIENTE	23
REGISTRO HISTÓRICO DE LOCALIZAÇÃO E ESCAVAÇÃO	25
CONTEXTUALIZAÇÃO CULTURAL EM ÂMBITO REGIONAL	26
TRADIÇÃO ARQUEOLÓGICA ARATU	29
TRADIÇÃO TUPIGUARANI	30
TRADIÇÃO UNA	31
ANÁLISE DE SÍTIOS NA REGIÃO OESTE DA BAHIA	32
PROJETO SERRA GERAL (SCHMITZ ET AL, 1996)	32
PROJETO DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO ARQUEOLÓGICO DA FERROVIA DE INTEGRAÇÃO OESTE LESTE FIGUEIRÓPOLIS/TO–ILHÉUS/BA (FIOL, 2018)	39
Os SÍTIOS VAU 2 E VAU 3 (SILVA, 2004; RESENDE, 2020)	43
O SÍTIO DE PIRAGIBA (FERNANDES, 2003)	44
DISCUTINDO A REGIÃO ADJACENTE AO VAU 1	47
CAPÍTULO 2 - OS INDIVÍDUOS EXUMADOS DO SÍTIO VAU 1: METODOLOGIA E RESULTADOS	51
MATERIAIS E MÉTODOS	51
OS INDIVÍDUOS EXUMADOS DO SÍTIO VAU 1	54
CORTE	54
CORTE	58
CORTE 5	59
CORTE 7	63
CORTE	64
CORTE 11	64
CORTE 12	67
RESULTADOS E DISCUSSÕES	67
DISCUSSÃO	68

CAPÍTULO 3 - A CULTURA MATERIAL CERÂMICA E OS ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS	72
A CULTURA MATERIAL CERÂMICA	72
METODOLOGIA DE ANÁLISE	72
APRESENTAÇÃO DOS DADOS	74
CORTE 2	77
CORTE 4	81
CORTE 5	82
CORTE 7	85
CORTE 11	85
CORTE 12	95
ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS	95
CORTE 2	96
CORTE 11	97
CORTE 12	97
O SÍTIO VAU 1 E AS TRADIÇÕES ARQUEOLÓGICAS	98
CAPÍTULO 4 - DISCUSSÕES DOS SEPULTAMENTOS DO VAU 1	101
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE E A DECORAÇÃO	101
URNAS FUNERÁRIAS? (RE)CLASSIFICANDO URNAS E VASILHAS	103
FORMAS, TAMANHOS E USOS DOS VASILHAMES	112
SEPULTAMENTOS DO VAU 1	115
A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO NA ETAPA DE ESCAVAÇÃO E DOS ESTUDOS EM MATERIAIS DE ACERVO	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Localização do município de Santa Maria da Vitória/ BA.; Fonte: IBGE 2021, mod. Resende, 2021.....	22
Figura 2: Visualização da comunidade Vau à margem do Rio do Meio. Google Earth, Resende, 2021.	23
Figura 3: Visualização dos corpos hídricos na região do sítio Vau 1. Google Earth, Resende, 2021.	24
Figura 4: Mapa Topográfico. Fonte: https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/ . Marcação indicando a localização do sítio Vau 1.	25
Figura 5: Perfil de elevação, 23 km contíguo ao sítio Vau 1; marcação em azul: localização do Rio do Meio e marcação em vermelho: localização do Vau 1. Google Earth. Resende, 2021.....	25
Figura 6: Mapa etno-histórico do Brasil. Marcador indicando grupos Acroá. Mod. de NIMUENDAJU, 1981.....	28
Figura 7A: Mapa de distribuição dos sítios do Projeto Serra Geral (SCHMITZ, <i>et al.</i> , 1996). Pontos em preto indicam sítios em abrigo; pontos amarelos indicam os sítios cerâmicos a céu aberto; ponto em vermelho indica o sítio Vau 1. (Mod. de Schmitz <i>et al.</i> , 1996).....	33
Figura 7B: Mapa topográfico, altitude, relevo com os sítios do Serra Geral. Marcações em preto: sítios em abrigo; marcações em azul: sítios a céu aberto e marcação em vermelho: sítio Vau 1. Mod. Fonte: https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/	34
Figura 8A: Mapa de distribuição dos sítios do Projeto Serra Geral; pontos indicando todos os sítios cerâmicos do complexo arqueológico (Mod. de Schmitz <i>et al.</i> , 1996).....	34
Figura 8B: Mapa topográfico, altitude, relevo dos sítios do Serra Geral.; marcações em verde: sítios cerâmicos do Projeto Serra Geral; marcação em vermelho: sítio Vau 1. Mod: https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/	35
Figura 9: Reconstituições cerâmicas do conjunto A (SCHMITZ <i>et al.</i> , 1996)...	36
Figura 10: Reconstituições cerâmicas do conjunto B e C (SCHMITZ <i>et al.</i> , 1996).....	37

Figura 11: Bordas e fragmentos de cerâmica Tupiguarani do sítio GO-PA-64 e GO-PA-67; destaque em vermelho para a pintura do vasilhame relacionado ao sepultamento 1; destaque em amarelo para a pintura do vasilhame relacionado ao sepultamento 2; destaque em verde para a pintura do GO-PA-67. Vasilhames à direita: reconstituições do vasilhame onde estavam os ossos do indivíduo do sepultamento 1 (Mod. de SCHMITZ <i>et al.</i> 1996).....	38
Figura 12: Reconstituições do vasilhame associado ao sepultamento 2 (Mod. de SCHMITZ <i>et al.</i> , 1996).....	39
Figura 13: Urna funerária do sítio arqueológico corredor 1 (Retirado de FIOL, 2019).	41
Figura 14: Localização do sítio Vau 1, e localização do município de Muquém do São Francisco (aproximadamente, 147 km de distância). Mod. de Google Earth, acessado em 04/2021. Resende, 2021.	44
Figura 15: Formas das urnas de Piragiba (FERNANDES 2003).	45
Figura 16: Sepultamentos em urna (FERNANDES, 2003).	46
Figura 17: Sepultamento em decúbito dorsal. Sobre o seu crânio está uma tigela, e sobre o seu tórax, encobrimdo parte da cabeça, foi colocado um recipiente com a mesma forma de um opérculo de urna (FERNANDES, 2003).	46
Figura 18: Sepultamento em posição fletida recipiente cerâmico, colocado sobre o seu crânio (FERNANDES, 2003).	47
Figura 19: Mapa a esquerda: localização dos sítios Aratu, identificados por Calderón. Autora: Soares, 2012; mapa à direita: localização dos sítios Aratu na Bahia. Autor: Fernandes 2015c. (Mod. de SORARES, 2012 e FERNANDES, 2015C), Resende 2021.	48
Figura 20: mapa topográfico da Bahia. Pontos em branco: localização sítios Aratu por Fernandes 2015c. Mod. Resende, 2021. Fonte: https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/	49
Figura 22: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 1. A imagem é representativa, e as peças anatômicas se encontram parcialmente integras. Resende, 2021	55
Figura 23: Desenvolvimento dos processos tafonômicos no indivíduo 1	55
Figura 24: Dentes no corte 2 da Urna I	56

Figura 25: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 2. A imagem é representativa, as peças anatômicas se encontram parcialmente inteiras. Resende, 2021	57
Figura 26: Dentes 11 e 21 do indivíduo nº 2. Resende, 2021	57
Figura 27: Amostra do material ósseo da Urna III, no corte 2. Resende, 2021.	58
Figura 28: Material ósseo e dentário no corte 4.	58
Figura 29: Molares superiores do corte 4 - vista inferior e vista lateral. Destaque no dente 26 Resende, 2021.	59
Figura 30: Dentes do corte 4. Resende, 2021	59
Figura 31: Amostra dos remanescentes referentes à prospecção do corte 5. Estado pós- deposicional. Resende, 2021.	60
Figura 32: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 7. A imagem é representativa e as peças anatômicas se encontram parcialmente inteiras. Os preenchimentos, em amarelo, são referentes a ossos que só conseguimos identificar sua região e a lateralidade; a peça anatômica é ilustrativa. Resende, 2021.	61
Figura 33: Dentes 44 e 12, vista lateral. Resende, 2021	61
Figura 34: Dente 44, vista inferior. Círculo com a indicação da câmara pulpar e seta indicando a hipersementose. Resende, 2021	62
Figura 35: Mandíbula do Indivíduo 7, vista anterior. Segundo a pontuação da escala Walker, a protuberância mentoniana está na escala 4 ou 5. Resende, 2021.	62
Figura 36: Amostra dos remanescentes referentes à prospecção do corte 6. Resende, 2021.	63
Figura 37: Amostra dos remanescentes referentes à prospecção do corte 7. Resende, 2021.	63
Figura 38: Amostra dos remanescentes referentes ao corte 8. Resende, 2021.	64
Figura 39: Amostra dos fragmentos de crânio do corte 11, “Parte A”. É possível perceber cola na superfície, aplicada em períodos anteriores ao início desta pesquisa. Resende, 2021.....	65
Figura 40: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 9. A imagem é representativa, as peças anatômicas se encontram	

parcialmente inteiras, não foi possível identificar lateralidade em nenhuma peça. A lateralidade na imagem é representativa. Resende, 2021.	65
Figura 41: Material ósseo do corte 11, “Parte B”. Resende, 2021.	65
Figura 42: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 10. A imagem é representativa; as peças anatômicas se encontram parcialmente inteiras; as peças representadas em amarelo são remanescentes e não foi possível identificar lateralidade. Resende, 2021.	66
Figura 43: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 11. A imagem é representativa, não foi possível identificar lateralidade em nenhuma peça. Resende, 2021.	67
Figura 44: Imagens representando as os remanescentes esqueléticos dos indivíduos 1,2,5,9,10 e 11. Resende, 2021.	68
Figura 45: Incidência de cárie e desgaste dentário nos indivíduos jovens e de adultos a idosos do sítio Vau 1.	70
Figura 46: Total de fragmentos cerâmicos por cortes arqueológicos no sítio Vau 1. Resende, 2021.	75
Figura 47: Fragmento cerâmico 981, em destaque os carbonatos de cálcio. Resende, 2021.	76
Figura 48: Experimentação: ácido aplicado no aditivo da peça cerâmica 981. Resende, 2021.	77
Figura 49: Reconstituição do vasilhame 2. Resende, 2021.	79
Figura 50: Reconstituição do vasilhame 3. Resende, 2021.	80
Figura 51: Reconstituições das bocas dos vasilhames 2 e 3, sobrepostas. Resende,2021.	80
Figura 52: Ação pós-deposicional, que ocorre em 10% dos fragmentos do Vasilhame 4.	81
Figura 53: Reconstituição das 5 bordas do corte 5. Resende, 2021.	82
Figura 54: Foto e reconstituição do vasilhame 7. Resende, 2021.	83
Figura 55: Foto e reconstituição do vasilhame 8. Resende, 2021.	84
Figura 56: Reconstituição das bordas referentes aos vasilhames 9, 10 e 11. .	84
Figura 57: Reconstituições das bocas dos vasilhames 12, 13, 14, 15 e 16. Corte 7.	85
Figura 58: Bordas com reforço externo; em destaque, borda com decoração plástica inciso. Resende, 2021.	86

Figura 59: Peça com decoração pintada. Resende, 2021.....	87
Figura 60: Bloco testemunho. Em azul, verde, amarelo e vermelho estão delimitadas paredes de vasilhames. Em branco, um remanescente ósseo que pode ser de humano. Resende, 2021.	87
Figura 61: Amostras de peças do conjunto 1, do corte 11. Vasilhame 20. Resende, 2021.....	91
Figura 62: Amostras de peças e reconstituição do vasilhame pertencente ao conjunto 2, do corte 11. Vasilhame 21. Resende, 2021.	91
Figura 63: Amostra das peças do Conjunto 3. Reconstituição das bordas 577 e 731. Vasilhame 22. Resende, 2021.	91
Figura 64: Amostras de peças do conjunto 4, do corte 11. Vasilhame 23. Resende, 2021.....	92
Figura 65: Amostras de peças do conjunto 5, do corte 11. Resende, 2021.....	92
Figura 66: Amostras de peças do conjunto 6, do corte 11. Vasilhame 25. Resende, 2021.....	92
Figura 67: Amostras de peças do conjunto 7, do corte 11. Vasilhame 26. Resende.....	93
Figura 68: Amostras de peças do conjunto 8, do corte 11. Vasilhame 27. Resende, 2021.....	93
Figura 69: Amostras de peças do conjunto 9, do corte 11. Vasilhame 28. Resende, 2021.....	93
Figura 70: Amostras de peças do conjunto 10, do corte 11. Vasilhame 29. Resende, 2021.....	94
Figura 71: Possíveis suportes do corte 11. Resende, 2021.....	94
Figura 72: Peça com orifício, provável reaproveitamento. Resende, 2021.	95
Figura 73: Contas de colar do Vau 1, expostas no museu de Correntinha – BA. (FERNANDES, 2003).....	96
Figura 74: Presa animal, no corte 2	96
Figura 75: Cachimbo tubular do corte 11. Resende, 2021.....	97
Figura 76: Contas de colares no corte 12. Resende, 2021.	97
Figura 77: Mapa topográfico na região da Serra Geral - BA: área de sítios Tupiguarani, Una e pré-ceramistas levantados no capítulo 1. Fonte do mapa: https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/	100

Figura 78: Fotos da etapa de escavação do Vau 1; setas indicando o material ósseo humano; círculo, os vasilhames cerâmicos. Fonte: Barbosa, s.d.	104
Figura 79: Fotos da etapa de escavação do Vau 1; setas indicando o material ósseo humano; no círculo, os vasilhames cerâmicos. Fonte: Barbosa, 2020.	107
Figura 80: Fotos da etapa de escavação do Vau 1; setas indicando o material ósseo humano; no círculo, os vasilhames cerâmicos. Fonte: Barbosa, s.d. ..	107
Figura 81: Bloco testemunho, evidenciando o fêmur esquerdo e direito. Resende, 2021.	108
Figura 82: Reconstituições das urnas 1, 2 e 3. A peça deduzida como urna 4 não possui bordas, por isso, não há reconstituição. Todavia, suas paredes estão na Figura 54. Resende, 2021.	111
Figura 83: Formas tipo 1: vasilhames de bocas abertas simples. Formas tipo 2:vasilhames com bocas fechadas simples. Resende, 2021.	114

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Sítios identificados no Lote 6 Subtrecho F e tipologia de cultural material	40
Tabela 2: Número mínimo, sexo biológico e estimativa de idade dos indivíduos sepultados no sítio Vau 1	68
Tabela 3: Classes e total de fragmentos cerâmicos do Vau 1.	75
Tabela 4: Características do Conjunto 1 e Conjunto 2 da Urna II	79
Tabela 5: Características do Conjunto 1 da Urna III.	81
Tabela 6: Características dos Conjuntos do Corte 11.....	89
Tabela 7: Fases da Tradição Una (Schmitz et al 1996).	99
Tabela 8: Estado de preservação e fragmentação óssea.....	106
Tabela 8: Tipos de sepultamentos do Vau 1. Resende, 2021.	112
Tabela 9: Sepultamentos diretos	116
Tabela 10: Sepultamentos secundários.....	117

Introdução

O sítio arqueológico BA-RC-55, também nomeado Vau 1, objeto de estudo deste trabalho, é um sítio cerâmico a céu aberto, sem datação, localizado no município de Santa Maria da Vitória, no oeste da Bahia. O sítio foi escavado em contexto de salvamento arqueológico.

A região oeste da Bahia, que compõe os municípios de Correntina, Arrojado, Inhaúmas, Coribe, Santa Maria da Vitória, assim como a região de grandes altitudes entre os municípios de Correntina e Cachoeira, foi explorada arqueologicamente por poucos projetos que registraram mais de 40 sítios pré-ceramistas e ceramistas, sendo eles, o Projeto Serra Geral (1996) e o Projeto Rio do Meio (1994), aos quais o sítio Vau 1 está integrado.

O material arqueológico do sítio Vau 1 está relacionado a um conjunto de sepultamentos humanos, acompanhado de objetos em contexto funerário, situação pouco recorrente na pré-história regional, tendo em vista os problemas de preservação nos sítios em ambientes abertos.

Sabe-se que contextos funerários têm maior facilidade de preservação em locais de abrigo. O sítio, em Mina Gerais, na Lapa do Santo, reitera essa observação; entre 2001 e 2009, foram exumados, nele, 26 sepultamentos (STRAUSS, 2016). Não só em grutas há registro de grandes números de sepultamento, ao nordeste da Bahia, nas grandes aldeias Aratu, eles também ocorrem (FERNANDES, 2003; CALDERÓN, 1974).

Ainda assim, no Planalto Central, de modo geral, essas ocorrências têm número reduzido. Um outro exemplo acontece na aldeia Aratu, do sítio Vale do Sonhos, em Goiânia, onde foi exumado um único sepultamento em urna funerária, em uma aldeia cujas dimensões teriam sido possíveis de congregar mais de mil pessoas (VIANA *et al.*, 2013). A característica do solo ácido em locais de cerrado faz com os vestígios orgânicos se degradem mais rapidamente em sítios a céu aberto.

Exceções, em sítios localizados a céu aberto, ocorrem para os sítios em sambaquis, locais em que as próprias estruturas de habitação, com carbonato de cálcio dos remanescentes marinhos, colaboram com a preservação desses materiais (DEBLASIS *et al.*, 2007).

As urnas funerárias registradas, no panorama regional do Planalto Central, tendem a ser grandes vasilhames, normalmente, com enterros realizados no interior das unidades residenciais ou das praças das aldeias. Elas são registradas por poucos exemplares, que não subsidiam uma visão geral de práticas mortuárias da região. O sítio Vau 1 tende a contribuir com esse cenário regional, visto que possui dezena de sepultamentos que poderão corroborar com o estudo das práticas funerárias no Planalto Central do Brasil, além de entender as particularidades que distingue o grupo que viveu no sítio.

Estimulada pela presença marcante dos enterramentos, em um sítio aberto, denominado sítio Vau 1, junto ao longo tempo com projetos de iniciações científicas¹ voltadas ao sítio e à possibilidade de compreendê-los, com a orientação do Prof. Dr. André Strauss², optei por produzir este trabalho de conclusão de curso voltado à área de bioarqueologia, com enfoque nos rituais funerários.

A bioarqueologia é definida, por Larsen (2015), como o estudo dos remanescentes ósseos humanos em contexto arqueológico. O potencial oferecido, por ela, ao contexto arqueológico pode ser considerado um dos mais valiosos e desafiadores, quando, também, se leva em conta o universo simbólico do contexto funerário.

Para discutir essas questões, a pesquisa irá se fundamentar em perspectivas que valorizam os indivíduos dentro do contexto arqueológico. Para Shanks e Tilley (1994), as sociedades não existiriam sem os indivíduos e suas práticas sociais, cuja inter-relação resulta na produção de cultura material como forma de “objetificação do ser social”. Para eles, a cultura material não deveria ser concebida como um elemento passivo que reflete, meramente, as relações sociais, mas como resultante da articulação entre o social e o individual.

¹ Essa pesquisa integra o projeto “Dinâmicas culturais e processos ocupacionais na região Centro Oeste do Brasil”, desenvolvido pela Profa. Dra. Sibeli Aparecida Viana (2018) e foi realizada com bolsa de iniciação científica concedida pelo CNPq, por meio da PUC Goiás/Prope.

² As pesquisas em curso, referentes às coleções osteológicas presentes no acervo do IGPA são bastante recentes. A seleção do sítio VAU 1, como primeira coleção dessa natureza a ser sistematicamente analisada no Laboratório de Arqueologia da PUC Goiás/IGPA, representa a concretização da iniciativa científica que tem, a seu favor, a parceria com o Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva da USP.

Partimos do pressuposto da necessidade de examinar mais de um aspecto da cultura a fim de compreender o significado de cada parte das variáveis escolhidas. Assim, serão feitas considerações a partir da associação dos materiais cerâmicos com os indivíduos, articulando os aspectos sociais e os individuais. Considerarei os objetos e os indivíduos não como reflexo da sociedade, mas sim como parte ativa de sua criação.

Hodder (1986, p.148) pontua que “o conhecimento etnográfico simplesmente contribui para a imaginação histórica, incitando novas perspectivas e teorias alternativas”. Utilizarei, para incitar possíveis concepções simbólicas, dados etnográficos, tomando as devidas precauções para não traçar analogias.

Quase todas as ações praticadas por um ou mais indivíduos têm, pelo menos, dois aspectos: um técnico e outro simbólico, que, embora distintos, se conectam. As ações ou sistemas de ações em que predominam os aspectos simbólicos são chamadas de ritos (MELATTI, 2007). Arnold van Gennep (1960 *apud* MELATTI, 2007) chama as atividades cerimoniais que marcam a passagem de um indivíduo ou de um grupo social para outro, de ritos de passagem. Ele considera que um rito dessa natureza se desenvolve em três fases: ritos de separação, ritos de transição e ritos de incorporação.

A morte é considerada um rito de passagem, ela provoca reações diversas nas sociedades humanas, e cada uma delas possui um significado e uma expressão particular. “Dessa maneira, tais práticas e rituais são sempre dotados de significado e constituem escolhas não randômicas de ações sociais”. A universalidade da morte é evidente na diversidade de reações culturais produzidas por ela (METCALF *et al.*, 1991 *apud* ULGUIM, 2016, p. 110).

Os contextos funerários arqueológicos conseguem materializar partes desses ritos. Strauss (2016, p. 246) diz que, “ainda que existam rituais igualmente importantes (e.g. menarca, iniciação, casamento, nascimento etc.), nenhum deles é capaz de gerar um registro material tão evidente e facilmente acessível quanto os ritos funerários.”

Analisar contextos funerários, em arqueologia, é um trabalho complexo e compõe numerosas variáveis que devem ser selecionadas e, intrinsecamente, analisadas. Essas, por sua vez, devem estar relacionadas não só ao ritual

funerário em si, mas também aos remanescentes humanos, como metodologicamente especificarei no decorrer deste trabalho.

Exposto isso, é importante expor as fontes utilizadas neste trabalho. Não contei com auxílio dos relatórios nem croquis de campo do sítio Vau 1. A organização e a escolha do material estudado ocorreram a partir de informações das etiquetas do acervo, menções do sítio em outros trabalhos e da comunicação oral com o coordenador de campo, Prof. Dr. Altair Sales Barbosa. Além das entrevistas pessoais, o referido professor nos cedeu fotos da etapa de campo que ajudou a compreensão dos tipos de sepultamentos existentes no sítio.

Esse levantamento de informações iniciou antes do desenvolvimento da presente pesquisa. Saliento que a coleta de informações sobre o sítio Vau 1 se iniciou em 2018 por mim, a partir de pesquisas de iniciação científicas, com a orientação da Profa. Dra. Sibeli Aparecida Viana e com a coorientação do Prof. Dr. André Strauss.

A atual monografia divide-se em quatro capítulos. O primeiro traz a apresentação do sítio Vau 1 e o panorama anterior ao período colonial e arqueológico do oeste baiano, onde se buscou entender a ocupação pré-colonial a partir das tradições arqueológicas.

No segundo capítulo, é apresentado os indivíduos exumados que estavam no contexto funerário. Iniciarei com a metodologia utilizada, seguindo da descrição de cada indivíduo exumado, por cortes arqueológicos e, por último, aponta-se as características identificadas referente aos esqueletos.

O terceiro capítulo compõe as análises cerâmicas e os acompanhamentos funerários. Da mesma forma, inicia-se com a metodologia utilizada para a análise do material cerâmico, posteriormente, numa segunda parte, apresentam-se os resultados das análises para cada corte e, por fim discutirei as possíveis semelhanças com as tradições arqueológicas definidas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (1970).

No quarto capítulo, discutirei as práticas funerárias, utilizando fontes arqueológicas e etnográficas e, na medida do possível, esses dados serão dialogados e articulados com os resultados obtidos nos capítulos anteriores.

Constatai que existe um baixo número de pesquisas em sítios arqueológicos cerâmicos em contextos funerários na região Central do Brasil.

Desse modo, a presente monografia pretende colaborar com o avanço deste tema de pesquisa e dar visibilidade aos grupos humanos que ocuparam o sítio, contribuindo para a compreensão acerca das práticas culturais de enterramento de seus mortos e dos modos de produção de seus vasilhames cerâmicos.

CAPÍTULO 1

O SÍTIO VAU 1 E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL

Abrirei este capítulo com a localização, ambiente, registro histórico da região oeste baiana. Em seguida, apresentarei um mosaico arqueológico acerca das pesquisas realizadas próximo ao Vau 1.

Localização

O sítio arqueológico BA-RC-55, também denominado de Vau 1, está localizado na região oeste da Bahia, no município de Sta. Maria da Vitória (Figura 1), nas coordenadas UTM 23L 544307.75 E / 8537761.66 S. Ele faz parte de um contexto de sítios pré-coloniais referentes a grupos ceramistas, ainda sem datação. O local está inserido em um contexto regional com potencial arqueológico relevante, tendo em vista a quantidade de sítios registrada no município. Segundo o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do IPHAN, estão cadastrados 9 sítios e outros presentes em regiões circundantes.

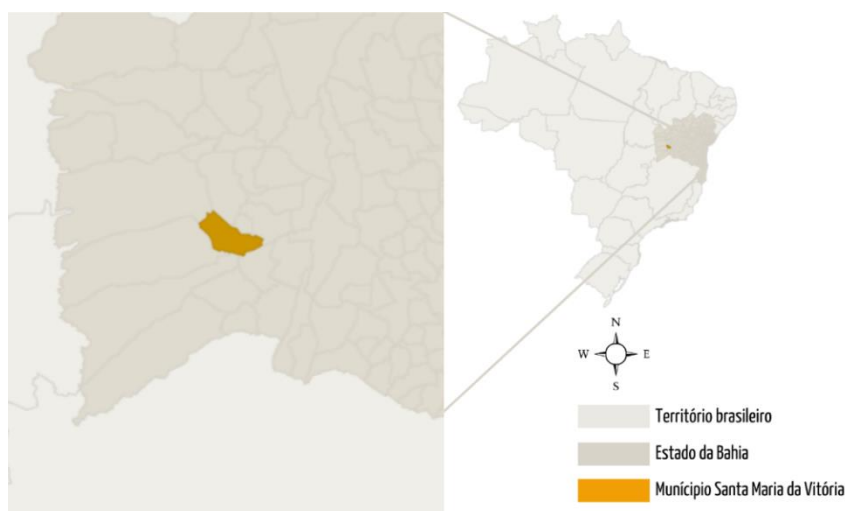


Figura 1: Localização do município de Santa Maria da Vitória/ BA. Fonte: Mod. IBGE 2021.

O sítio Vau 1 encontra-se na comunidade tradicional ribeirinha de pequenos agricultores do Vau, situada às margens do Rio do Meio (Figura 2).

Figura 3: Visualização dos corpos hídricos na região do sítio Vau 1. Fonte: Google Earth..

A pedologia da região é composta por latossolos vermelhos eutróficos e latossolos amarelos distróficos, que se referem a solos espessos, com compactação e PH variável (BRASIL, 2021; CPRM, 2008).

Esses solos possuem características químicas, com algumas limitações, pois são solos com baixa saturação de bases e alta saturação de alumínio, o que resulta numa fertilidade naturalmente baixa para o desenvolvimento de agricultura. Esse limite poderia ser contornado pelos grupos humanos do período pré-colonial com algum tipo manejo ou adubação, como é feito atualmente. Entretanto, há também na região o predomínio de Cambissolos, que ocupam grandes porcentagem da área da bacia do Rio Corrente, ressaltando que suas propriedades químicas são propícias ao uso de atividades agrícolas devido a sua fertilidade natural (SIMÕES, 2010).

No que tange às características geológicas da área, a região incorpora rochas do complexo Gnáissico-Migmatítico, depósitos aluvionares associados a sistemas fluviais; a Formação Sete lagoas, destacando-se calcários e dolomitos, rochas que podem originar cavernas e abrigos e a calcários do subgrupo Paraoepeba. Parte dessas áreas abrigadas foram selecionadas como habitação pelos grupos pretéritos que ocuparam a região.

A feição geomorfológica caracteriza-se por chapadões de altitudes que variam de 500 m a 750 m de relevo suavemente ondulado a fortemente ondulado (Figura 4 e 5) (BRASIL, 2021; CPRM, 2008).

O sítio Vau 1 está localizado em um fundo de vale, com características de solos propícias para atividades agrícolas, em uma região topográfica altamente acidentada e próxima a diversos cursos d'água (Figura 3 e Figura 5).

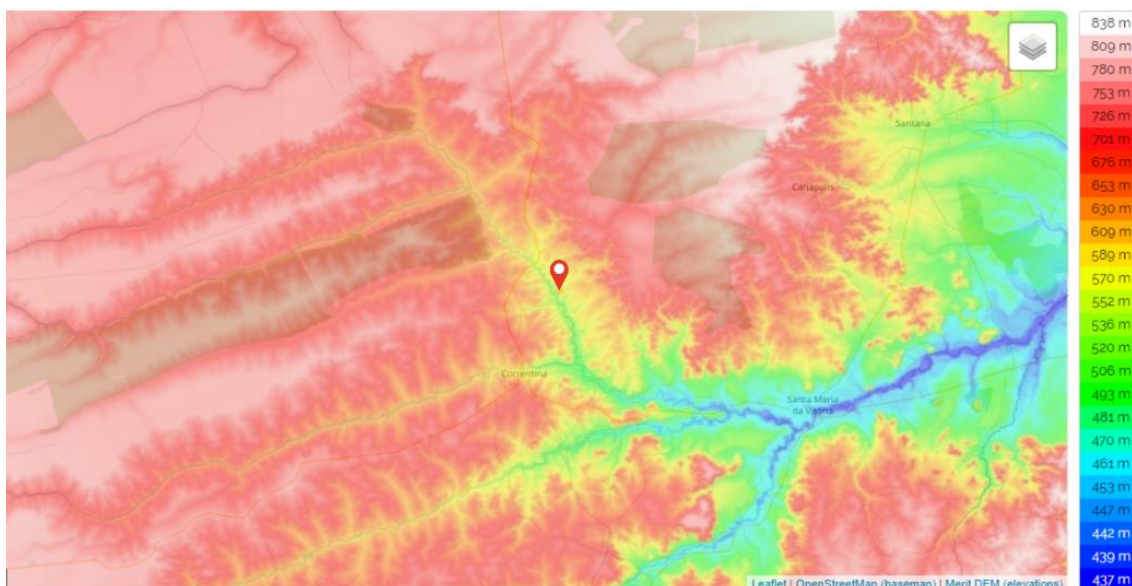


Figura 4: Mapa Topográfico. Fonte: <https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/>. Marcação indicando a localização do sítio Vau 1.

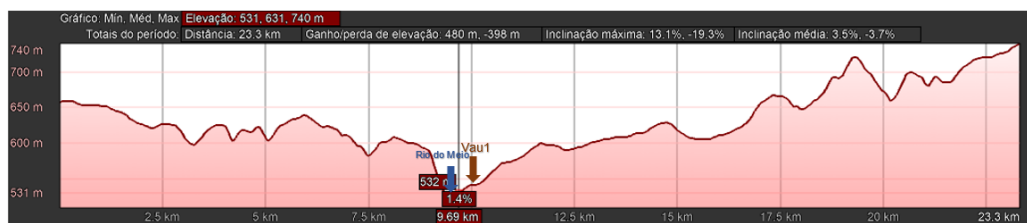


Figura 5: Perfil de elevação, 23 km contíguo ao sítio Vau 1; marcação em azul: localização do Rio do Meio e marcação em vermelho: localização do Vau 1. Fonte: Mod. Google Earth.

Quanto à vegetação na região, é constituída de dois tipos principais: o cerradão e a caatinga. O primeiro, conhecido pelo nome “Floresta Xeromorfa”, caracterizado por “uma mata mais rala e fraca” (RIZZINI, 1963; CAMPOS, 1943, *apud* FIOL, 2012), e a caatinga, caracterizada por espécies de vegetação adaptada ao clima árido, expressada pela sua caducidade (queda de folhas), por raízes profundas e folhagem adaptada para a retenção de umidade (LEAL *et al.*, 2003 *apud* FIOL, 2012).

Registro histórico de localização e escavação

O sítio foi escavado em conjuntura de salvamento, no âmbito do projeto Rio do Meio, iniciado em 1996, atualmente, desativado. Esse projeto foi desenvolvido pelo Instituto Trópico Subúmido (ITS), da PUC Goiás, sob coordenação do Prof. Dr. Altair Sales Barbosa. O material arqueológico do sítio encontrava-se em meio às residências da comunidade de Vau e em estado de alta visibilidade no solo. Atualmente, parte do material se encontra no Museu

de História Natural Raimundo Sales em Correntina – BA, e parte no acervo de arqueologia da PUC Goiás, sob gestão do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA).

A escavação do material se deu a partir do seu afloramento em superfície. Segundo as fichas de identificação do material, as coletas dos materiais arqueológicos foram realizadas por meio de “cortes”. A área delimitada por esses cortes, de acordo com o coordenador de campo Dr. Altair Sales Barbosa, foi limitada pelas dimensões das urnas cerâmicas. Ao total, conhecemos a existência de 12 cortes arqueológicos e coletas de material em superfície.

Foram recuperadas, no sítio Vau 1, urnas funerárias; vasilhames cerâmicos parcialmente íntegros, inteiros e fragmentos cerâmicos diversos; remanescentes ósseos de humanos e de animais; materiais líticos; e acompanhamentos funerários cerâmicos, líticos e zooarqueológicos. Como já mencionado na Introdução, nessa pesquisa de final de curso, iremos investigar o material cerâmico e material ósseo de esqueletos humanos.

Contextualização Cultural em Âmbito Regional

Devido à carência documental do sítio e com a intenção de alcançar uma visão mais ampla sobre a ocupação pretérita na região, procurei buscar informações que trouxessem dados acerca das ocupações humanas na região em tempos pretéritos. Considerando que o material do sítio é bem representado a partir da cultura material cerâmica, o ponto de partida para entender o panorama da região foi o levantamento bibliográfico acerca de grupos ceramistas próximos à área do sítio Vau 1.

Martin (2008, p.189) enuncia a tendência de se estudar a cerâmica em seus componentes intrínsecos, sem o uso de filiações prévias, a fim de evitar generalizações simplistas sobre os produtores desses objetos. A autora enfatiza que as filiações devem ser vistas apenas como o ponto de partida para delimitações espaço-temporais.

Seguindo essa perspectiva, irei, portanto, utilizar das tradições arqueológicas cerâmicas, criadas a partir do PRONAPA³, a fim de demonstrar quais dessas tradições pertenciam aos grupos ceramistas que ocuparam a

³ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Iniciado na década de 1960 e 1970.

região. O propósito, aqui, não é discutir os problemas relacionados às definições de tradições arqueológicas, mas sim compreender a diversidade da ocupação humana na região.

Segundo Martin (2008), a cerâmica pré-colonial, na região Nordeste do Brasil, está relacionada às tradições arqueológicas Tupiguarani e Aratu; Calderón (1971) e, mais recentemente, os trabalhos de Fernandes (2003, 2012, 2017) apontam, também, a presença de grupos humanos relacionados à Aratu no estado. Os trabalhos dão ênfase especial aos sítios Aratu, com centenas de enterramentos humanos em urnas funerárias.

Não obstante, Schmitz *et al.* (1996), ao desenvolverem o projeto Serra Geral, no sudoeste da Bahia e em parte do leste de Goiás, constataram a presença de grupos humanos vinculados à Tradição Una e à Tradição Tupiguarani. Enfatizo que os sítios trabalhados, no projeto Serra Geral, fazem parte da mesma região onde se encontra o Vau 1. Segundo os referidos autores, a ocupação na área está relacionada ao início do Holoceno, com grupos que viviam em abrigos, cuja economia se voltava à caça e à coleta; posteriormente, a região teria sido ocupada por grupos horticultores ceramistas das tradições Tupiguarani e Una. Os sítios, relacionados a essas tradições, estão localizados, principalmente, em áreas abertas, observando que a Tradição Una, nessa região, ocorre, também, em abrigos.

À vista dessas informações, ressalto que no território baiano estão presentes as tradições arqueológicas Aratu, Tupiguarani e Una. A seguir, serão apresentadas características gerais dessas tradições.

Uma vez que estou realizando um levantamento bibliográfico sobre as ocupações pretéritas na região, referentes a épocas anteriores ao período histórico, considero importante, também, elaborar uma investigação, ainda que sucinta, acerca da presença de grupos indígenas registrados na região após à chegada dos europeus ao Brasil.

Enfatizo que não irei realizar uma analogia entre os grupos indígenas de registro etno-histórico com contextos humanos do passado, materializados nos sítios arqueológicos. De outro modo, essas informações subsidiarão indagações que possam ser pertinentes para as interpretações arqueológicas futuras.

Segundo Melatti (2007), a diversidade cultural indígena, no Brasil, é grande, e esses grupos passaram por períodos de declínios, considerados verdadeiros genocídios, e de aumentos populacionais após a chegada do colonizador no território. No início do século XX, Nimuendaju (1944) elaborou um mapa com a distribuição dessas populações, no Brasil. De acordo com o mapa, habitavam a bacia do Rio Corrente os grupos Acroá (Figura 6). Posteriormente, Melatti (2007, p. 53) também preparou um mapa com a distribuição dessas populações conforme distinções étnicas e, segundo ele, no sudoeste baiano, se encontra a etnia Pancaru.

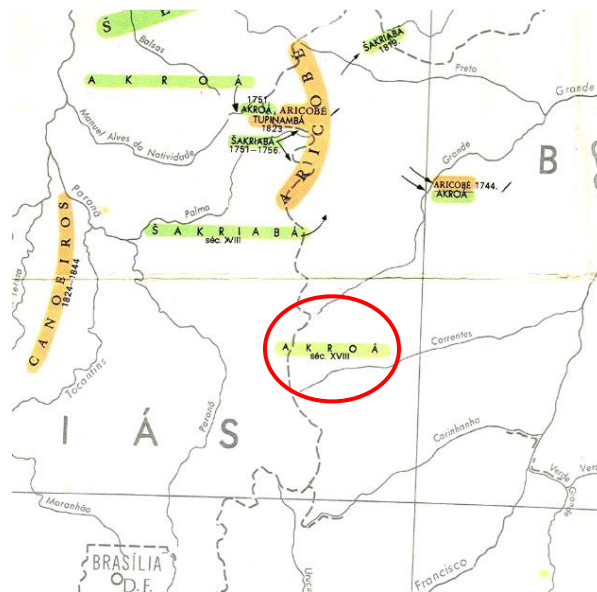


Figura 6: Mapa etno-histórico do Brasil. Marcador indicando grupos Acroá. Mod. de Nimuendaju, 1981.

Estima-se que, antes da colonização europeia no Brasil, o número de línguas indígenas, no país, era mais do que o dobro do atual, cerca de 170 línguas. Os Acroás pertencem ao grupo linguístico Macro-Jê “... grupos indígenas filiados à família Jê e à língua acuem (...) seus representantes mais conhecidos são os Acroás, Xacriabás, Xavantes e Xerentes” (PEDROSO, 1994, p. 21)

Quanto aos Pancaru, não foi possível identificar seu tronco linguístico, só havia um falante da língua, o patriarca Apolônio Kinane, que não ensinou a língua a seus filhos (PEREIRA, 2013). Isto posto, podemos perceber que a região, no período posterior à chegada do europeu, era habitada por grupos falantes do tronco linguístico Macro-jê.

Dito isso, continuarei com as características gerais das tradições arqueológicas constatadas, previamente, no sudoeste baiano.

Tradição arqueológica Aratu

No que diz respeito à Tradição Aratu, os sítios estão localizados a céu aberto. Alguns apresentam disposições de manchas de terra preta, em formato anular, caracterizando assentamentos de habitação, com aldeias de até três anéis concêntricos. Com relação aos sepultamentos, as áreas próximas aos espaços residenciais podem desempenhar, também, a função de locais para enterramento dos indivíduos (WÜST, 1983).

Estão comumente alocados nas proximidades de córregos e com uma implantação preferencial por áreas planas ou de inclinação leve. É comum a ocorrência de sítios com enterramentos humanos, principalmente, na Bahia, particularizados pela ocorrência de recorrentes urnas periformes (OLIVEIRA, VIANA, 1999; SOARES, 2012).

Quanto às características do material cerâmico, há uma grande diversidade, em que prevalecem os vasilhames periformes, mais ou menos globulares e de contornos simples; havendo, também, a presença de peças geminadas e fusos de cerâmica. As urnas funerárias são consideradas “fosseis guias”; para essa tradição, podem chegar até 1 metro de diâmetro e poderiam servir, também, como recipiente de armazenagem antes da função cerimonial (SCHMITZ, ROGGE, 2008; FERNANDES, 2003).

No que se refere às bordas, de modo geral, elas são diretas, com constrição na boca, lábios arredondados, raramente aplanados e bordas onduladas (quando incluso o grupo Sapucaí com fusos e cachimbos tubulares (PROUS, 1992; SCHMITZ, ROGGE, 2008.) A técnica de manufatura predominante é caracterizada pela justaposição de roletes. O aditivo é composto por hematita, areia grossa e cariapé vegetal; a quantidade deles é variável entre os sítios (MARTIN, 2008).

Estão classificadas enquanto vasilhames sem decoração interna ou externa, limitando-se, em alguns casos, apenas a um corrugado ondulado em suas bordas, com algumas inscrições de grafite, que se reservam às urnas funerárias da fase Itanhém no Recôncavo Baiano. O tratamento de superfície costuma ser o alisamento, e algumas vasilhas são cobertas externamente por

um banho de tinta vermelha, ou enegrecidas por fuligem antes de serem polidas (PROUS, 1992; MARTIN, 2008; SCHMITZ, 2008).

Fernandes (2020) fez um levantamento em âmbito nacional em relação às fases presentes à Tradição Aratu, conforme estabelecidas nos anos 1960, sendo elas: Mossâmedes (Goiás e Tocantins); Aratu, Itanhém (Bahia); Guarabu, Jacareípe, Itaúnas (Espírito Santo) e Jaraguá, Sapucaí (Minas Gerais). Cada uma delas se distingue por características que foram agrupadas regionalmente, como mostrado acima. A região baiana compreende as fases Aratu e Itanhém (FERNANDES, 2020 p. 593-612).

As datações para a tradição são poucas. A mais antiga está no Sítio Guipé, no Recôncavo Baiano, com a data de 1080±90 AP (CALDERÓN, 1969), e a mais recente, na Região Central, do Espírito Santo, com a datas de 170±75 AP e 220±75 ES-VI-2 (PEROTA, 1975 *apud* FERNANDES, 2020).

Tradição Tupiguarani

No que concerne à Tradição Tupiguarani, os sítios são localizados em assentamentos a céu aberto; normalmente, estão próximos a rios e a córregos, com preferência a terrenos planos ou levemente inclinados. Quanto à morfologia dos assentamentos, os portadores dessa não seguiam um modelo espacial específico (SCHMITZ, BARBOSA, 1985; BARRETO, 2011).

Registram-se vasilhames que possuem formas esféricas, pratos rasos e tigelas, cujos diâmetros oscilam entre 10 e 80 cm (MARTIN 2008; BROCHADO, 1981). Diferente do que ocorre na Tradição Aratu, a presença de decorações é um atributo marcante da Tradição Tupiguarani. Ela possui pintura policrômica, apresentando desenhos, nas cores vermelha, branca, cinza e preta, sobre engobo branco ou vermelho; quanto à decoração plástica, esta pode ser unglada, entalhada e canelada. Os tratamentos de superfície são variados, podendo ser feitos por alisamento, corrugamento, escovado, além de aplicação de engobo - um único vasilhame pode conter a combinação de várias técnicas (CHMYZ, 1976; SOUZA, 1997).

As bases dos vasilhames Tupiguarani possuem, normalmente, fundos planos ou suavemente curvos; suas bordas são extrovertidas, de perfil cambado, reforçadas externamente, e os lábios ovais ou quadranguloides (CHMYZ, 1976; SOUZA, 1997)

A técnica de manufatura mais comum é a acordelada, e o aditivo é composto, em geral, por caco moído, acompanhado por grãos de areia fina ou grossa e por grânulos de argila. A queima é feita a fogo redutor ou incompleto a céu aberto (CHMYZ, 1976; SOUZA, 1997; BROCHADO, 1981; MARTIN; 2008).

As urnas funerárias Tupiguarani são diferentes das Aratu nas formas e nas dimensões, pois são menores, com formas mais esféricas (PONTIM, 2011).

Quanto às datações, as mais antigas estão nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Com áreas ocupadas por falantes das línguas Tupi-guarani (Guarani e Tupinambá), há, pelo menos, 1.000 A.P. e, em alguns pontos (Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Departamento de Chuquisaca, Bolívia), a mais de 1.500 A.P. (LIMA, PROUS, 2008, p. 23).

Tradição Una

A Tradição Una apresenta uma das cerâmicas mais antigas do Brasil fora da Amazonia, que tem datações por volta de 3.500 anos A.P. Os sítios estão em grutas, abrigos e sítios abertos (SENE, 2011). Segundo Barbosa *et al.* (2014), as cerâmicas provenientes de sítios localizados no cerrado estão relacionadas às fases: Jataí, Palma, Jaborandi e Piumhi.

Em relação à cultura material cerâmica, ela é caracterizada por vasilhames pequenos globulares e periformes, composta, majoritariamente, por formas fechadas e paredes finas. Suas bases possuem fundos convexos; nas bordas, prevalecem lábios arredondados e há uma raridade de bordas extrovertidas; em alguns locais, aparecem vasos com gargalo alongado. (MACHADO *et al.*, 1994; DIAS JR., 1975; WÜST, SCHMITZ, 1975)

Quanto à decoração, os vasilhames podem possuir engobo branco ou vermelho, colorações escuras e raras decorações plásticas. Na técnica de manufatura, são evidenciadas as peças menores, feitas por modelagem, e peças maiores, feitas por roletes; o aditivo predominante é o mineral, cariapé, e, em alguns locais, ainda apresenta o caco moído (JÚNIOR, 2009; PROUS, 2019).

Os tratamentos de superfície mais comuns são o alisamento e o polimento da superfície; sendo, o último, comum após o esfumamento da

peça, deixando-a, assim, com a coloração preta (GUIRMARÃES, 2007; HENRIQUES, 2006; DIAS JR, 1975).

Análise de Sítios na Região Oeste da Bahia

A partir desse breve resumo no qual expus as características das três tradições arqueológicas, constituintes da dinâmica ocupacional da região do oeste da Bahia, durante o Holoceno recente, venho, doravante, complementar os dados, com uma análise que compreende trabalhos pontuais desenvolvidos na região oeste da Bahia. Para isso, caracterizarei pesquisas específicas desenvolvidas na área ou de interesse direto para o presente trabalho, sendo eles: o Projeto Serra Geral (SCHMITZ *et al.*, 1996); Projeto de Levantamento, Salvamento e Monitoramento Arqueológico da Ferrovia de Integração Oeste Leste Figueirópolis/TO – Ilhéus/BA (FIOL, 2018, 2019); o sítio Vau 2 (SILVA, 2004; RESENDE, 2020) e a dissertação de mestrado, intitulada Os Sepultamentos do Sítio Aratu de Piragiba- BA (FERNANDES, 2003).

Projeto Serra Geral (SCHMITZ et al, 1996)

O projeto Serra Geral, desenvolvido, na década de 1990, por Schmitz e colaboradores, abrangeu as regiões do sudoeste do estado Bahia e parte leste do estado de Goiás. Os sítios estudados, no território baiano, foram divididos em 6 categorias: (1) sítios do rio Correntina; (2) sítios do rio Pratudão/Formoso; (3) sítios do baixo curso do rio Correntina; (3) sítios das proximidades do rio Corrente; (4) sítios do Morro Furado, Serra do Ramalho; (5) sítios fora do canyon e (6) sítios localizados no interior do canyon.

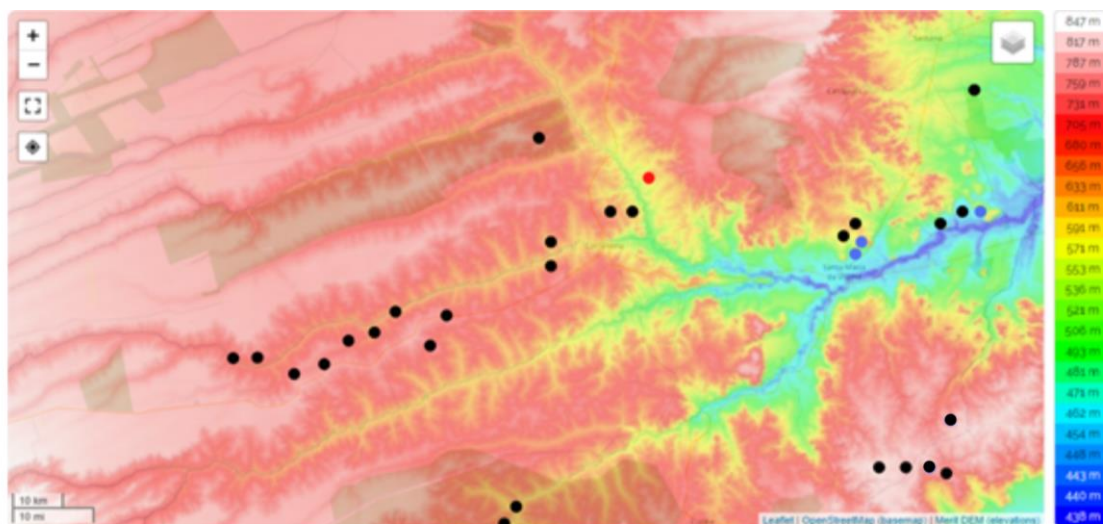
De acordo com as delimitações feitas pelos autores, o conjunto de sítios do rio Correntina⁴ diz respeito a sítios líticos a céu aberto, representados por locais de exploração e por preparação de matéria-prima; muitos deles, acompanhados de petroglifos. Esses sítios pré-cerâmicos estão localizados em abrigos pouco profundos e totalmente iluminados; os assentamentos se deram em áreas enfurnadas ou ao longo dos paredões.

⁴(BA-RC-13; BA-RC-14; BA-RC-15- BA-RC-16; BA-RC-17; BA-RC-18; BA-RC-19; BA-RC-20; BA-RC-21; BA-RC-22; BA-RC-23 e BA-RC-24).

No que diz respeito ao conjunto de sítios do baixo curso do rio Correntina⁵, nas proximidades do rio Corrente⁶ e aqueles localizados fora do canyon⁷, apresentam objetos cerâmicos das tradições Una e Tupiguarani. É relevante pontuar que, de todo esse complexo estudado no projeto (40 sítios), apenas três sítios estão localizados a céu aberto. Para melhor visualização, trouxe um mapa com os sítios do projeto Serra Geral, em que o sítio Vau 1 (BA-RC-55) foi acrescentado (Figura 7A e 7B).



Figura 7A: Mapa de distribuição dos sítios do Projeto Serra Geral (SCHMITZ, 1996). Pontos em preto indicam sítios em abrigo; pontos amarelos indicam os sítios cerâmicos a céu aberto; ponto em vermelho indica o sítio Vau 1. Fonte: Mod. de Schmitz *et al.*, 1996).



⁵(BA-RC-25; BA-RC-26 e BA-RC).

⁶(BA-RC-33; BA-RC-31; BA-RC-31 A; BA-RC-43; BA-RC-46; BA-RC-45; BA-RC-32; BA-RC-47 e BA-RC-44).

⁷(BA-RC-51; BA-RC-52; BA-RC-53; BA-RC-49; BA-RC-54 e BA-RC-28).

Figura 7B: Mapa topográfico, altitude, relevo com os sítios do Serra Geral. Marcações em preto: sítios em abrigo; marcações em azul: sítios a céu aberto e marcação em vermelho: sítio Vau 1. Fonte: Mod. <https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/>.

Podemos perceber que o sítio Vau 1 se encontra mais próximo aos sítios em abrigo, que possuem características da cerâmica Una (Figura 8A e 8B), embora nem todos eles tenham sido estabelecidos, enquanto Tradição Una pelos referidos autores, devido à falta de representatividade material. Tais sítios são compreendidos pelos autores como locais de ocupação sazonal:

Quando tentamos reconstituir o padrão-de-assentamento do grupo temos de pensar a área da caatinga como um território em que a população frequenta os sítios em rodízio, acampando ora num, ora noutro abrigo, ou conjunto de abrigos (Schmitz et al., 1996, p. 183).

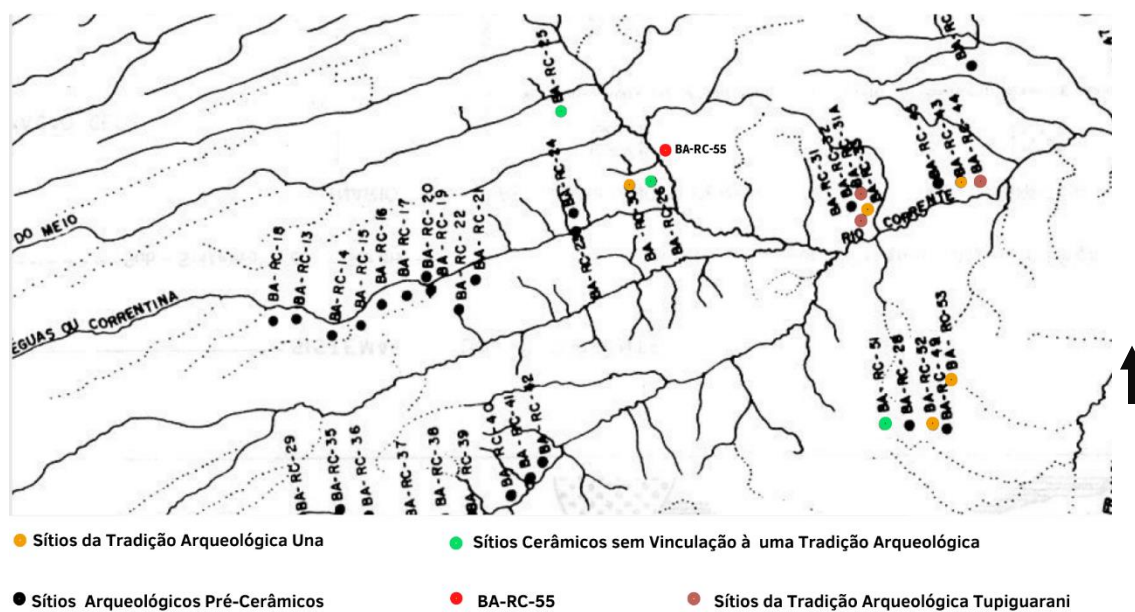


Figura 8A: Mapa de distribuição dos sítios do Projeto Serra Geral.; pontos indicando todos os sítios cerâmicos do complexo arqueológico. Fonte: Mod. de Schmitz et al., 1996).

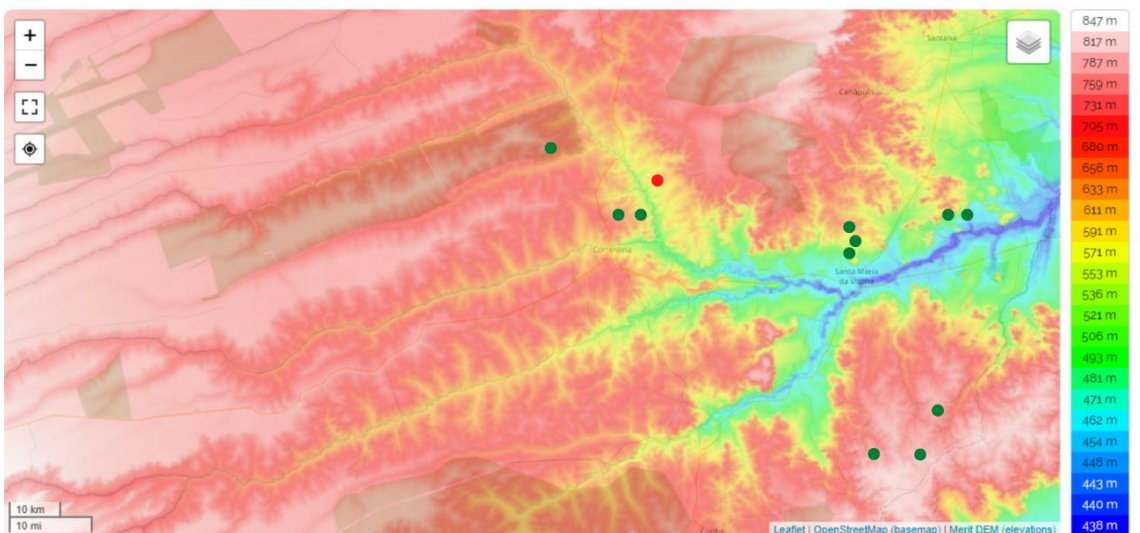


Figura 8B: Mapa topográfico, altitude, relevo dos sítios do Serra Geral.; marcações em verde: sítios cerâmicos do Projeto Serra Geral; marcação em vermelho: sítio Vau 1. Fonte: Mod: <https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/>.

Os mapas topográficos demonstram a existência de sítios a céu aberto, majoritariamente, em fundos de vale. Também, percebe-se que o Vau 1 é o único próximo às áreas mais acidentadas da região e a sítios da tradição cerâmica Una. A ocorrência Tupiguarani ocorre em locais onde o território diminui de altitude.

Sobre a cerâmica Una presente nos sítios do projeto Serra Geral, seus vasilhames apresentam antiplástico de areia média e fina de quartzo; queima oxidante incompleta; bordas simples e diretas não reforçadas; paredes relativamente finas; lábios arredondados e diâmetro da abertura dos vasilhames, entre 12 e 13 cm; vasilhames abertos, fechados, alguns com pequenos gargalos; bases convexas; cor de paredes castanho, vermelho ou cinza escuro e pertencem ao conjunto de formas A (Figura 9).

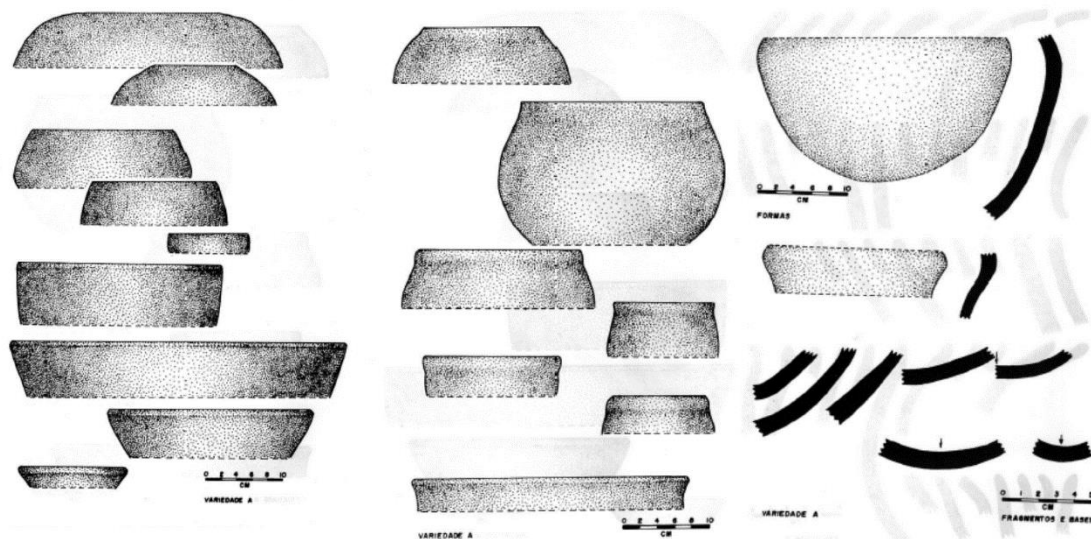


Figura 9: Reconstituições cerâmicas do conjunto A (SCHMITZ *et al.*, 1996).

Schmitz *et al.* (1996) sugerem que as ocupações ceramistas, nos sítios cobertos, estão relacionadas aos grupos ceramistas que ocuparam as regiões locais a céu aberto. Quanto a esses sítios, os autores observam que eram grupos pouco numerosos quando comparados a outros sítios ceramistas a céu aberto. Eles consideram a contemporaneidade e o reaproveitamento do território por esses grupos, além de entenderem que os sítios Una da região estariam relacionados à fase Jaborandi.

Os autores, ainda, enfatizam que a fase Jaborandi estaria relacionada a um amplo conjunto de assentamentos distribuídos pelos cerrados do Centro e Nordeste, localizados em áreas acidentadas, longe dos locais onde são característicos os sítios da tradição Aratu e próximos da tradição Tupiguarani, com os quais teriam mantido algum contato no oeste baiano.

Quanto às características da cerâmica Tupiguarani no Serra Geral, são constituídas por pastas cerâmicas temperadas por caco moído; os fragmentos denotam queima incompleta de seção transversal, com presença de núcleos escuros; paredes de cor castanho com alisamento; bocas constrictas, bordas com reforços externos, bordas extrovertidas; vasilhames abertos infletidos e paredes de 1,5 cm (Figura 10).

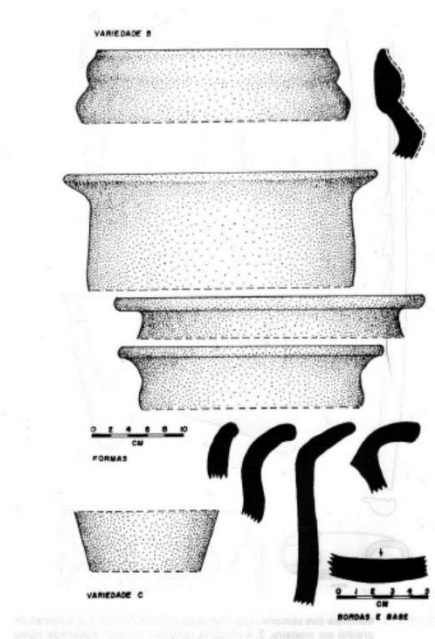


Figura 10: Reconstituições cerâmicas do conjunto B e C (SCHMITZ *et al.*, 1996).

Schmitz *et al.* (1996) expõem, ainda, que as duas tradições teriam sido contemporâneas, tendo, uma, adentrado o território da outra:

“Como a cerâmica de tradição Una se encontra nos abrigos e em mais dois sítios superficiais, tem-se a impressão de que seus portadores teriam sido, em tempos recentes, os donos da área. A fraca ocupação Tupiguarani teria sido então, intrusiva. Não são raras pequenas intrusões de grupos portadores da tradição Tupiguarani, subtradição Pintada ou subtradição Corrugada, em territórios dominados por outros grupos ceramistas, onde vão ocupar pequenos nichos pouco aproveitados, contactar com outras populações ou mesmo se assentar junto a elas” (SCHMITZ *et al.*, 1996, p.188).

Os Sítios Arqueológicos da Vertente Goiana⁸

Ainda sobre o projeto Serra Geral, mas, agora, na região de transição com o estado de Goiás, foram encontrados, no sítio GO-PA-64, sepultamentos localizados à superfície – alguns, em urnas; outros, em covas rasas. Foram realizadas escavações em três locais, e os sepultamentos encontrados foram denominados de sepultamento 1, 2 e 3 (SCHMITZ *et al.*, 1996, p. 20).

Segundo Schmitz *et al.* (1996), o Sepultamento 1 estava relacionado a material cerâmico proveniente de cinco vasilhames. Esses não apresentavam

⁸ GO-PA-64; GO-PA-65; GO-PA-66.

decoreção ou engobo, com exceção de um recipiente menor, com decoreção pintada na borda e nos ombros, que servia de tampa, em cor vermelho vinho, sobre engobo branco. O maior vasilhame apresenta forma fechada independente infletida; borda extrovertida e base arredondada um pouco apontada; continha fragmentos de crânio e ossos longos de um indivíduo idoso (Figura 11).

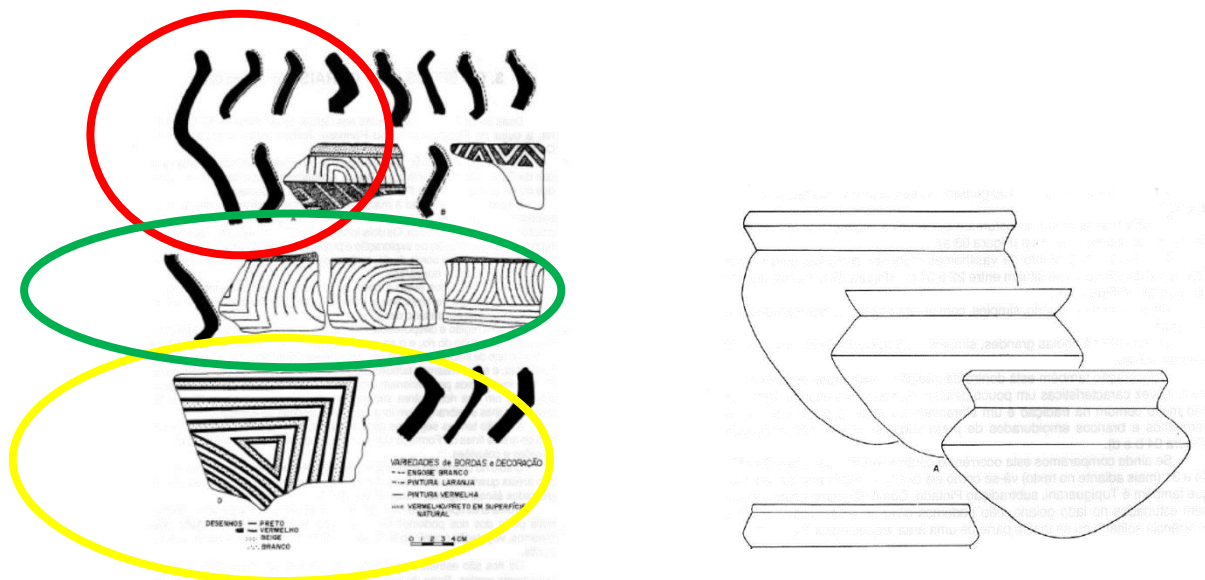


Figura 11: Bordas e fragmentos de cerâmica Tupiguarani do sítio GO-PA-64 e GO-PA-67; destaque em vermelho para a pintura do vasilhame relacionado ao sepultamento 1; destaque em amarelo para a pintura do vasilhame relacionado ao sepultamento 2; destaque em verde para a pintura do GO-PA-67. Vasilhames à direita: reconstituições do vasilhame onde estavam os ossos do indivíduo do sepultamento 1 (Mod. de SCHMITZ *et al.* 1996).

No Sepultamento 2, havia material correspondente a três vasilhames, além da urna funerária, sendo uma vasilha menor que servia de tampa e apresentava engobo branco (Figura 12). O maior vasilhame apresentava forma aberta composta; borda extrovertida de contorno infletido; e base arredondada, um pouco apontada. Nele não havia nem engobo nem pintura, mas continha fragmentos ósseos de três indivíduos: um jovem adulto, possivelmente do sexo feminino, e duas crianças.

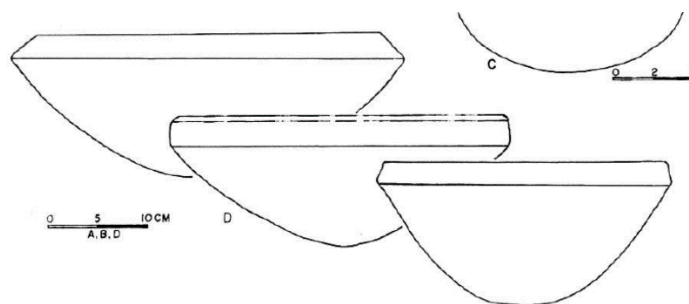


Figura 12: Reconstituições do vasilhame associado ao sepultamento 2 (Mod. de SCHMITZ *et al.*, 1996).

O Sepultamento 3 apresentava-se associado a material correspondente, provavelmente, a três vasilhames. O maior vasilhame não possui decoração ou engobo, enquanto os dois menores apresentavam decoração pintada. Os dados relativos a esse sepultamento não são suficientes para caracterizar os vasilhames. Quanto ao material ósseo humano, são escassos, e, segundo os autores, pertenceram a um indivíduo de idade avançada.

A presença Tupiguarani e Una na região está bem marcada no Projeto Serra Geral. Essa compreensão desenvolvida, através dos dados provenientes do projeto, é importante para entender a cultura material do sítio Vau 1, visto a carência documental do sítio. Veremos, no capítulo 3, como as características da cerâmica dos sítios, no Serra Geral, também, se apresentam nos enterramentos do Vau1.

Projeto de Levantamento, Salvamento e Monitoramento Arqueológico da Ferrovia de Integração Oeste Leste Figueirópolis/TO–Ilhéus/BA (FIOL, 2018)

Esta pesquisa faz parte de um salvamento que cobre toda a área da futura Ferrovia de Integração Oeste Leste (FIOL), que se inicia no município de Ilhéus/BA e se estende até Figueirópolis/TO⁹.

O salvamento passa pelos municípios de Santa Maria da Vitória, Correntina e Coribe, que correspondem a áreas próximas ao Vau 1. A região que compõe esses municípios está denominada como “Lote 6 Subtrecho F”, que compreende o total de 14.000 km. O referido Lote contempla a divisa entre

⁹Executado pelas empresas: Fundação Aroeira e VALEC – Engenharia, Construções e Ferrovias S.A.

os municípios Correntina e Santa Maria da Vitória e os municípios de São Felix do Coribe e Santa Maria da Vitória. Nele, foi identificado um total de 17 sítios arqueológicos - 3 litocerâmicos, 10 líticos e 4 históricos (Tabela 1).

Tabela 1: Sítios identificados no Lote 6 Subtrecho F, e tipologia de cultural material

NOME	CLASSE
SÍTIO ARQUEOLÓGICO 1	Lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO 2	Lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO 3	Lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO 4	Lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO 5	Lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO 6	Litocerâmico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO 7	Lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO 8	Lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO 9	Lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO 10	Lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO CORREDOR 1	Litocerâmico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO CORREDOR 2	Litocerâmico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO SEU NAZIM	Lítico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO CAATINGA	Histórico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO BOA VIDA	Histórico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO FERREIRO	Histórico
SÍTIO ARQUEOLÓGICO MUTUM	Histórico

Fonte: Projeto de Levantamento, Salvamento e Monitoramento Arqueológico da Ferrovia De Integração Oeste Leste Figueirópolis/TO– Ilhéus/BA, 2018.

Os sítios líticos dizem respeito a ocupações pré-coloniais a céu aberto, que apresentam os seguintes materiais: instrumentos, núcleos e lascas. Os sítios históricos, também, se localizam a céu aberto, são unicomponenciais, sendo que alguns apresentam também material pré-colonial. No que se refere aos litocerâmicos, trago, a seguir, suas características.

Sítio Arqueológico 6 - trata-se de um sítio com pouco material arqueológico; sua profundidade é de 10-20 cm, contendo três fragmentos cerâmicos e dez peças líticas. Sobre o material cerâmico, todos os fragmentos são de paredes, apresentando superfícies (interna e externa) alisadas; queima oxidante (alaranjada e parda) e nuclear (núcleo redutor com faces oxidantes; antiplásticos de areia e hematita com espessura fina (<1mm); um exemplar

contém a ocorrência, em baixa quantidade, de caco moído (FIOL, 2019, p. 1074-1076).

Sítio Arqueológico Corredor 1 - composto por peças líticas (1 bigorna, lascas e estilhas de sílex) e uma urna cerâmica retirada pelo proprietário do local (Figura 13). Segundo os autores, o proprietário explicou que ele escavou a urna no barranco, em 1º de janeiro de 2012, e ela continha restos ossos humanos que ele guardou em sua propriedade. Deduziu-se que ela foi enterrada em uma cova de 1,0 a 1,60 m de profundidade).



Figura 13: Urna funerária do sítio arqueológico corredor 1. Fonte: FIOL, 2019.

A cerâmica apresenta antiplástico em areia (quartzos não angulosos). Algumas peças com a presença de caco moído; a técnica de manufatura utilizada através da sobreposição de roletes; suas queimas foram agrupadas em núcleo escuro e faces claras, em núcleo claro e faces escuras e em face interna escura e externa clara.

O tratamento de superfície compõe as técnicas: alisado, enegrecido e utilização de engobo (branco), sendo que os dois últimos podem ser considerados como atributos decorativos, uma vez que, além de seu aspecto funcional, de impermeabilização da peça, produzem alteração significativa da coloração da superfície. Com relação às bordas, possuem lábios arredondados

e planos com reforço externo; morfologia aberta simples (uma reconstituição) e fechada multiflecionada ou complexa (foram realizadas duas reconstituições).

E, por fim, o sítio possui características da Tradição arqueológica Tupiguarani. No que diz respeito aos remanescentes ósseos, esses pertencem a um único indivíduo adulto (FIOL, 2019, p. 1334-1337).

Sítio Arqueológico Corredor 2 – no sítio, foram realizadas 89 sondagens, sendo evidenciados vestígios arqueológicos somente em 49 delas. Os vestígios arqueológicos são compostos, em sua maioria, por fragmentos cerâmicos e por algumas lascas líticas. Foram encontrados a uma profundidade média de 20 cm, sendo que, em duas sondagens, foi possível verificar vestígios arqueológicos em até 60 cm de profundidade.

A cerâmica encontrada, no sítio, não apresenta decorações, são fragmentos simples; alguns, com marca de uso (fuligem), sendo compostos por bordas e paredes. Dentre os antiplásticos, estão: quartzo, mica, hematita, feldspato, caco moído, areia e vegetal; percebe-se a técnica de manufatura por uso de roletes no tratamento de superfície: identificou-se, na face interna, a ocorrência de alisamento, polimento e enegrecimento, além de uma peça sem tratamento. Na face externa, notou-se a recorrência do alisamento, enegrecimento e uma peça sem tratamento de superfície do vasilhame, bem como o aparecimento de escovado.

As queimas são representadas por diversas variantes (sete tipos de queima), sendo provenientes de atmosferas estáveis, nas quais não há variação dos gases presentes, produzindo uma seção transversal de coloração homogênea.

Foram identificadas duas peças com presença de decoração, uma vez que se considerou o escovado como tratamento de superfície. A decoração identificada consiste em ondulações na superfície externa de ambas as peças, a qual se denominou como uma variação da decoração acanalada e, por fim, as formas do sítio estão entre as categorias: aberto simples, fechado simples e fechado independente. Os autores concluem que este sítio seja uma extensão do sítio arqueológico Corredor 1, também relativo à tradição Tupiguarani (FIOL, 2019, p. 1380-1393).

O Projeto FIOLE aponta a presença cerâmica Tupiguarani. Foram identificados mais sítios líticos do que cerâmicos, característica, também, observada por Schmitz *et al.* (1996). Entretanto, não há menção da Tradição Una entre os sítios da Ferrovia. O projeto não passou, ainda, pela região mais a oeste da bacia do rio Corrente, que é o local onde se localizam os sítios da Tradição Una no Projeto Serra Geral.

Os Sítios Vau 2 e Vau 3 (SILVA, 2004; RESENDE, 2020)

O trabalho de Silva (2004) foi de extrema valia para o entendimento do sítio Vau 1, assim como, a partir dele, conseguimos mais informações referentes ao Projeto Rio do Meio. O sítio Vau 2 se encontra a 4km do sítio Vau 1. Nele foram recuperados materiais cerâmicos, ósseos humanos e contas de colares, e, segundo Raquel Silva (2004), os vasilhames se assemelham à tradição arqueológica Aratu/Sapucaí.

Conforme Silva (2004), o resgate, no sítio Vau 2, se limitou ao salvamento de três urnas (A, B e C) e de um vasilhame, localizados em uma área erodida por passagem de gado. Pela documentação fotográfica, pudemos perceber que os vasilhames apresentavam bordas de espessura normal (direta), com abertura da boca fechada simples. De acordo com a descrição da autora, os recipientes apresentam cor marrom avermelhada, com antiplástico mineral; a espessura dos fragmentos varia entre 0,5 cm e 0,7 cm; e apresentam marcas de esfumamento na parte interna. Não há informações quanto às técnicas de manufatura.

Ademais, consta no referido relatório, que foram recuperados na urna A, remanescentes ósseos humanos e peças de colar, sendo elas, contas de formas arredondadas com orifícios centrais. Essas foram feitas a partir de sementes que se assemelham às plantas *Scleria pterota Prosl*, conhecidas popularmente, como capim-navalha de mico.

No que diz respeito ao sítio Vau 3, foi descrito por Barbosa, como um sítio que apresentava material cerâmico, disposto abaixo de um paredão, com gravuras rupestres, localizado a 1 km de distância do Vau 1 (RESENDE, 2020). Essas são as únicas informações que temos em relação a esse sítio.

O Sítio de Piragiba (FERNANDES, 2003)

Fernandes (2003), em sua tese de mestrado, apresenta o sítio arqueológico de Piragiba, que se encontra no município de Muquém do São Francisco, localizado, aproximadamente, a 143 km do Vau 1 (Figura 14). Podemos perceber que, em relação aos sítios mencionados anteriormente, esse é o que mais se afasta da região. Todavia, como Silva (2004) menciona, a similaridade do material do Vau 2 com Tradição Aratu e o fato de Piragiba se tratar de um sítio Aratu com sepultamentos, considero válido incluí-lo na investigação.

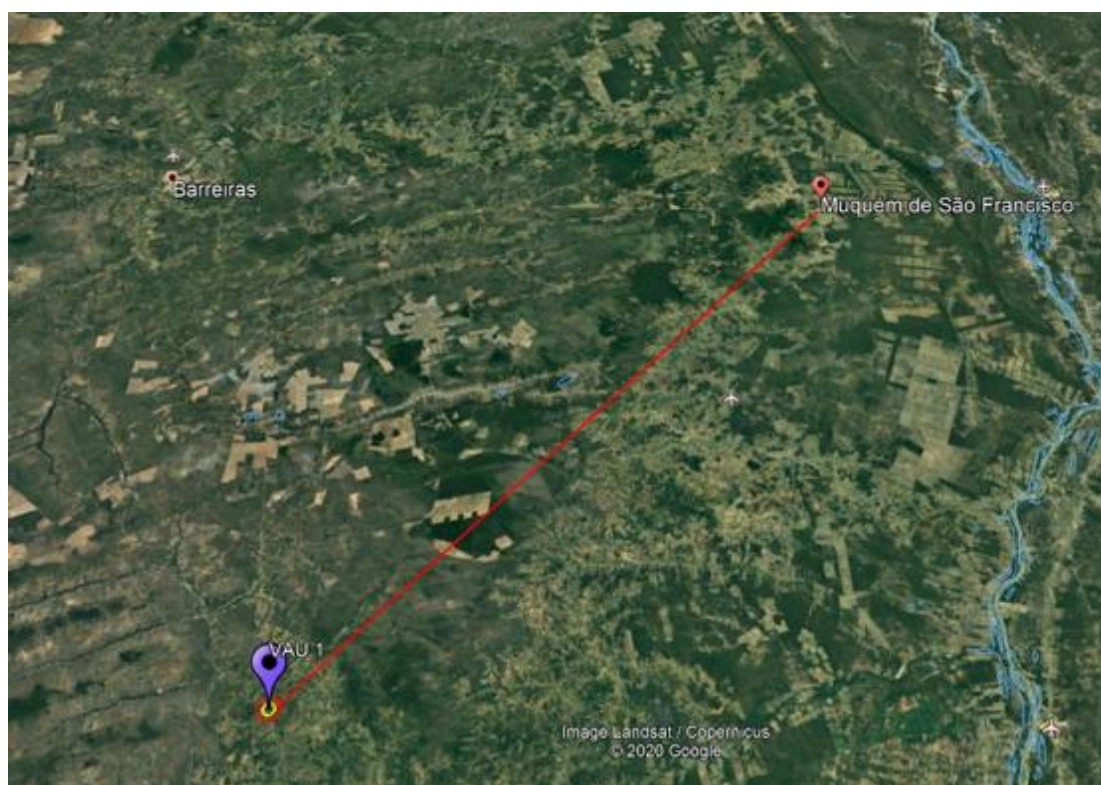


Figura 14: Localização do sítio Vau 1, e localização do município de Muquém do São Francisco (aproximadamente, 147 km de distância). Mod. de Google Earth, acessado em 04/2021.

Piragiba trata-se de um sítio a céu aberto, localizado no município de Muquém do São Francisco, na Praça de Piragiba, região oeste do Estado da Bahia. Foi considerado, por Fernandes (2003), como um sítio habitação. Nele, foram encontrados 120 enterramentos. Desse total, 64 puderam ser escavados. Eles se encontravam na periferia das residências e próximos às praças centrais do sítio. Os materiais estavam em diferentes profundidades, variando entre 40 cm, 60 cm, 90cm.

No que se refere aos recipientes utilitários, foram descritos como mais frequentes as formas globulares e hemisféricas, seguidas dos vasos em forma de tigelas de pouca altura, semelhantes a pratos. Elas não possuem decoração sobre as suas superfícies externas, que são alisadas.

A técnica da manufatura é através do acordelamento; as paredes são finas e bem alisadas, têm de 5 a 10 mm em média; os antiplásticos são compostos, majoritariamente, por minerais, e as peças mostram tonalidades que vão do vermelho tijolo ao café.

Já as urnas são, sempre, e, invariavelmente, periformes, tanto as grandes, destinadas aos adultos, como as pequenas, provavelmente dedicadas às crianças (Figura 15), com dimensões do menor vasilhame com 25 cm de altura, 33 cm de diâmetro máximo e 21 cm de abertura; até o maior, com 71 cm de altura e 59 cm de diâmetro máximo.

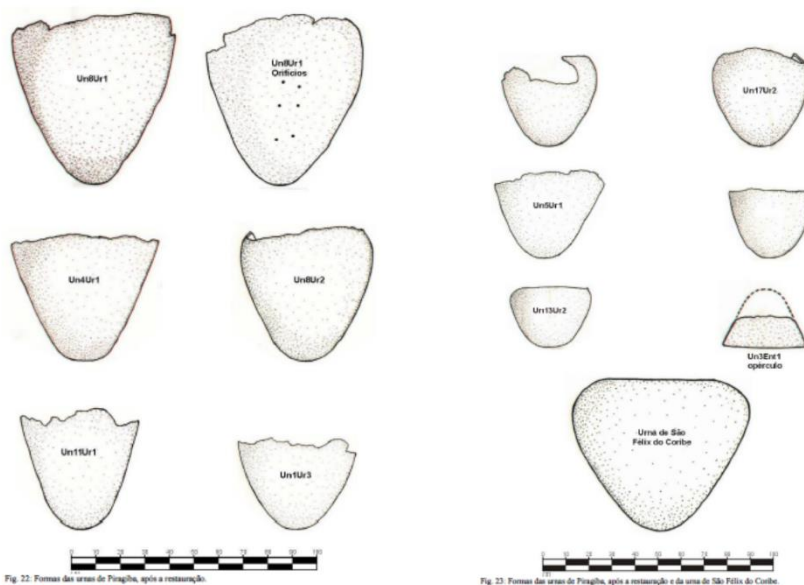


Figura 15: Formas das urnas de Piragiba (FERNANDES, 2003).

Sepultamentos de Piragiba

Em relação aos sepultamentos em Piragiba, eles se encontram em três categorias: enterramentos em urna (cinquenta e seis), em decúbito dorsal (dois), em posição fletida (quatro), e estão distribuídos por todo o sítio. Quanto aos sepultamentos em urnas (Figura 16), tratam de enterramentos com os

indivíduos dentro do vasilhame, e a posição do corpo dentro do recipiente cerâmico expressa três situações: ausência dos restos mortais (provavelmente, por decomposição); presença parcial de restos ósseos - essa com bastante frequência; presença de um esqueleto completo ou com o desaparecimento de poucas das suas partes.



Figura 16: Sepultamentos em urna. (Retirado de FERNANDES, 2003).

Quanto ao sepultamento em decúbito dorsal (Figura 17), acompanham dois recipientes cerâmicos e, em relação aos sepultamentos em posição fletida, se destaca um recipiente cerâmico emborcado, protegendo e ocultando, completamente, o crânio do indivíduo. Este vasilhame tem a mesma forma conoidal dos típicos opérculos das urnas (Figura 18).

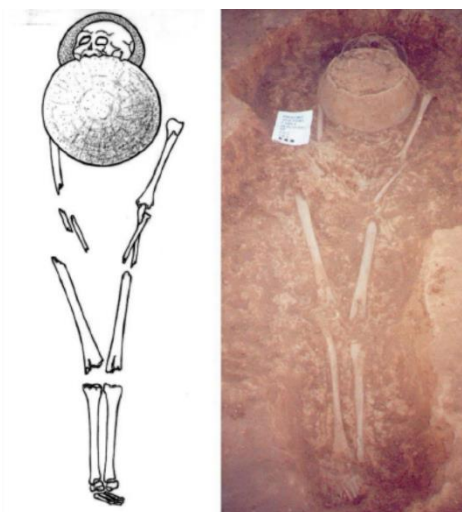


Figura 17: Sepultamento em decúbito dorsal. Sobre o seu crânio está uma tigela, e sobre o seu tórax, encobrindo parte da cabeça, foi colocado um recipiente com a mesma forma de um opérculo de urna (FERNANDES, 2003).

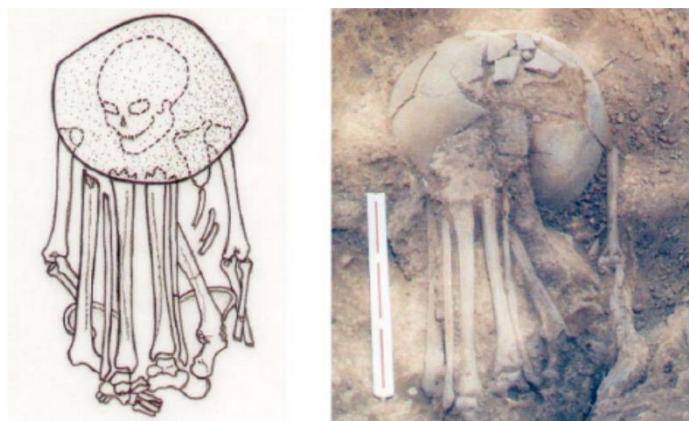


Figura 18: Sepultamento em posição fletida recipiente cerâmico, colocado sobre o seu crânio (FERNANDES, 2003).

O sítio de Piragiba, quando comparado às outras pesquisas apresentadas, é o de menor semelhança. Isso se dá pelo fato de ser um sítio da tradição Aratu, enquanto os anteriores foram relacionados à tradição Una e Tupiguarani. Contudo, no atual estágio da pesquisa, não é possível descartar a possibilidade dessa Tradição na região próxima ao Vau 1, visto que a cerâmica do Vau 2 foi assemelhada à Tradição Aratu (SILVA, 2004).

Discutindo a Região Adjacente ao Vau 1

Constata-se que, de modo geral, houve presença considerável de grupos pertencentes às tradições Tupiguarani e Una, próximos ao sítio Vau 1. A ocorrência da Tradição Aratu, bem como apontam Schmitz *et al.* (1996), é comum em locais menos acidentados que, nesse cenário, ocorrem fora da “Serra Geral”. Quanto à topografia e aos sítios apresentados, nas figuras 4 e 5, verifica-se que o sítio Vau 1 está localizado em uma área de relevo altamente acidentado e, de acordo com o levantamento realizado, onde acontecem relevos mais leves, também se iniciam as ocorrências Tupiguarani.

Mas, aqui, nos interessa entender como se apresenta a Tradição Aratu nesse cenário, citada, unicamente, no Vau 2 (SILVA, 2004) e, por esse motivo, incluída como parte do levantamento bibliográfico. Diante disso, é importante entender a distribuição espacial Aratu na Bahia.

Apresento, a seguir, um mapa com os sítios Aratu e a região aproximada onde se encontram os sítios tratados neste capítulo: Vau 1, Vau 2, Vau 3, os sítios de Serra Geral e os sítios do lote 6, subtrecho F, da FIOL (Figura 19).

É possível perceber, neste mapa, que as concentrações Aratu estão, majoritariamente, no litoral e no oeste baiano.

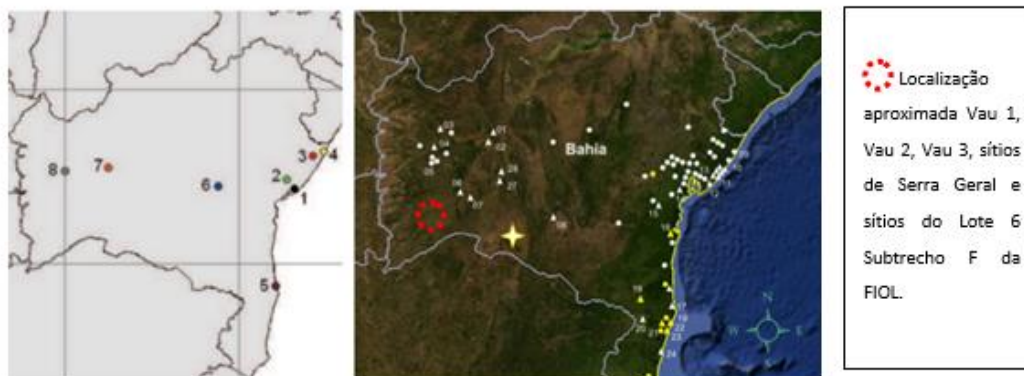


Figura 19: Mapa a esquerda: localização dos sítios Aratu, identificados por Calderón. Autora: Soares, 2012; mapa à direita: localização dos sítios Aratu na Bahia. Autor: Fernandes 2015. (Mod. de SORARES, 2012 e FERNANDES, 2015).

Quanto aos sítios evidenciados por Fernandes (2015c) (Figura 19), entendo válido sobrepô-los a um mapa topográfico de altitude e relevo (Figura 20). Percebe-se que, no oeste baiano, estes grupos, também, estavam se assentando em áreas aparentemente acidentadas, ainda que a ocorrência seja menor quando comparado aos locais de relevos leves.

A quantidade de sítios, na área de relevo moderado a acidentado, é de 9, enquanto a quantidade de sítios, em área de relevo leve, é de 46; isso mostra que, aproximadamente, 5% dos sítios Aratu, encontrados, na Bahia, se assentaram em regiões de altitude moderada a acidentada (entre 345 m e 520m de altitude).

Esses sítios, assim como o Vau 1, podem estar alocados próximos a fundos de vale em que, em escalas menores, o território não é tão acidentado. Porém, é notado que eles não adentram a parte oeste em que está a “Serra Geral”, área de relevo altamente acidentado.

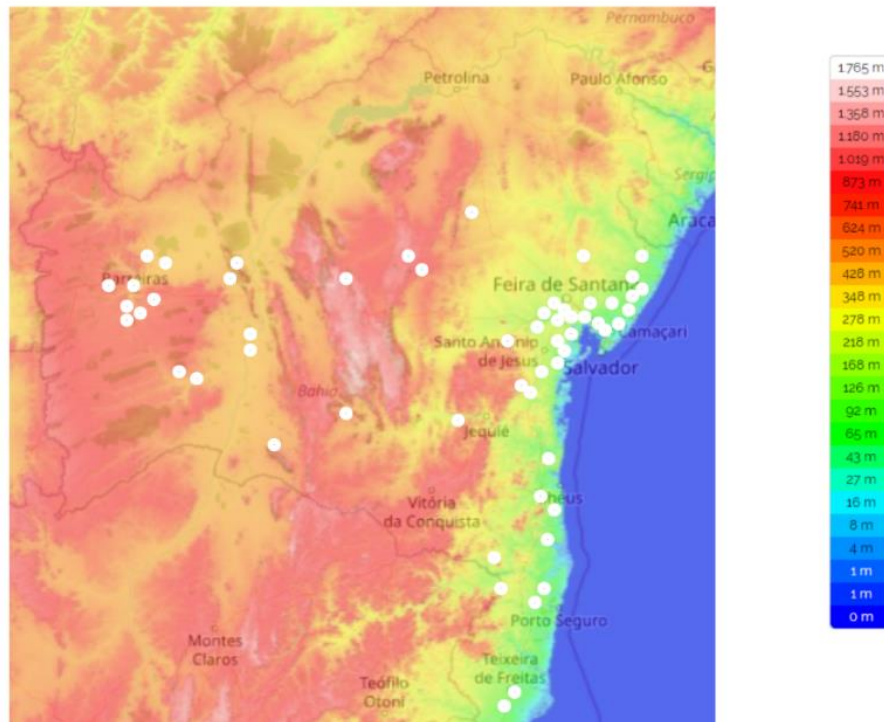


Figura 20: mapa topográfico da Bahia. Pontos em branco: localização sítios Aratu por Fernandes 2015c. Fonte: Mod. <https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/>.

Percebe-se, novamente, a Tradição Aratu nas proximidades do sítio GO-PA-64 - parte do Projeto Serra Geral em Goiás. Segundo Napolitano (2019), ele está em uma área predominantemente ocupada pela Aratu, em que ocorrem contatos entre Aratu e Tupiguarani. Napolitano (2019) percebeu, no sítio GO-PA-64, aspectos relativos à resistência Tupiguarani em relação a grupos da Tradição Aratu. O sítio está localizado em uma região menos acidentada e mais distante dos sítios na Bahia do referido projeto (Figura 21).

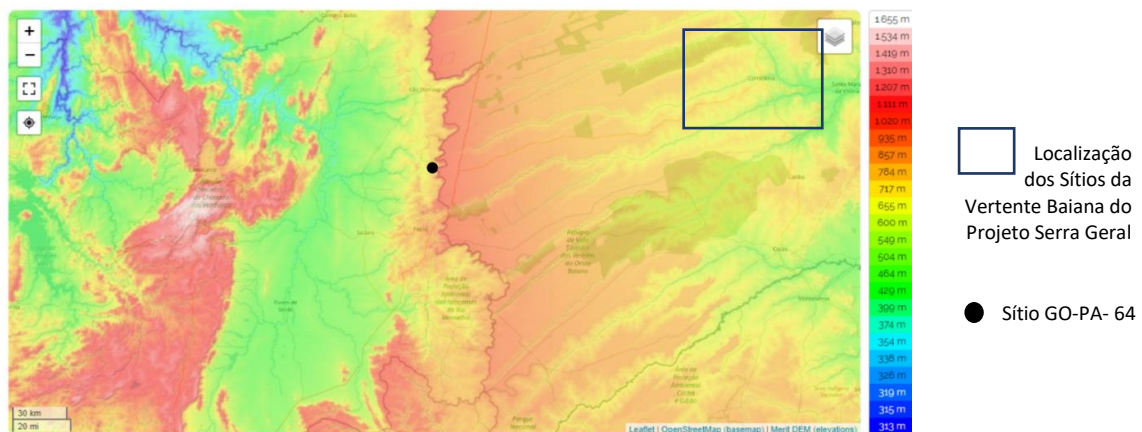


Figura 21: Mapa topográfico, altitude, relevo. Marcação em preto:GO-PA-64. Fonte: Mod. <https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/>.

Em relação à distribuição Aratu e à região do Projeto Serra Geral onde se localiza o Vau 1, há a possibilidade de ela não estar presente, justamente pela preferência desses grupos por áreas de relevos mais leves; e esses sítios estão localizados em áreas de grandes altitudes.

Entender questões de espacialidade é uma temática instigante que exige discussões aprofundadas e, para esse trabalho, esse vislumbre já é suficiente. Essas constatações coadjuvam com um dos objetivos do trabalho.

Esse capítulo teve como propósito entender parcelas da dinâmica ocupacional dos sítios a partir de suas espacialidades e características da cultura material. Esses dados, juntamente como resultados das análises dos materiais cerâmicos do sítio Vau 1, irão subsidiar as interpretações acerca de seu possível vínculo com uma das tradições aqui apresentadas.

CAPÍTULO 2

OS INDIVÍDUOS EXUMADOS DO SÍTIO VAU 1: METODOLOGIA E RESULTADOS

O capítulo tratará, unicamente, de remanescentes ósseos e dentários dos indivíduos exumados do sítio Vau 1. Será iniciado com materiais e métodos, seguido da apresentação do material ósseo humano presente na coleção. Logo após, os resultados das análises e suas respectivas discussões.

Materiais e métodos

As etapas metodológicas, para análise dos exemplares ósseos humanos do sítio Vau 1, foram realizadas nos materiais osteológicos, dos cortes de escavação de número 2 ao 12. As marcas deixadas, nas peças ósseas humanas do Vau 1, refletem um conjunto de fatores que dizem respeito a ações sociais exercidas pelo próprio grupo, de intemperismos, tendo em vista o sítio se localizar a céu aberto e em área de habitação humana, com bioturbações e atividades realizadas no momento da escavação arqueológica. Quanto a esse último momento, relacionado às intervenções feitas durante e pós-escavação, se destacam quebras acidentais nos ossos e perdas acidentais após a escavação, fatores decorrentes da dinâmica de salvaguarda e de exposições dos exemplares ao público¹⁰.

É muito importante enfatizar, previamente, as circunstâncias que se apresentavam o material ósseo, do sítio Vau 1, antes do início da presente pesquisa, em 2018, em programa de iniciação científica.

O fato de o material ter saído do acervo, sem a curadoria completa, fez com que parte dele voltasse sem informações de sua procedência nos cortes arqueológicos. Assim, pelo menos, 30% do material ósseo do sítio estão sem identificação quanto a sua procedência ao corte de escavação.

¹⁰Devido ao bom estado de conservação de alguns exemplares ósseos, esses foram selecionados, diretamente, para compor circuitos expositivos, sem passar pelos processos de curadoria; isso explica a presença de vestígios de cola e tinta em algumas partes das peças, assim como a falta de identificação.

No que se refere a esses materiais sem procedência, pelos dados levantados em diversas fontes (etiquetas, numerações parciais e entrevista com o coordenador do projeto), estima-se que haja, também, material de doação, uma vez que há menções de três vasilhames doados pelos moradores da comunidade para os pesquisadores. Pontua-se que o estado de preservação desse material apresenta maior integridade que o material dos cortes oriundos das escavações arqueológicas do sítio.

Ressalto que o material selecionado para a presente pesquisa diz respeito àquele em que a procedência estava segura quanto a sua localização no corte¹¹. A justificativa para essa seleção está não somente pela questão exposta, mas também pelo objetivo de este trabalho não ser sobre histórias populacionais/ ancestralidades, estilos, comportamentos e qualidades de vida. O propósito está num primeiro reconhecimento sobre número mínimo de indivíduos, identificação do sexo biológico, estimativa de idade e evidências sobre as práticas funerárias.

Após esse esclarecimento acerca da situação do material será apresentada a etapa de curadoria realizada no material a partir de 2018 (RESENDE 2019).

A etapa de curadoria

A organização do material ósseo do sítio Vau 1 foi realizada seguindo as informações disponíveis nas etiquetas que acompanhavam os exemplares ósseos. Considerando que a curadoria tem como enfoque inicial a preservação do material no acervo, durante a limpeza foram acondicionados os sedimentos que acompanhavam o material ósseo, assim como os fragmentos cerâmicos e peças líticas associados. Os materiais que se apresentavam em blocos de sedimento concrecionados foram assim preservados, deixando-os para análises de pesquisas futuras.

Ainda sobre a curadoria, é importante ressaltar que alguns exemplares ósseos apresentavam argila encrustada em sua superfície. No entanto, não foram realizados movimentos fortes para a sua retirada, a fim de não fragilizar mais o material. Outros exemplares não passaram por interferência nenhuma,

¹¹ Corte 2, corte 4, corte 5, corte 6, corte 7, corte 8, corte 11 e corte 12

devido à fragilidade ou a pouca representatividade. O intuito da curadoria foi expor a superfície óssea o suficiente para realizar a análise.

Em seguida, os exemplares foram enumerados, inventariados e acondicionados. Todos os ossos foram individualmente acondicionados em sacos plásticos zíper junto a uma nova ficha de identificação.

Nas etiquetas já existentes, com raras exceções, não havia informações sobre como estavam dispostos os ossos no sítio (ex.: dentro/fora de urnas, posição do esqueleto etc.), mas, comparando o material ósseo com o cerâmico ao qual está associado, ficam evidentes dois cenários: enterramentos relacionados¹² a material cerâmico, ou seja, enterramentos em urnas e enterramentos não relacionados a material cerâmico.

Entendido isso, serão apresentadas as análises individuais de cada corte de escavação. Para as análises, foram definidos quatro objetivos para cada corte: (1) identificação de número mínimo de indivíduo, (2) identificação de sexo biológico, (3) estimativa de idade, (4) identificação e análise de marcas de corte e/ou queima.

Para a identificação de número mínimo de indivíduo, foram reconhecidas as peças anatômicas e associadas a características de preservação pós-deposicional. Foi reconhecido que peças iguais, de mesma lateralidade, indicariam a existência de indivíduos diferentes, e peças diferentes, com a mesma característica pós-deposicional, indicariam um único indivíduo.

Para as identificações e análises dos exemplares dentários, contamos com a ajuda dos cirurgiões dentistas Amanda Arruda Queiroz e Rodrigo Elias de Oliveira, com os trabalhos de Fúcio (2014), Ferreira *et al.* (2012) e Peiris *et al.* (2008). Com os dentes, também buscamos determinar a idade aproximada de indivíduos, classificada através do envelhecimento pulpar. Como não é possível identificar idades exatas, classificamos a partir das seguintes categorias: criança, jovem adulto, adulto e idoso.

Segundo Ferreira *et al.* (2012), o envelhecimento pulpar acontece à deposição de tecido mineralizado nas paredes dos canais radiculares, um

¹² Tendo em vista os problemas documentais, considerou-se prudente não considerar “associação” entre materiais arqueológicos e os exemplares ósseos, optando, portanto, pela palavra “relação” pela qual compreendemos a conexão não necessariamente direta dos objetos.

processo fisiológico do organismo. Com o passar do tempo, essa deposição acaba diminuindo o espaço pulpar. Os espaços pulpares menores estão relacionados a indivíduos mais velhos e espaços pulpares maiores, a indivíduos mais novos.

A fim de identificar o sexo biológico dos indivíduos foram utilizados os métodos Walker (1995), Phenice (1969), Bruzek (2002), Cowal e Pastor (2008) e Black (1978). Cada método é usado para diferentes partes anatômicas. Em algumas análises, não conseguimos aplicar nenhum deles, visto que os remanescentes não são esqueletos inteiros, e sim peças fragmentadas. Alguns cortes não continham as peças diagnósticas para realizar a identificação.

Todos os dados obtidos, posteriormente, foram apresentados e discutidos por meio de tecnologias digitais com o coordenador Prof. Dr. André Strauss e Dr. Rodrigo Oliveira, ambos do Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva da USP.

Os indivíduos exumados do sítio Vau 1

Considerando que a escavação arqueológica de cada corte foi feita de acordo com a visibilidade do material cerâmico na superfície do sítio, em princípio, foi suposto que cada corte corresponde a um sepultamento. Por esse motivo, contabilizaremos os sepultamentos a partir deles.

Corte 2

No material identificado como corte 2, constam etiquetas junto a grupos de materiais ósseos e cerâmicos, separados em sacos plásticos, com as informações: Urna I, Urna II e Urna III. A análise seguiu essa classificação.

Urna I

O material ósseo da Urna I compõe peças anatômicas com bom estado de preservação, constituído por peças parcialmente inteiras de ossos longos e fragmentos de crânio. Foi possível distinguir que o material ósseo pertencia a um único indivíduo (Figura 22). Suas peças esqueléticas

estão caracterizadas pelo desenvolvimento dos processos tafonômicos (Figura 23).

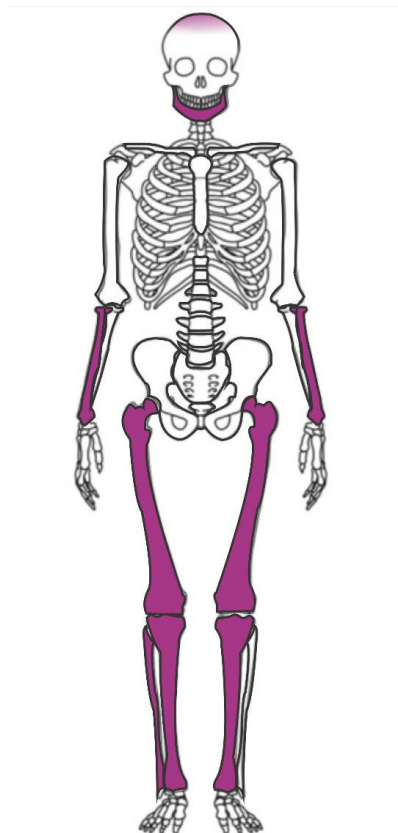


Figura 22: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 1. A imagem é representativa, e as peças anatômicas se encontram parcialmente integras. Resende, 2021



Figura 23: Desenvolvimento dos processos tafonômicos no indivíduo 1. Resende, 2021.

Para a identificação do sexo biológico desse indivíduo foi utilizado o método Black (1978), em que se mede a circunferência da diáfise do fêmur direito que se encontrava completo. Foi aferido o diâmetro de 72 mm que, segundo o referido método indica, um indivíduo do sexo feminino.

Quanto aos remanescentes dentários, esses se encontravam em estado de alta fragmentação, devido a isso não foram possíveis suas identificações (Figura 24).

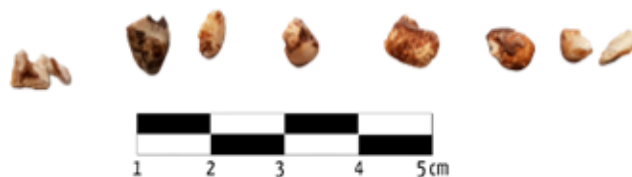


Figura 24: Dentes no corte 2 da Urna I

Urna II

Acompanham o material ósseo da Urna II as caixas identificadas com material ósseo¹³. Registram-se, ainda, blocos de sedimento com material ósseo em seu interior. Esses foram mantidos pelas razões já expostas.

Foram identificados ossos longos, vertebras e fragmento da pelve. De acordo com o estado de preservação e a inexistência de peças anatômicas iguais, concluímos a existência de um indivíduo (Figura 25).

Para identificar o sexo biológico, foi utilizado o método de Bruzek (2002), a partir do qual analisamos a simetria da incisura isquiática e a presença do arco composto (Figura 26). O método apontou um indivíduo do sexo feminino.

Existem, também, dois dentes, identificados como, 21 e 11. Eles apresentam faces proximais arredondadas que sugerem, assim como o método Bruzek (2002), um indivíduo do sexo feminino. Quanto ao dente 11, foi possível observar a câmara pulpar devido à quebra ocorrida, provavelmente, na etapa de escavação. A câmara pulpar se evidencia ampla, acredita-se se tratar de um indivíduo jovem adulto (FERREIRA *et al.*, 2012) (Figura 18). Ao longo da vida de uma pessoa, acontece a deposição de dentina na câmara pulpar; quanto

¹³Contém datas de 2004 e 2005; essas são diferentes das datas que continham no material ósseo analisado (2002).

maior a abertura da câmara, menor a deposição de dentina e, conseqüentemente, mais jovem o indivíduo.

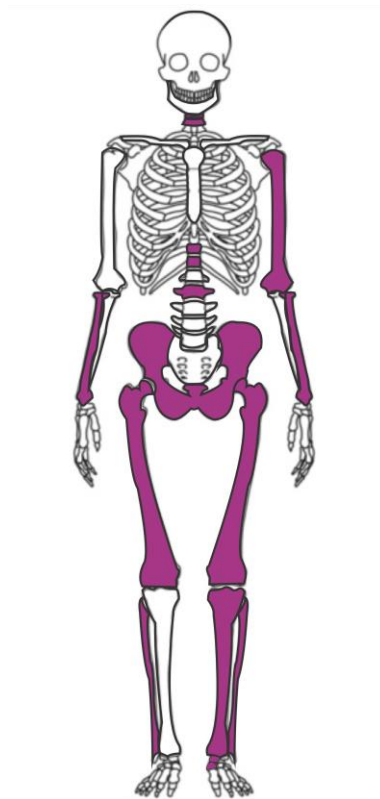


Figura 25: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 2. A imagem é representativa, as peças anatômicas se encontram parcialmente inteiras. Resende, 2021



Figura 26: Dentes 11 e 21 do indivíduo nº 2. Resende, 2021

Urna III

Nessa Urna, constam remanescentes ósseos fragmentados. Na maioria, composta por ossos longos, não foi possível identificar a quais partes anatômicas esses fragmentos pertencem. Parecem estar relacionados a um único indivíduo, porém não é segura tal afirmação devido a pouca representatividade e estado de conservação. Quanto à cor esbranquiçada, decorre das alterações tafonômicas (Figura 27).



Figura 27: Amostra do material ósseo da Urna III, no corte 2. Resende, 2021.

Corte 4

O material do corte 4 é representado por dentes e fragmentos pequenos e friáveis que não ultrapassam 5mm de altura e largura (Figura 28). O material ósseo desse corte faz parte do conjunto que se manteve de acordo com a organização do ITS, devido à quantidade diminuta e ao estado de frágil de preservação.



Figura 28: Material ósseo e dentário no corte 4. Resende, 2021.

Já quanto aos dentes, foi possível a análise e a identificação do número mínimo e a estimativa de idade. Existem 23 dentes que pertencem a uma criança entre 4 e 5 anos de idade (Figura 29 e figura 30). São presentes os dentes decíduos e os dentes permanentes. Os primeiros molares estão com o início da raiz sendo formada.



Figura 29: Molares superiores do corte 4 - vista inferior e vista lateral. Resende, 2021.

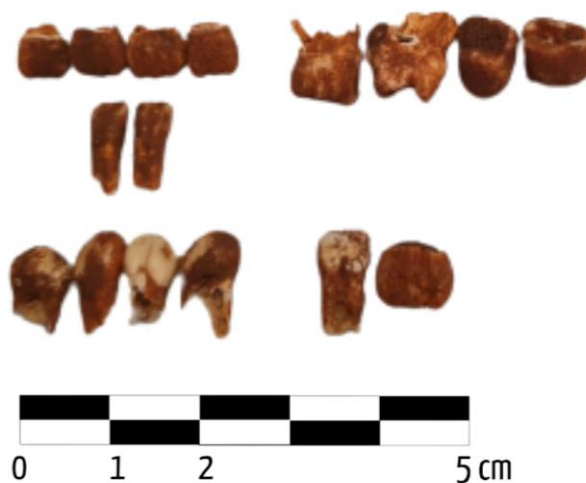


Figura 30: Dentes do corte 4. Resende, 2021.

Corte 5

O material desse corte está representado por ossos envoltos em blocos de sedimento concrecionado, que não foram alterados pela curadoria realizada por nós. Também estão presentes, ossos fragmentados, entretanto, boa parte apresenta boa integridade (Figura 31). Dentre eles, foi possível identificar alguns ossos longos, costelas, ossos da mão e do pé, as duas clavículas e partes do crânio (Figura 32). Ainda assim, devido à

fragmentação, não foi possível identificar, com precisão, nem a lateralidade, nem todas as peças.



Figura 31: Amostra dos remanescentes referentes à prospecção do corte 5. Estado pós-deposicional. Resende, 2021.

Quanto aos dentes, dois não puderam ser identificados, e os outros são o molar 44 e o incisivo 12 (Figura 33). O pré-molar inferior apresenta hipersementose, muito desgaste na face incisal e, também a incidência de cárie. A câmara pulpar é pouco ampla, indicando um indivíduo de idade mais avançada (Figura 34). Já o incisivo central lateral, também, possui cárie na porção mesial. Vestígios indicam que a cárie teria sido profunda, e o desgaste é intenso, afetando a anatomia do dente.

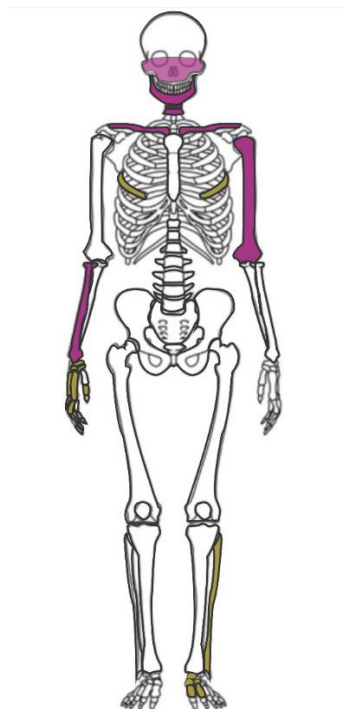


Figura 32: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 7. A imagem é representativa e as peças anatômicas se encontram parcialmente inteiras. Os preenchimentos, em amarelo, são referentes a ossos que só conseguimos identificar sua região e a lateralidade; a peça anatômica é ilustrativa. Resende, 2021.



Figura 33: Dentes 44 e 12, vista lateral. Resende, 2021.

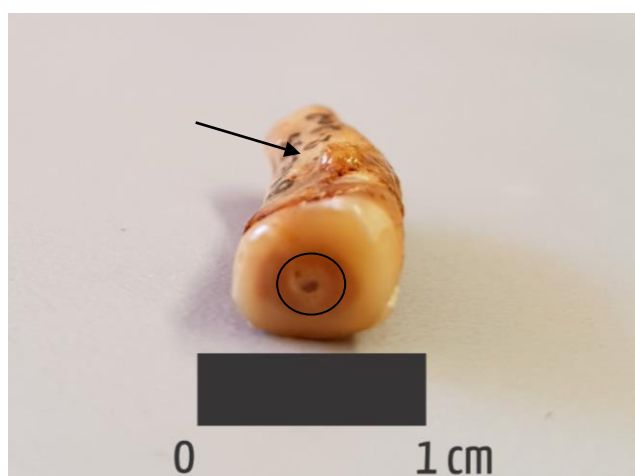


Figura 34: Dente 44, vista inferior. Círculo com a indicação da câmara pulpar e seta indicando a hipersementose. Resende, 2021.

Os ossos pertencem a um indivíduo mais velho. São mais robustos, avantajados e com corticais espessos. Para a identificação de sexo do indivíduo, foi utilizado o método Walker (1995), que analisa a protuberância mentoniana da mandíbula (Figura 35). O método indicou um indivíduo do sexo masculino.



Figura 35: Mandíbula do Indivíduo 7, vista anterior. Segundo a pontuação da escala Walker, a protuberância mentoniana está na escala 4 ou 5. Resende, 2021.

Corte 6

Os materiais referem-se a remanescentes frágeis, diminutos, sem a presença de dentes (Figura 36). O corte faz parte do conjunto de materiais mantidos com a organização feita pelo ITS.

Foi considerado o número mínimo de 1 indivíduo.



Figura 36: Amostra dos remanescentes referentes à prospecção do corte 6. Resende, 2021.

Corte 7

Os materiais desse corte, são fragmentos pequenos e frágeis, largura de no máximo 0,1 cm. Existe um bloco de sedimento com material ósseo no seu interior e nas suas extremidades, onde podemos observar costelas e um osso longo (Figura 37). O corte também faz parte dos materiais mantidos pela organização feita pelo ITS.



Figura 37: Amostra dos remanescentes referentes à prospecção do corte 7. Resende, 2021.

Corte 8

Nesse corte ocorrem fragmentos pequenos e friáveis, sedimento marrom escuro indo ao tom de preto (Figura 38). O corte faz parte do conjunto de materiais mantido pela organização do ITS. Foi considerado, no mínimo, 1 indivíduo.



Figura 38: Amostra dos remanescentes referentes ao corte 8. Resende, 2021.

Corte 11

Esse corte possui dois tipos de materiais separados por anotações de campo, identificados pelas etiquetas como “Parte B”. É possível que o restante do material pertença à “Parte A”. Os dois grupos de materiais apresentam características pós-deposicionais e anatômicas diferentes.

Sabemos que a escavação foi feita a partir da ocorrência do material na superfície. Considera-se a possibilidade de que essas duas partes sejam decorrentes da delimitação do corte 11, que foi escavado em duas áreas, no mesmo local, com afloramento de materiais diferentes. Considerando isso, seguem as descrições dos materiais em cada parte.

A “Parte A” contém mais material ósseo e é representada por falanges, ossos longos e fragmentos de crânio. Apesar de o material possuir pouca friabilidade e boa conservação, são remanescentes muito fragmentados (Figura 39). Foi possível identificar 1 indivíduo (Figura 40). Inferi o número mínimo de 1 indivíduo.



Figura 39: Amostra dos fragmentos de crânio do corte 11, "Parte A". É possível perceber cola na superfície, aplicada em períodos anteriores ao início desta pesquisa. Resende, 2021.

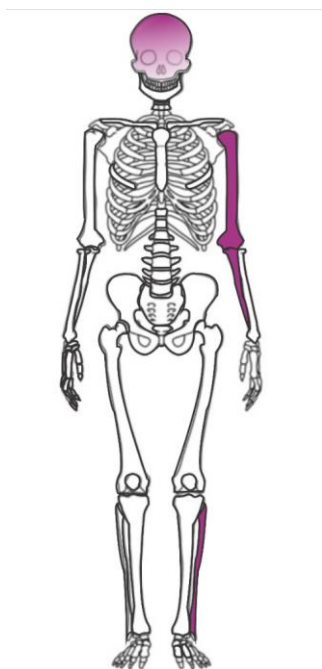


Figura 40: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 9. A imagem é representativa, as peças anatômicas se encontram parcialmente inteiras, não foi possível identificar lateralidade em nenhuma peça. A lateralidade na imagem é representativa. Resende, 2021.



Figura 41: Material ósseo do corte 11, "Parte B". Resende, 2021.

A “Parte B” é composta por fragmentos de ossos longos e pelve. A conservação do material é diferente da “Parte A” (ver imagem dos remanescentes na Figura 39 e Figura 41). Foi inferida a existência de um indivíduo para a “Parte B” (Figura 42)

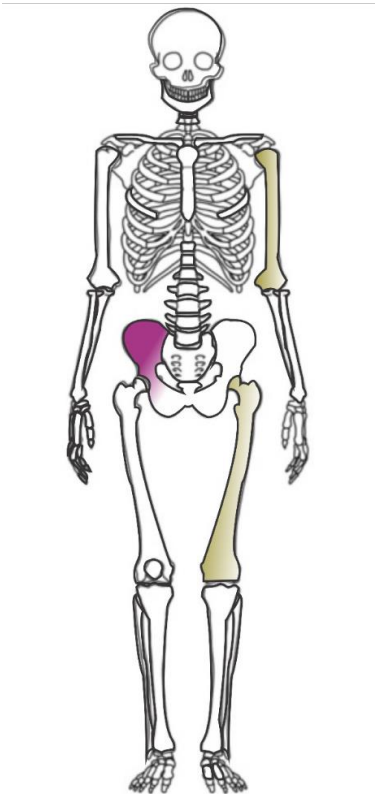


Figura 42: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 10. A imagem é representativa; as peças anatômicas se encontram parcialmente inteiras; as peças representadas em amarelo são remanescentes e não foi possível identificar lateralidade. Resende, 2021.

Ainda sobre esse corte, há a ocorrência de dentes, entretanto, eles não estavam identificados quanto à parte (A ou B). Não há asserção quanto a qual indivíduo esses dentes pertenciam.

Foram identificados os dentes 12, 13, 16, 22, 25, 31, 32 e 41. No geral, pudemos perceber pouco desgaste nos exemplares, com exceção dos dentes 32 e 41, que apresentaram intenso desgaste na face incisal.

A câmara pulpar do molar 16 indicou uma pessoa adulta, devido a pouca amplitude. Quando comparada ao indivíduo do corte 5, ela é mais ampla, o que aponta uma pessoa mais jovem. Não foi identificada a presença de cárie.

Corte 12

Nesse corte havia ossos da mão e dois fragmentos de costela (Figura 43). O estado de preservação do material é bom, embora haja baixa representatividade. Foi inferido o número mínimo de 1 indivíduo.

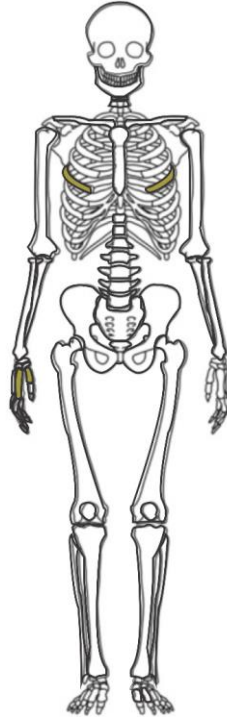


Figura 43: Partes coloridas representando os remanescentes esqueléticos do indivíduo 11. A imagem é representativa, não foi possível identificar lateralidade em nenhuma peça. Resende, 2021

Resultados e discussões

Foi possível identificar no sítio Vau 1 a existência de, no mínimo, 11 indivíduos de todas as faixas etárias e ambos os sexos, como mostra a Tabela 2. Os remanescentes são caracterizados, também, pela falta de significativa quantidade das peças anatômicas (Figura 44).

Tabela 2: Número mínimo, sexo biológico e estimativa de idade dos indivíduos sepultados no sítio Vau 1

Cortes	N° mínimo	Sexo biológico	Estimativa de idade
2	Indivíduo 1	Feminino	Adulto
	Indivíduo 2	Feminino	Jovem adulto
	Indivíduo 3	(?)	(?)
4	Indivíduo 4	(?)	Criança
5	Indivíduo 5	Masculino	Idoso
6	Indivíduo 6	(?)	(?)
7	Indivíduo 7	(?)	(?)
8	Indivíduo 8	(?)	(?)
11	Indivíduo 9	(?)	Jovem adulto ou adulto
	Indivíduo 10	(?)	Jovem adulto ou adulto
12	Indivíduo 11	(?)	(?)
Total	11		

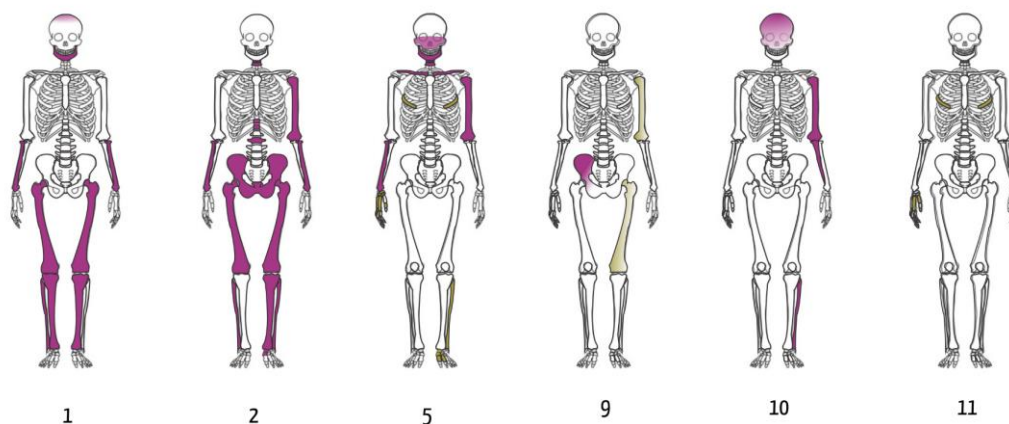


Figura 44: Imagens representando as os remanescentes esqueléticos dos indivíduos 1, 2, 5, 9, 10 e 11. Resende, 2021.

Discussão

Adiante, será apresentada uma discussão acerca das variáveis que envolvem os dados produzidos, quanto à conservação, aos dentes, à ocorrência da criança e às possíveis quebras observadas.

Quanto à conservação

a) Incompletude dos esqueletos por fatores naturais e culturais diversos.

Esse fator se deve a causas naturais, como bioturbações e intemperismos. O fato de haver ausência de muitas peças ósseas pode estar relacionado as ações dos residentes da comunidade local. Essa prática, segundo Barbosa (com. pessoal) é muito recorrente.

b) Hiper fragmentação óssea em determinados cortes por fatores naturais e culturais diversos.

c) Fragilização de ossos e dentes em cortes diversos devido ao estado de preservação, antes, durante e após a escavação arqueológica.

d) A conservação diferenciada por cortes que apresentam material cerâmico e cortes que não os apresentam.

Esses diferentes estados envolvem bioturbações, intemperismos, enterramentos diretos, enterramentos em urnas e permanência do material no sítio. No capítulo 3, será realizada uma discussão mais detalhada acerca do estado de preservação desses materiais, associados ao material cerâmico, visto que esses interferiram, diretamente, na preservação dos exemplares ósseos.

Quanto aos dentes

a) Os baixos índices de desgastes dentários e de cáries (Figura 45).

Os 4 dentes cariados, assim como os 4 dentes com muito desgaste, os quais chegam a comprometer a anatomia do dente, estão, em maioria, relacionados ao indivíduo mais velho, presente no corte 05.

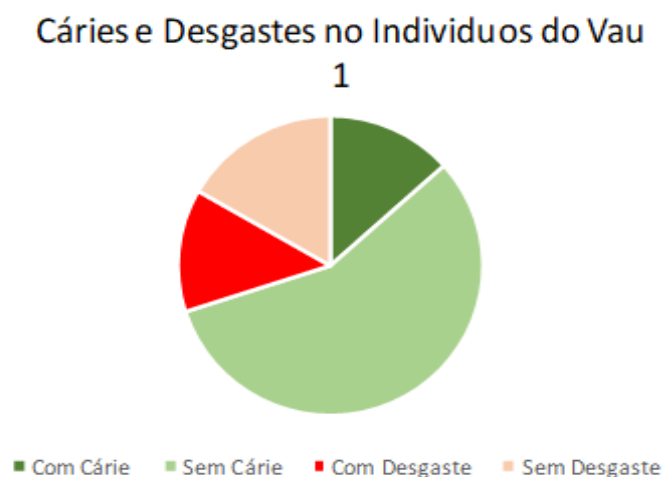


Figura 45: Incidência de cárie e desgaste dentário nos indivíduos jovens e de adultos a idosos do sítio Vau 1.

No que diz respeito às cáries dentais, segundo Larsen (2000, p. 65), existem três fatores etiológicos envolvidos: (1) a exposição da superfície do dente no ambiente; (2) a presença de bactérias indígenas, a presença de bactérias complexas (*Streptococcus*, *Lactobacilos* etc.), glicoproteínas, inorgânicos que aderem à superfície dentária; e (3) a dieta.

Como a incidência de cáries é baixa, isso pode demonstrar que esses fatores etiológicos foram leves, tornando-se evidentes, somente, nas pessoas de idade mais avançadas.

Os desgastes dentários no sítio Vau 1, são poucos e ocorrem majoritariamente nos indivíduos do corte 11 e do corte 5. Por mais que esses dados indiquem o baixo desgaste e o baixo índice de doenças bacterianas, não são suficientemente representativos para tais conclusões. Intenciono, com essas análises dentais, apenas o registro e uma breve explanação.

A presença infantil nos sepultamentos.

A presença infantil, no registro bioarqueológico, não se mostrou significativa. Entretanto, o fato de ter encontrado crianças e adolescentes em um registro arqueológico é um indicador sobre as circunstâncias biológicas e culturais de um determinado grupo humano. A idade com a qual as crianças morreram é decisiva para nosso entendimento sobre aspectos de como foram

suas vidas, a quais enfermidades ou traumas foram expostas antes de morrer e, às vezes, sobre as causas da morte (SOLARI *et al.*, 2016)

A mortalidade infantil, representada nas deposições funerárias podem ser o resultado de dificuldades de adaptação e sobrevivência, associando-se a causas endógenas e exógenas como eventos de fome/nutrição deficiente, infecções bacterianas ou virais, verminoses, abortos, traumas, desmame, infanticídio, conflitos, anormalidades genéticas, prematuridade, partos traumáticos, entre outras (SOLARI *et al.*, 2016).

A presente pesquisa se limitou a identificação do indivíduo. Não foram realizadas discussões a respeito de taxas de mortalidade em crianças no sítio Vau 1, uma vez que não há elementos suficientes para tais inferências.

CAPÍTULO 3

A CULTURA MATERIAL CERÂMICA E OS ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS

Neste capítulo, serão apresentadas as metodologias de análise e as discussões a respeito dos materiais cerâmicos e dos acompanhamentos funerários¹⁴ do sítio Vau 1. Dentre os 12 cortes de escavação arqueológica, apenas os cortes 2, 4, 5, 7, 11 e 12 contêm material cerâmico, e, apenas, os cortes 2, 11 e 12 apresentam acompanhamentos funerários.

A Cultura Material Cerâmica

Metodologia de análise

A metodologia empregada se baseou no guia de referência para análise cerâmica, utilizado no Laboratório de Arqueologia da PUC Goiás/IGPA. Ele é fundamentado nas obras de Rye (1981), Arnold (1988), Sinopoli (1991), Shepard (1985), Rice (1987) e Chmyz (1976). Informamos que cada amostra foi analisada individualmente, considerando os seguintes aspectos tecnomorfológicos:

- Classe (parede, borda, base, gargalo, alça, asa, apêndice, roda de fuso, rolete, bola de argila, junção da forma conjugada).
- Aditivo (mineral, óxido de ferro, mica, cariapé A, cariapé B, cauxi, concha, caco moído, carvão).
- Técnica de manufatura (roletada, modelada, moldada, torneada, reciclada).
- Tratamento de superfície interno e externo (alisado, polido, engobo/banho, enegrecimento/esfumarado, decoração plástica).
- Queima (queima 1, queima 2, queima 3, queima 4, queima 5, queima 6); **Queima 1**: seção transversal sem presença de núcleo, com cor uniforme, variando do laranja tijolo ao amarelo; **queima 2**: seção

¹⁴ Tendo em vista a escassez de informações sobre as retiradas das urnas e sepultamentos, a correlação dos acompanhamentos aos indivíduos se limitou às descrições das etiquetas. Não há croquis dos sepultamentos, tampouco de descrição *in loco* sobre tais acompanhamentos.

transversal, sem presença de núcleo, com cor uniforme, variando do cinza-escuro ao preto; **queima 3**: seção transversal, com presença de núcleo central escuro e com uma cama interna e externa clara; **queima 4**: seção transversal, sem presença de núcleo, com uma cor; **queima 5**: seção transversal, com uma camada clara na parede externa, e com uma camada escura na parede interna e **queima 6**: seção transversal, com uma camada clara na parede interna e com uma camada escura na externa.

- Marcas de uso (fuligem externo, marca d'água, abrasão interna, fuligem no lábio, marca d'água interno, cúpula de fogo (descamado por estouro na queima).

- Outras marcas (ausente, folha, tecido, cestaria, marca de dedo, cortes de rolete).

- Espessura do fragmento; forma do lábio (plano, arredondado, biselado, dentado ou serrilhado, ondulado 1, ondulado 2, erodido).

- Espessura da borda (normal direta, expandida, reforço interno, reforço externo, dobrada).

- Forma da borda (direta/contorno simples, extrovertida/contorno infletido, introvertida, cambada, angular/contorno composto);

- Forma da base (plana, concava, convexa, em pedestal, anelar, cônica, tríпода, tetrápoda, polípoda).

- Tipo de decoração (plástica, pintada, plástica + pintada).

- Diâmetro da boca (medido com um ábaco).

- Forma do vasilhame (aberto simples, fechado simples, aberto composto, fechado composto, aberto infletido, fechado independente infletido).

O material cerâmico do sítio é composto por peças parcialmente completas. Em muitas peças foi possível realizar boa parte de sua reconstituição, embora, em muitas outras, não tenha sido possível fazer a reconstituição. Através das características de tratamento de superfície, espessura e coloração, foi possível associá-las a determinados vasilhames¹⁵. Destacamos que foi possível, também, realizar diversas remontagens, o que colaborou na melhor definição das reconstituições. As reconstituições têm

¹⁵Existem, ainda, fragmentos cerâmicos que correspondem a paredes com menos de 2 cm², que não foram enumeradas nem analisadas de forma pormenorizada.

como intuito entender quais são as formas de vasilhames que estavam sendo confeccionadas pelas pessoas do sítio Vau 1, se há algum padrão nos tipos de formas presentes entre os enterramentos, com a finalidade de destacar as suas diferenças.

Para melhor visualização dos vasilhames, foi fotografada cada borda reconstituída e, posteriormente, preenchidas as reconstituições, no programa *Corel Drawn*, com a foto tirada da borda.

Logo após essa investigação preparatória, foram iniciadas as análises por meio de amostragem do material¹⁶. Antes de selecionar os materiais a serem analisados, o material (presente em cada corte) foi separado em conjuntos.

Visto que a maior parte dos fragmentos presentes em cada corte pertencia a um único recipiente, foi elencada a categoria conjunto para fragmentos que pertenciam à mesma peça, entretanto, devido à escassez de tempo, não foi possível fazer as remontagens¹⁷.

A seleção das peças de cada conjunto, para compor a amostragem, se baseou nas seguintes características: coloração, espessura, tratamento de superfície interno e externo e ao aditivo. Foram analisadas 50% das peças de cada ou conjunto.

A seguir, serão apresentados os resultados das análises dos materiais cerâmicos, mantendo a individualidade de cada corte.

Apresentação dos dados

A coleção de materiais cerâmicos corresponde a 984 peças, sendo 942 paredes; 41 bordas e 1 cachimbo tubular (Tabela 3).

¹⁷Devido à situação de pandemia do Covid 19, o laboratório de Arqueologia da PUC Goiás foi aberto somente a partir do mês de abril, em horário reduzido. Com esse cenário, não tive tempo suficiente para a análise integral do material.

Tabela 3: Classes e total de fragmentos cerâmicos do Vau 1.

Classe e total dos fragmentos cerâmicos		
Classe	Total	%
Paredes	942	95,7%
Bordas	41	4,2%
Cachimbo Tubular	1	0,1%
Total	984	100%

Como já mencionado, os materiais cerâmicos são provenientes da coleta de salvamento em superfície, realizada a partir de materiais que estavam aflorando no solo em meio às residências da comunidade sítio Vau 1. Na figura 46, consta a quantidade de fragmento por corte. Pode ser observado que a maior quantidade de fragmentos ocorre no corte 2 (216 fragmentos) e no corte 11 (413 fragmentos); são, também, os únicos cortes com mais de um indivíduo exumado.

Os cortes com menor quantidade de fragmentos são aqueles onde os vasilhames estão parcialmente completos: corte 4 (139 fragmentos), corte 5 (98 fragmentos) e o corte 7 (107 fragmentos). Já o corte 12 (11 fragmentos) trata de poucos e pequenos fragmentos nos quais não conseguimos identificar conjuntos.

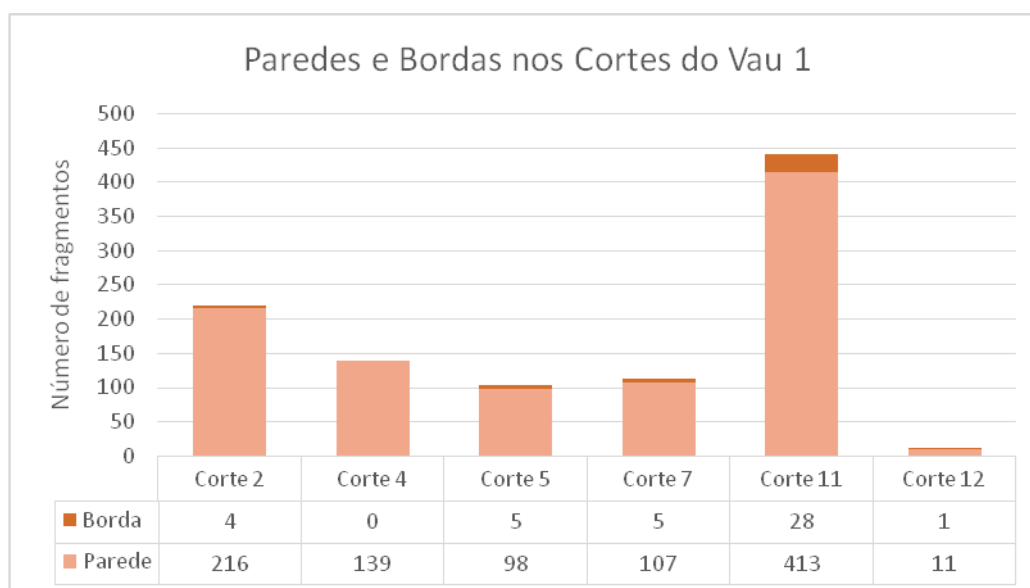


Figura 46: Total de fragmentos cerâmicos por cortes arqueológicos no sítio Vau 1. Resende, 2021

Ainda sobre a análise prévia dos materiais, foi possível perceber uma homogeneidade de certos atributos no sítio Vau 1, como, por exemplo, o tratamento de superfície, bordas diretas de contornos simples e aditivos minerais.

Foi também verificado que, em cada corte, há uma recorrência no que concerne à quantidade de vasilhames: dois vasilhames parcialmente completos, com a presença de bordas.

Adiante, serão apresentados os resultados obtidos em cada corte. Iniciaremos com os aditivos.

O aditivo predominante no sítio é, invariavelmente, mineral, salvos os cortes 11 e 12 que contêm os aditivos minerais, associados a cacos moídos. Os aditivos minerais são sempre caracterizados por quartzo e mica.



Figura 47: Fragmento cerâmico 981, em destaque os carbonatos de cálcio. Resende, 2021.

Quanto à mica, é evidente a prevalência de muscovita perante a biotita em 98% dos fragmentos. Exceto em um vasilhame, no corte 11 que possui maior incidência de biotita. O predomínio de biotita ocasiona um aspecto brilhoso dourado na superfície do fragmento.

Durante a identificação do aditivo, pude perceber, também, um mineral de cor esbranquiçada, que, somente com atividade de experimentação, com o auxílio do Prof. Dr. Júlio Rubin de Rubin, confirmei se tratar de carbonato de cálcio (Figura 47). Ele ocorre nos cortes 11 e 12. Para a experimentação, foram pingadas gotas de ácido clorídrico no mineral que efervesceu (Figura 48).

Ainda sobre os cortes 11 e 12, foi identificada cerâmica com caco moído. É importante ressaltar que esse aditivo não ocorre em todas as peças no corte 11; ele ocorre em, aproximadamente, em 50% dos exemplares e, no corte 12, em, aproximadamente, 7%.



Figura 48: Experimentação: ácido aplicado no aditivo da peça cerâmica 981. Resende, 2021.

Uma vez apresentadas as características dos aditivos presentes no sítio, será apresentado, particularmente, informações presentes em cada corte.

Corte 2

O corte 2 é o único que continha o material cerâmico separado nas três categorias já mencionadas: Urna I, Urna II e Urna III. Segundo informações presentes nas etiquetas, cada urna apresenta material ósseo humano relacionado a um indivíduo. O material cerâmico apresenta algumas propriedades comuns nas três urnas: o aditivo mineral; a técnica de manufatura através de roletes; a fina espessura das paredes (0,7 cm a 0,9 cm); e o delicado tratamento de superfície, ora por alisamento, ora por polimento.

Os tipos de queima presentes nesse corte são: queima 2 e queima 5. Sabe-se que isso acontece devido à inconstância da temperatura em lugares diferenciados do vasilhame durante a fase de queima, levando uma mesma peça a apresentar queimas diferenciadas.

Urna I

O material cerâmico relacionado a essa Urna I restringe-se a 25 fragmentos pequenos, entre 1 cm e 5 cm, com espessura média de 0,8 cm.

Não há bordas, portanto, não foi possível fazer a reconstituição do vasilhame. Quanto ao tratamento de superfície, apresentam esfumamento e alisamento na parede interna e, na superfície externa, somente alisamento. Em dois fragmentos, foram observadas marcas de polido estriado na parede externa. As peças evidenciam locais de coloração preta na superfície externa, tal qual o esfumamento na interna. É possível que essa coloração que remete à fuligem seja, apenas, o desgaste do esfumarado.

Como todas as peças possuem a mesma característica em espessura, tratamento de superfície, considerou-se um conjunto.

Urna II

No material cerâmico identificado por Urna II, havia bordas pelas quais foi possível reconstituir dois vasilhames, identificados a partir das bordas encontradas (Figura 51).

Para melhor descrição, o material cerâmico foi dividido, por similaridade tecnomorfológica, em dois conjuntos de peças: conjunto 1 (60% dos fragmentos), conjunto 2 (30% dos fragmentos).

Há, ainda, 10% das peças que podem estar relacionadas a possíveis bases ou bojos dos vasilhames 1 ou 2, devido aos minerais visíveis na face externa e à angulação concava. É importante ressaltar que as bases dos vasilhames do sítio Vau 1 são concavas, com espessuras e angulações equivalentes aos bojos, o que dificulta a diferenciação entre essas classes.

Com a intenção de melhor visualizar os resultados das análises desses dois vasilhames, inseri os dados na Tabela 4. É perceptível que a única mudança, em suas características, diz a respeito do tratamento de superfície e de diâmetro. Quanto às marcas de uso, estamos cientes de que, caso houvesse marcas de fuligem no vasilhame do conjunto 1, não conseguiríamos perceber devido ao esfumamento na superfície externa.

Tabela 4: Características do Conjunto 1 e do Conjunto 2, da Urna II

Características tecnomorfológicas		Conjunto 1 Vasilhame 2	Conjunto 2 Vasilhame 3
Tratamento de superfície	Interno	Esfumarado e Alisado	Alisado
	Externo	Esfumarado e Polido	Alisado
Coloração		Cinza Escuro ao Preto	Laranja Tijolo ao Amarelo
Forma		Fechada Simples (Figura 49)	Fechada Simples (Figura 50)
Marca de uso		X	Fuligem e Craquelamento
Espessura		0,7 a 0,8	0,7 a 0,8
Borda	Diâmetro	20 cm (Figura)	40 cm (Figura)
	Lábio	Arredondado	Arredondado
	Espessura	Normal Direta	Normal Direta

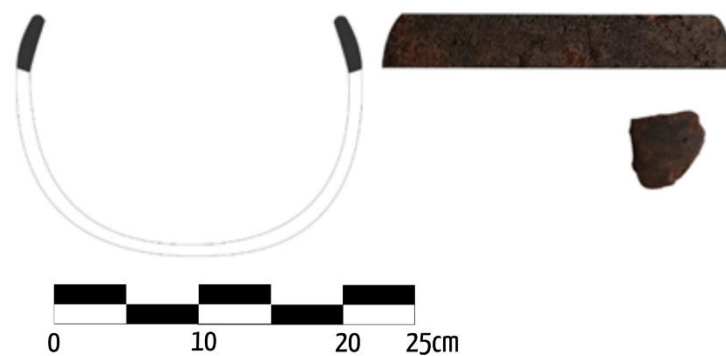


Figura 49: Reconstituição do vasilhame 2. Resende, 2021.

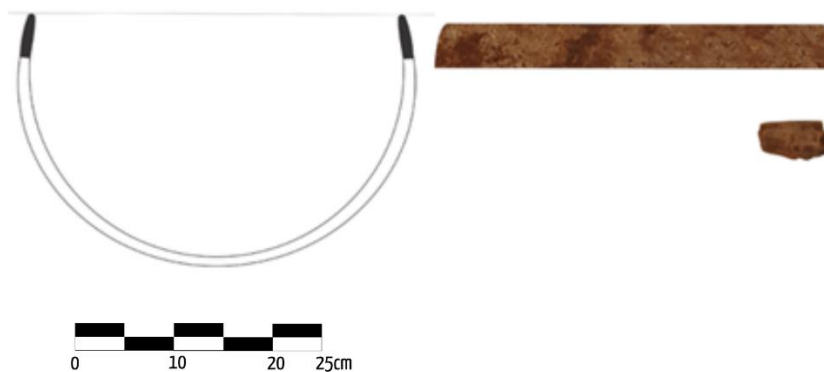


Figura 50: Reconstituição do vasilhame 3. Resende, 2021.



Figura 51: Reconstituições das bocas dos vasilhames 2 e 3, sobrepostas. Resende, 2021.

Urna III

No material identificado por Urna II, não foi constatada nenhuma borda, e foi reunido em um conjunto (Tabela 5). A maior parte dos fragmentos (90%) possuem o polido esfumado, com espessura de 0,7 a 0,8 cm e técnica de manufatura por acordelamento. São fragmentos maiores que indicam uma peça parcialmente inteira.

Foi possível definir um segundo grupo de fragmentos (aproximadamente, 10% das peças) em que o polido esfumado fica menos evidente e os minerais ficam expostos na superfície externa. Acreditamos se tratar da base do mesmo vasilhame. Foi observada, na superfície desses fragmentos, uma camada fina, parcialmente desprendida por ação pós-deposicional (Figura 52).



Figura 52: Ação pós-deposicional, que ocorre em 10% dos fragmentos do Vasilhame 4.

Tabela 5: Características do Conjunto 1, da Uma III.

Características tecnomorfológicas		Conjunto 1 Vasilhame 4
Tratamento de superfície	Interno	Alisado
	Externo	Polido Esfumarado
Coloração		Preta e Laranja Tijolo (o último, nas peças, com ação pós-deposicional)
Forma		x
Marca de uso		x
Espessura		0,7 a 0,8 cm
Borda	Diâmetro	X
	Lábio	X
	Espessura	x

Corte 4

No corte 4, foi também possível a identificação de dois conjuntos de fragmentos que podem pertencer a dois recipientes, além de três fragmentos de paredes (peças 242, 314, 286) que apresentam características tecnomorfológicas semelhantes a um dos vasilhames do corte 7. Os dois conjuntos possuem a técnica de manufatura por acordelamento, espessura entre 0,8 cm e 1 cm e paredes angulares.

Quanto à queima, existem peças sem presença de núcleo, variando de cor cinza escuro a preto, e peças com uma camada clara na parede externa e com uma camada escura na parede interna.

Conjunto 1: nesse conjunto, os fragmentos são mais ásperos, com um alisamento mais grosseiro; alguns apresentam marcas de alisamento feitas com o auxílio de algum objeto. Essas marcas deixaram a parede diferente do polido estriado, realizado com seixo. O conjunto, também, possui muita fuligem na parte externa, que indica o uso intenso do vasilhame junto ao fogo.

Conjunto 2: todas as peças deste conjunto possuem o polimento estriado, que deixa a superfície da peça mais lisa. As marcas de fuligem existem e estão somente em algumas peças; o uso próximo ao fogo desse vasilhame parece ter sido menos intenso. As paredes desse vasilhame são muito similares às paredes do vasilhame encontrado no corte 5, tanto no que diz respeito à coloração amarelo alaranjada quanto ao polimento.

Corte 5

O corte 5 possui cinco vasilhames (7,8,9,10,11) (Figura 53); dois deles puderam ser remontados parcialmente (Figura 54 e Figura 55).



Figura 53: Reconstituição das 5 bordas do corte 5. Resende, 2021.

O vasilhame 7 (Figura 48) possui 20 cm de diâmetro, lábio arredondado, contorno simples direto, base concava e forma fechada simples. Ele é caracterizado por sua forma elipsoide horizontal e pelo bojo avantajado; o diâmetro do bojo 2x maior que o diâmetro da boca. Apresenta queima 4. As paredes são finas, variando de 0,5 cm a 1 cm.

Ainda sobre esse vasilhame, ele possui paredes externas com polimento estriado e marcas que parecem ser de fuligem na parede externa, mas acreditamos ser o restante do polido esfumarado que, no decorrer do tempo, se desgastou. Na parede interna, a peça tem polimento e esfumaramento. As peças possuem entre 0,9 e 1,1 cm de espessura. A maioria dos fragmentos do corte pertence a esse vasilhame (aproximadamente, 70%).

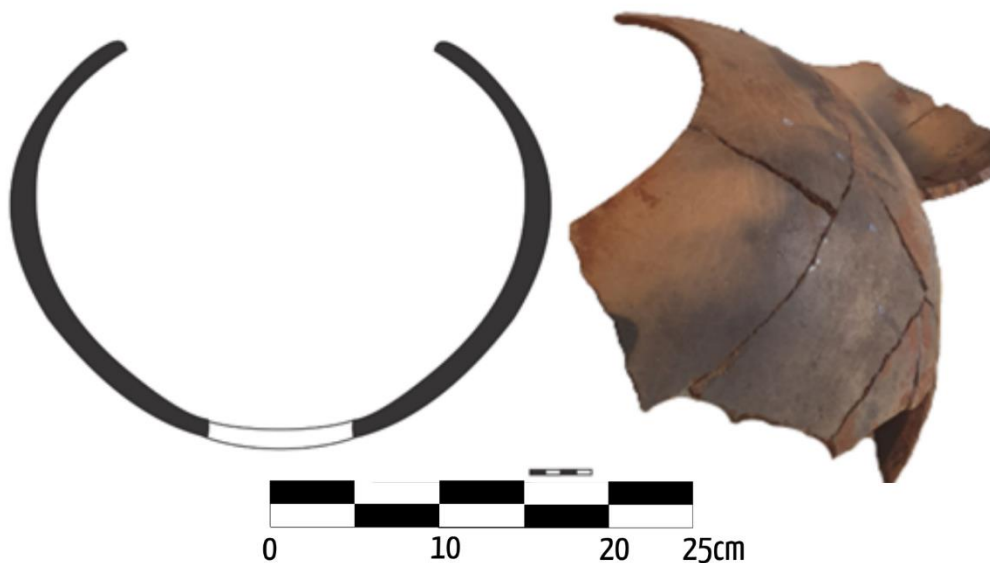


Figura 54: Foto e reconstituição do vasilhame 7. Resende, 2021.

O vasilhame 8 possui 26 cm de diâmetro, lábio arredondado, contorno simples direto e forma fechada simples. Diferente do vasilhame 7, ele não possui bojo avantajado; a angulação da sua parede é leve. Quanto ao tratamento de superfície, é perceptível o alisamento interno e externo, além de marcas de fuligem e craquelamento na parede externa devido ao uso intenso em atividades que envolveram o contato do recipiente com o fogo.



Figura 55: Foto e reconstituição do vasilhame 8. Resende, 2021.

Os recipientes 9, 10 e 11 (Figura 56) são referentes a vasilhames pequenos, sendo que o diâmetro não ultrapassou 20 cm e as paredes finas não comportariam grandes dimensões. Possuem lábios arredondados e bordas de contornos simples. Quanto ao tratamento de superfície, as paredes foram somente alisadas interna e externamente. O vasilhame 9 é o único de forma aberta simples; nesse corte, os demais apresentam forma fechada simples. Existe uma outra pequena borda que não foi passível de reconstituição.

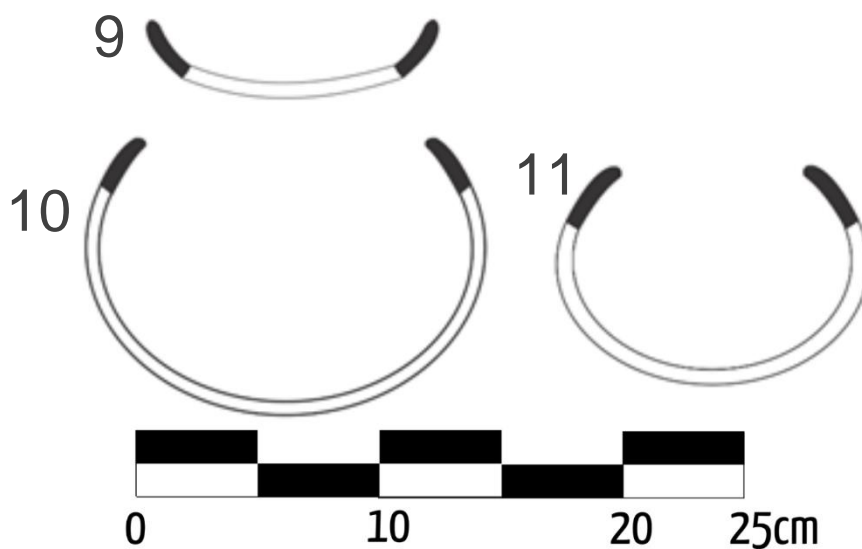


Figura 56: Reconstituição das bordas referentes aos vasilhames 9, 10 e 11.

Corte 7

O corte 7 é composto por 5 bordas, que equivalem aos vasilhames 12, 13, 14, 15 e 16 (Figura 50). A maioria das paredes pertence ao vasilhame 12 (aprox. 80%). A técnica de manufatura, identificada em todas as peças, foi o acordelamento.



Figura 57: Reconstituições das bocas dos vasilhames 12, 13, 14, 15 e 16. Corte 7

O vasilhame 12 tem diâmetro de boca de 20 cm e o é bojo 2 vezes maior. A peça contém um fino polimento estriado e esfumamento em toda a superfície interna e externa. O polimento fino, acompanhado pelo esfumamento, está sendo uma característica do sítio. Essa peça marca muito bem essa característica.

Os outros quatro vasilhames são de menores dimensões, alisados e com marcas de fuligem nas paredes externas. As peças 13 e 14 remontaram até a base do recipiente, confirmando formas abertas e rasas. Elas possibilitaram a interpretação para as demais bordas de formas abertas, no sítio Vau 1.

Pequena parte das paredes que não pertenciam ao vasilhame 12 fazia parte do vasilhame 15. Aproximadamente, 10% do material do corte.

Corte 11

Trata-se do único que possui uma quantidade maior de variáveis tecnomorfológicas e numéricas quando comparado aos cortes apresentados anteriormente. A primeira delas é em relação a bordas; a quantidade é consideravelmente maior (28 bordas).

Outra diferença pode ser observada na Figura 58: duas bordas possuem reforço externo e uma possui decoração plástica (inciso ponteadada). Chmyz (1986) define essa técnica como um tipo de decoração que consiste em incisões feitas com auxílio de instrumentos variados na superfície da peça antes da queima. Também, nesse corte, aparece a única borda de lábio plano do sítio.



Figura 58: Bordas com reforço externo; em destaque, borda com decoração plástica inciso. Resende, 2021.

Quanto à decoração, há um único fragmento de pequenas dimensões que apresenta decoração pintada na superfície externa (Figura 59). Não é possível identificar, com precisão, a cor, mas é possível perceber linhas paralelas.

A segunda variável diz a respeito do aditivo, além da presença do mineral, comum em todos os cortes anteriores, algumas peças desse corte também apresentam caco moído.



Figura 59: Peça com decoração pintada. Resende, 2021.

Outro fator que torna o corte singular em relação aos demais é a ocorrência de um bloco testemunho (Figura 60), no qual ocorrem fragmentos ósseos que podem ser de humanos, aderidos ao interior de um vasilhame cerâmico. O material ósseo parece pertencer ao esqueleto apendicular, provavelmente, um osso longo.

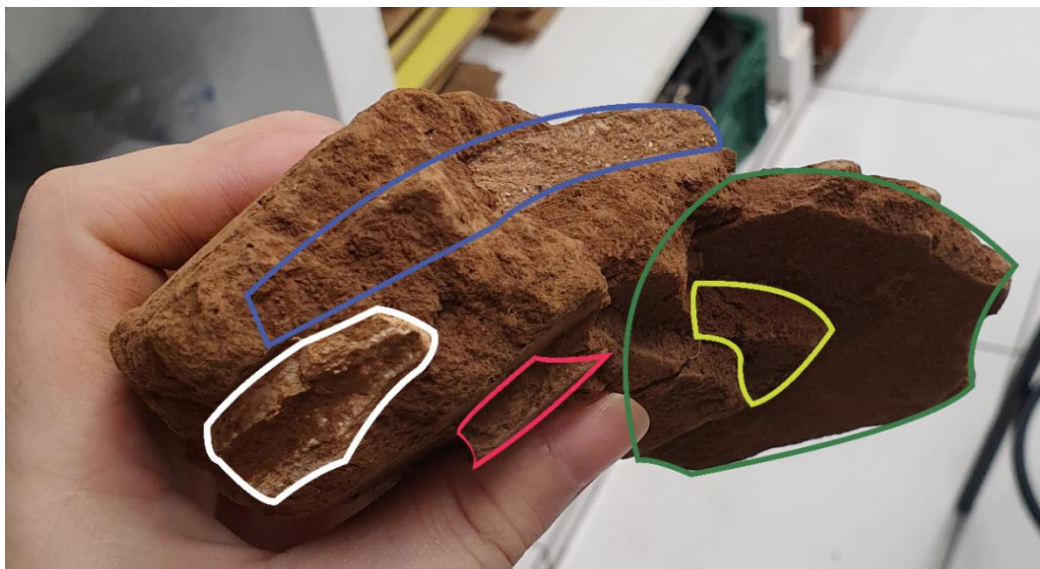


Figura 60: Bloco testemunho. Em azul, verde, amarelo e vermelho estão delimitadas paredes de vasilhames. Em branco, um remanescente ósseo que pode ser humano. Resende, 2021.

Para a análise contextual do corte, foi realizada, assim como nos anteriores, a separação de conjuntos que, provavelmente, pertenciam à mesma peça. Conseguimos identificar 10 conjuntos (Tabela 6), esses foram formados, apenas, para identificação de vasilhames que podiam estar parcialmente inteiros, visto que já sabemos, pela quantidade de bordas, o número mínimo de vasilhames.

Nem todas os fragmentos do corte puderam ser inseridos nos conjuntos definidos, essas peças equivalem a 32% do material cerâmico do corte 11. Das peças que puderam ser inseridas em conjuntos, 30% delas pertencem ao vasilhame 20, e 38% delas pertencem aos vasilhames restantes (21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29).

De modo geral, as peças possuem espessuras, técnica de manufatura e tratamento de superfície, similares. Quanto ao tratamento de superfície, é visível que o polido esfumarado está apenas em três vasilhames (20, 22 e 23). Ele é percebido em partes, as outras peças não possuem marcas de esfumarado devido ao processo pós-deposicional e à abrasão em partes do vasilhame, deixando-o menos evidente. As marcas de fuligem, em vasilhames com esfumamento, podem dizer a respeito do desgaste do tratamento feito na superfície e não das marcas de queima em si.

Há algumas considerações relacionadas a vasilhames específicos. O vasilhame 21, por exemplo, é a única peça do sítio que possuía predominância de biotita quanto à muscovita¹⁸. Isso indica a captação de matéria-prima ou aditivo em outro local da fonte de argila. A presença desse aditivo, em uma única peça, também nos leva a considerar possíveis trocas intergrupais.

No início deste capítulo, foi apontado que este é o único corte onde há o caco moído como aditivo. Ele ocorre nos vasilhames 22, 23, 25, 26, e 27 e em poucos fragmentos inseridos em um conjunto específico. Apesar de haver a presença de caco moído no corte, ainda é menor que 50%. O mesmo ocorre para o carbonato de cálcio, ainda menos expressivo que o caco moído.

Os vasilhames têm diâmetro entre 14 cm e 36 cm. Trata-se de peças pequenas, de bocas fechadas e de marcas de uso decorrentes de suas proximidades junto ao fogo. O corte possui alto nível de craquelamento, indício de que esses recipientes foram usados com frequência.

¹⁸O grupo de minerais mica inclui diversos minerais, dentre eles, a biotita e a muscovita. Foi mencionado, anteriormente, que, no Vau 1, quanto ao aditivo, há prevalência de muscovita.



Figura 61: Amostras de peças do conjunto 1, do corte 11. Vasilhame 20. Resende, 2021.

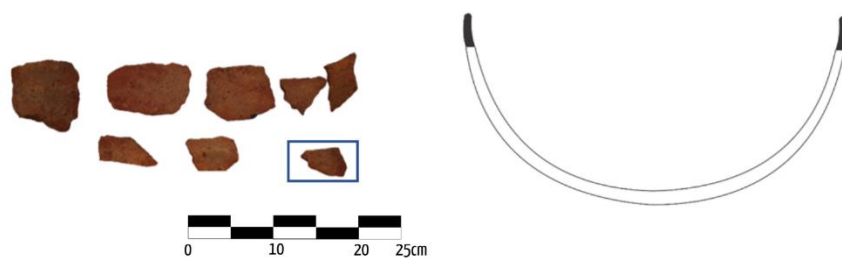


Figura 62: Amostras de peças e reconstituição do vasilhame pertencente ao conjunto 2, do corte 11. Vasilhame 21. Resende, 2021.

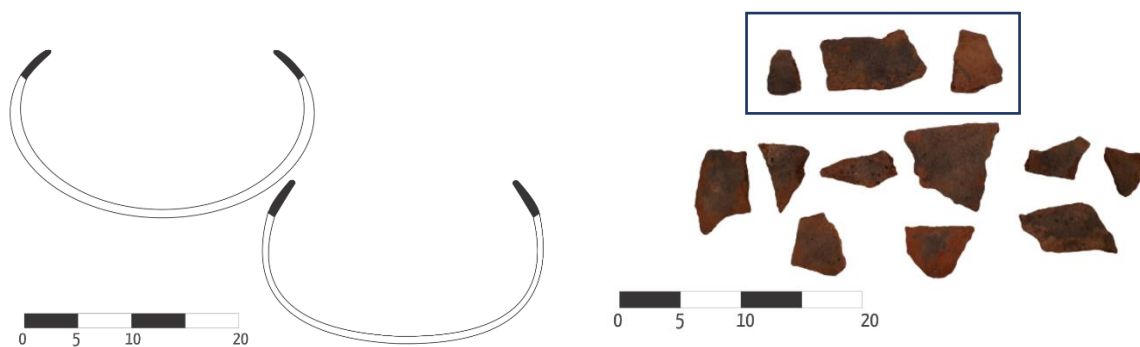


Figura 63: Amostra das peças do Conjunto 3. Reconstituição das bordas 577 e 731. Vasilhame 22. Resende, 2021.

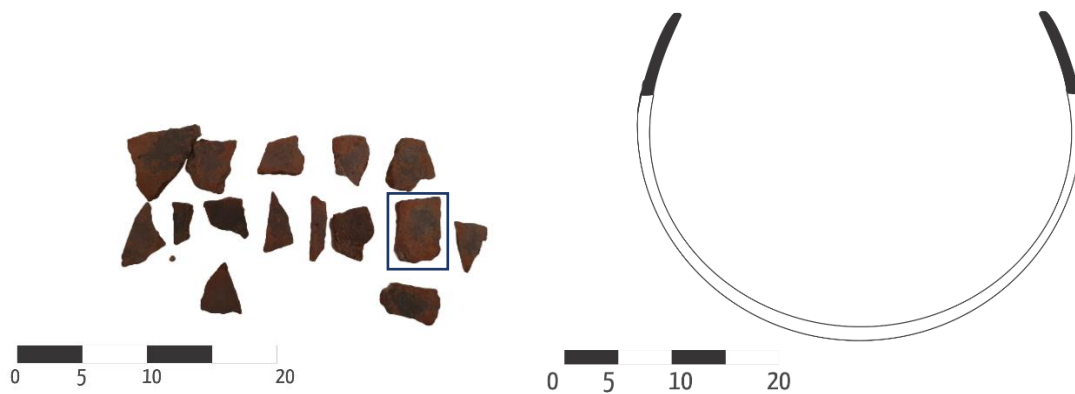


Figura 64: Amostras de peças do conjunto 4, do corte 11. Vasilhame 23. Resende, 2021.

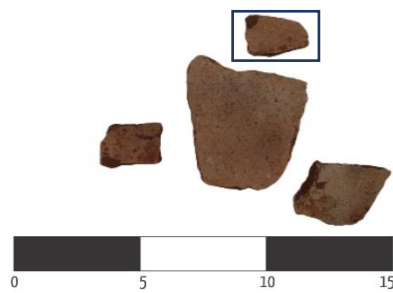


Figura 65: Amostras de peças do conjunto 5, do corte 11. Resende, 2021.

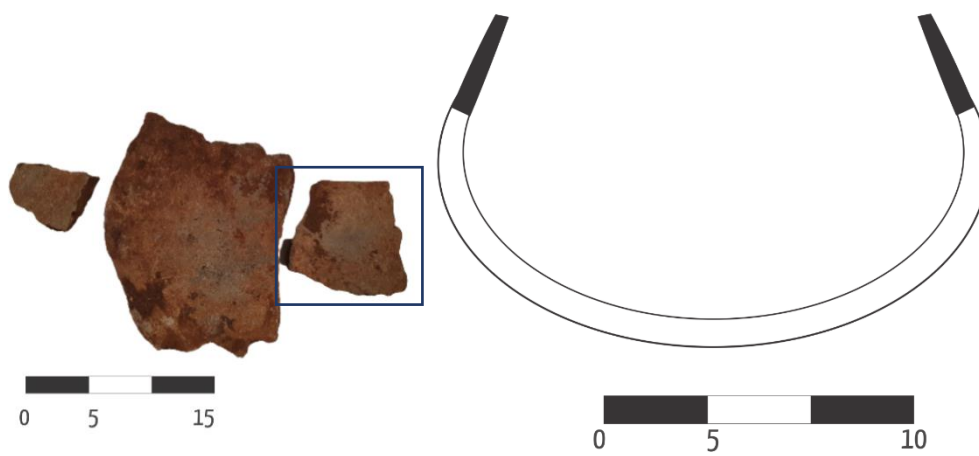


Figura 66: Amostras de peças do conjunto 6, do corte 11. Vasilhame 25. Resende, 2021.



Figura 67: Amostras de peças do conjunto 7, do corte 11. Vasilhame 26. Resende.



Figura 68: Amostras de peças do conjunto 8, do corte 11. Vasilhame 27. Resende, 2021.



Figura 69: Amostras de peças do conjunto 9, do corte 11. Vasilhame 28. Resende, 2021.



Figura 70: Amostras de peças do conjunto 10, do corte 11. Vasilhame 29. Resende, 2021.

Os fragmentos que não foram incorporados a grupos possuem entre 0,6 e 0,9 cm de espessura. Apesar de todos possuírem espessuras similares, as colorações e tratamentos de superfície dificultaram o agrupamento. Os materiais possuíam os atributos similares ao que têm sido apresentados ao longo do capítulo. Peças alisadas interna e externamente, marcas de fuligem, algumas com esfumamento interno, outras não.

Também, existem dois fragmentos de espessura superior ao comum (1,7 cm e 2 cm) (Figura 71), com alisamento interno e externo, e marcas de fuligem. Quanto ao aditivo, há associação do caco moído junto ao mineral. Devido à espessura diferencial, acreditamos se tratar de fragmentos não relacionados a vasilhames, mas possíveis suportes de alguma estrutura, visto que nenhuma parede do sítio suportaria peças tão espessas.

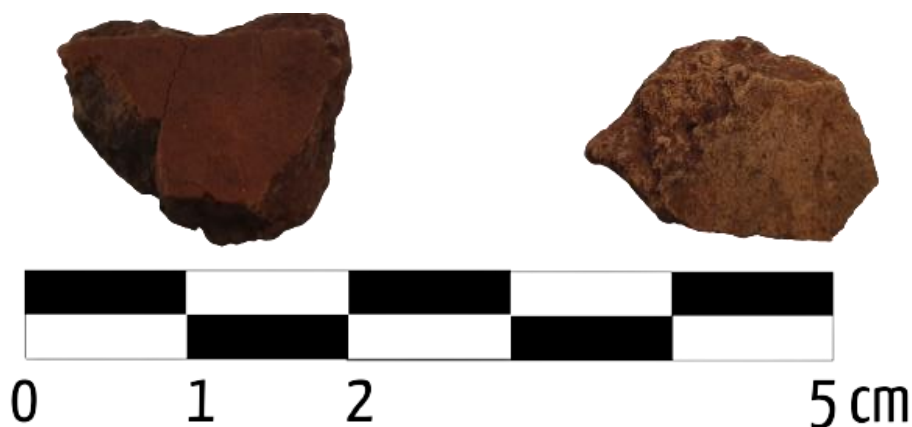


Figura 71: Possíveis suportes do corte 11. Resende, 2021.

Também, foi identificada uma parede com orifício no centro, deixando marcas de arredondamento na circunferência (Figura 72). Trata-se, possivelmente, de um fragmento que teria passado por um processo de reaproveitamento.



Figura 72: Peça com orifício, provável reaproveitamento. Resende, 2021.

Corte 12

Esse corte possui nove fragmentos pequenos que não ultrapassam 5 cm e apenas uma borda, a qual não foi possível medir o diâmetro. Quanto ao aditivo, esses são minerais, com exceção de duas peças (979 e 981) que contêm a adição de caco moído. As peças são todas alisadas interna e externamente, sendo que algumas apresentando o esfumamento interno e externo. A queima é sem presença de núcleo, com cor uniforme, variando do cinza-claro ao pardo. Somente, em uma peça, pudemos perceber a técnica de manufatura, que é acordelada.

Adiante, serão apresentados os acompanhamentos funerários do sítio.

Acompanhamentos funerários

Quanto aos acompanhamentos funerários, foram analisados, apenas, os acondicionados previamente pelo ITS, junto ao material funerário, sendo eles: uma presa polida de animal (sepultamento 2); contas de colares (sepultamento 11) e um cachimbo (corte 12). Advertindo que algumas peças cerâmicas também são consideradas acompanhamentos funerários. O mesmo pode ser

considerado para os materiais líticos existentes nos cortes (lascas, núcleos e instrumentos); entendemos que eles também podem ter constituído parte das atividades fúnebres, porém esse material não foi analisado para esse trabalho.

Importante enfatizar que parte dos acompanhamentos funerários está no Museu de Correntina-BA, incluindo contas de colares (FERNANDES, 2003) (Figura 73). Não sabemos a qual corte esse material estava associado, porém são peças semelhantes às contas presentes no corte 12. O material que está, atualmente, no acervo do IGPA, será apresentado a seguir.



Figura 73: Contas de colar do Vau 1, expostas no museu de Correntinha – BA. (FERNANDES, 2003).

Corte 2

Junto ao material do sepultamento 2, encontra-se uma presa de animal (Figura 74). Na parte proximal da presa, em que se inicia a raiz do dente, constata-se a presença de um corte que está regular e parece ter passado por algum tipo de polimento.



Figura 74: Presa animal, no corte 2

Corte 11

Há ocorrência de um cachimbo tubular (Figura 75). Não foi possível identificar se ele estava junto a um sepultamento, ou se faz parte do material de uso cotidiano. A grande variedade cerâmica e o cunho utilitário dos vasilhames, nesse corte, não permitem inserir o cachimbo diretamente ao contexto funerário.

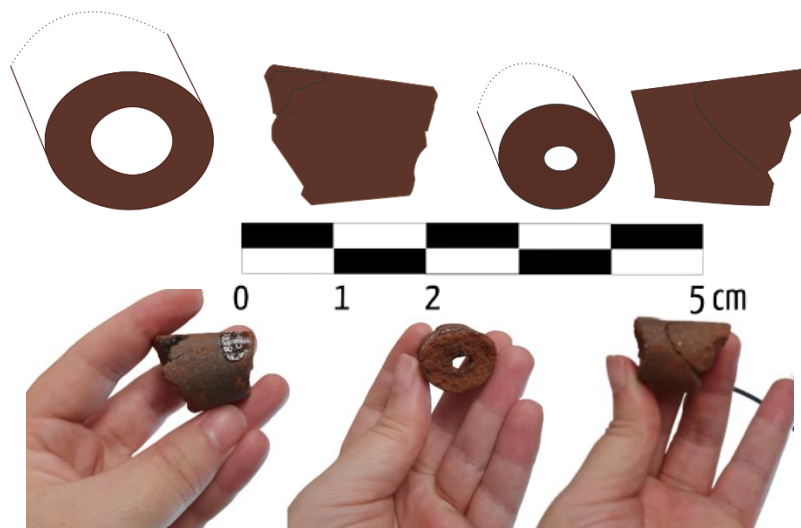


Figura 75: Cachimbo tubular do corte 11. Resende, 2021.

Corte 12

Presença de contas cilíndricas tubulares e em forma circular, em osso de animal e valva de molusco, associadas ao sepultamento 12 (Figura 76).



Figura 76: Contas de colares no corte 12. Resende, 2021.

A decoração corporal com ornamentos, como, por exemplo, pulseiras e colares de contas, confeccionados a partir de diferentes tipos de matérias

primas, são recorrentes em sociedades indígenas atuais (LAGROU 2012, *apud* JÚNIOR *et al.*, 2018).

As contas não são presentes apenas no sítio aqui analisado, elas encontram-se em diversos sítios arqueológicos pré-coloniais, especialmente, em contextos funerários.

É possível tecer discussões a partir dos acompanhamentos do sítio Vau 1, já que os sepultamentos dele indicam ter sido individuais. Os adornos estimulam o exercício de enxergar as pessoas por trás desses objetos, ou os atores sociais envolvidos e integrados aos sistemas sociais.

O Sítio Vau 1 e as tradições arqueológicas

A partir do levantamento bibliográfico, da identificação dos indivíduos e das análises no material cerâmico, serão apresentadas algumas discussões para entender, ainda que de forma fragmentária, o sítio Vau 1.

Para isso, voltaremos às informações do capítulo 1, em que percebemos a existência de cerâmica Una e Tupiguarani nas proximidades do sítio.

O sítio Vau 1 possui vasilhames pequenos, com formas, majoritariamente, fechadas simples, arredondadas, de bases concavas, tratamento de superfície polido ou alisado, com banhos de engobo preto/esfumaramento e paredes de espessuras finas. Como apresentado anteriormente, essas características pertencem à cerâmica, definida como Tradição Una.

É possível, ainda, que, em determinado momento, os ocupantes desse sítio tenham mantido relações mais intensas com outros grupos pertencentes a outras tradições. Essa hipótese se baseia em variáveis que os cortes 11 e 12 trazem ao sítio, como a mudança no aditivo e a presença de decoração. Embora essas ocorrências sejam pontuais, as características observadas, nos cortes anteriores, continuam sendo as mesmas para o 11 e 12: formas arredondadas, com os mesmos tratamentos de superfície, banhos de esfumaramento e paredes com espessuras finas.

A associação do sítio Vau 1 a Tradição Una foi importante por nortear as discussões acerca das práticas culturais (funerárias e dos modos de produção de vasilhames cerâmicos) presentes no sítio (unicamente, norteadora para esse trabalho, visto que ela será ponto de direcionamento para as discussões

subsequentes), bem como para se pensar no contexto regional e nas possíveis articulações entre sítios.

O panorama geral sobre a Tradição Una será exibido na Tabela 7, onde constam suas fases, localizações e datações.

Tabela 7: Fases da Tradição Una (Schmitz *et al.*, 1996).

Fases	Localização	Datação
Tanguí	Espírito Santo	1.140 +- 80 A.P
Mucuri	Rio de Janeiro	1.430+-65 A.P
Uma	Rio de Janeiro	1.060 +-80 A. P
Piumhi	Mina Gerais	1.840-+90 A. P
Jaborandi	Bahia	955+-85 A.P
Palma	Goiás	740 +-90 e 1.230+- 90 A. P
Jataí	Goiás	1.000+-75 A.P e 925-+ 60 A. P
Pindorama	Tocantins	2.360+-70 A. P e 1.015+- 60 A. P

Fonte: Schmitz *et al.* (1996, p. 187).

Na região onde se localiza o sítio Vau 1, não há menções de enterramentos Una, entretanto, Schmitz *et al.* (1996) referenciam essa prática, à Fase Jaborandi:

Não se constituem num fenômeno isolado, fazem parte de um amplo conjunto de assentamentos, distribuídos nos cerrados do Centro e Nordeste e as matas do Sudeste do Brasil, em áreas acidentadas, longe dos aldeões da tradição Aratu/Sapucai, dona dos espaços ondulados e as vezes bem próximos dos aldeões da tradição cerâmica Tupiguarani (SCHMITZ *et al.*, 1996, p. 187).

A ocupação humana na região da Serra Geral é, majoritariamente, composta por grupos pré-ceramistas. Schmitz *et al.* (1996) dizem que os abrigos sobre rocha onde foi encontrada cerâmica Una eram habitados concomitantemente, e os locais eram pequenas áreas. A maioria dos sítios a céu aberto está em regiões de altitudes inferiores a 541 m; os em maiores altitudes, são Una (Figura 77). O sítio Vau 1 tem muito a acrescentar quando se pensa a relação entre as ocupações nos abrigos e nos assentamentos a céu aberto, especialmente, nas regiões de altitudes elevadas.

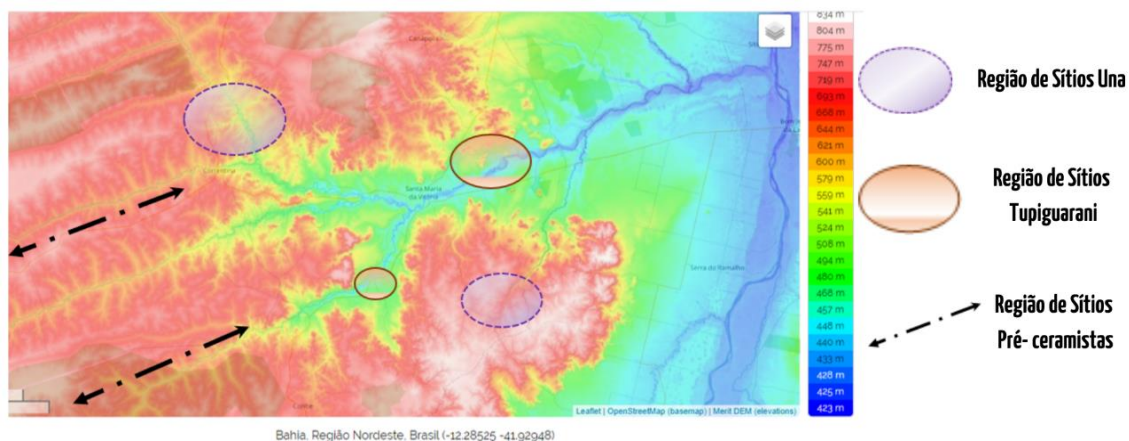


Figura 77: Mapa topográfico na região da Serra Geral - BA: área de sítios Tupiguarani, Una e pré-ceramistas levantados no capítulo 1. Fonte: Mod. <https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnry/Bahia/>.

Quanto aos sepultamentos na Tradição Una é observada a prática de cremação na Região Central do Brasil e no norte do Estado de Minas Gerais. Machado (1990) aponta sepultamentos com cremação no interior de grutas, relacionados ao horizonte caçador coletor e horticultor, “grupos vinculados à Fase Unaí, (...) ocupando uma faixa cronológica de aproximadamente um 3.500 A.P.” (MACHADO, 1990, p.242).

Também, há a pesquisa arqueológica no sítio do Caju, no Rio de Janeiro, que apresenta sepultamentos em urnas pequenas globulares de coloração escura e sepultamentos primários, em covas forradas por cacos cerâmicos. Cada sepultamento possui características individuais, representadas nos adornos, na forma em que o corpo foi depositado na cova, a idade e o sexo. Machado *et al.* (1994) apontam que, nos sepultamentos em covas, há uma frequência de indivíduos do sexo masculino, também há diferença entre os sexos quanto à posição do corpo (MACHADO *et al.* 1994).

Quanto à cerâmica e aos rituais funerários, iremos, doravante, discuti-los e interpretá-los, dando a devida importância ao contexto e aos indivíduos.

CAPÍTULO 4

DISCUSSÕES DOS SEPULTAMENTOS DO SÍTIO VAU 1

Por mais que as análises de práticas funerárias sejam, em geral, voltadas às peças ósseas humanas e realizadas separadamente e desassociadas do restante do material arqueológico presente no sítio, é importante que as interpretações reúnam os simbolismos gravados em todos os vestígios que fazem parte do contexto funerário, tal qual a cerâmica.

É muito claro que, até a segunda metade do século XIX, os estudos de práticas funerárias estão separados dos estudos de sítios arqueológicos, como contextos desassociados dentro do mesmo espaço, entendendo os sepultamentos, apenas como restos ósseos humanos, esquecendo os gestos funerários e/ou os símbolos que o representam, assim como o momento ritual relacionado ao ato da morte (FONSECA, 2018, p. 300).

Antes de iniciarmos as discussões a respeito das urnas funerárias ou acompanhamentos cerâmicos do sítio Vau 1, é prudente desenvolver algumas considerações sobre o tratamento de superfície presente na cerâmica desse sítio.

Tratamento de Superfície e a Decoração

A cerâmica é muito mais que um objeto utilitário para grupos tradicionais, é lida como um objeto desenvolvido para atender às necessidades dos grupos e possui simbolismos que permeiam sua personalidade cultural, como diz Ribeiro (1989):

A produção cerâmica atendeu a uma necessidade humana básica: a cocção de cereais e outros alimentos. Trata-se de uma tendência universal. Entretanto cada grupo imprimiu a essa arte sua “personalidade cultural” (RIBEIRO, 1989 *apud* VIDAL, SILVA, 1998, p. 389).

Um bom exemplo sobre a importância do material cerâmico, para grupos tradicionais no Brasil, são os Assurini do Xingu. Silva (2000, p. 55), em sua tese de doutorado, trata da produção à decoração e do uso da cultura material cerâmica nos Assurini, cujos campos são interrelacionados e fazem parte de uma mesma trama de significados.

Para esses povos indígenas, a arte cerâmica ultrapassa a função utilitária e decorativa e ocupa o lugar de uma manifestação construtiva de sua

identidade étnica. A mulher Assurini se ocupa, também, da transmissão de princípios e de noções fundamentais da cosmologia e da filosofia Assurini, através da representação visual e dos desenhos aplicados na pintura corporal e na decoração cerâmica. Esses desenhos se referem a esferas do sobrenatural da natureza e da cultura (VIDAL, SILVA, 1998).

Não é prudente desconsiderar os aspectos inventivos decorrentes de processos mentais e culturais e sensíveis relativos à preocupação estética e criativa das artesãs ou artesões do sítio Vau 1. A cerâmica desse sítio é marcada pela preocupação com o tratamento de superfície dos vasilhames e pelas espessuras simétricas. Nesse sentido, neste trabalho, consideraremos os elementos citados, acrescidos do polido esfumarado enquanto decoração, visto que essa pode ser considerada como qualquer técnica que indica alguma modificação na superfície do vasilhame (CHMYZ, 1976)

Antes de esboçar a parte decorativa dos vasilhames é necessário pontuar a ligação de decoração com as variadas concepções de arte. Lagrou (2007) aponta que a arte indígena brasileira não partilha as mesmas noções que as nossas, ocidentais. O sítio Vau 1 se trata de um de grupos indígenas pretéritos, então os diversos princípios de arte ocidentais não cabem neste trabalho.

Todavia, a decoração é uma característica presente em vasilhames pontuais no sítio e não será descartada. Ela será utilizada em nossas discussões, sem tecer alusões binárias e deliberações, como, “bem-feito” / “malfeito” “bonito” / “feio”, “importante” / “sem importância”. De outro modo, buscar-se-á relacionar tais características às informações de que dispomos.

Foram constatados os seguintes tratamentos de superfície nos vasilhames cerâmicos: alisamentos, polimentos e esfumarados com polimento. Todos os três itens deixaram o material cerâmico do sítio com uma superfície alisada e bem nivelada. Observa-se que o polimento esfumarado foi realizado somente em alguns dos vasilhames, presentes nos vasilhames 1, 2, 4, 7, 12, 20, 22 e 23. Tais vasilhames também têm em comum a presença de formas mais elipsoides (o diâmetro das bocas dos vasilhames é mais fechado em relação ao diâmetro dos bojos, esses apresentam-se, aproximadamente, duas vezes maiores do que as bocas).

É importante mencionar que, de outro lado, os vasilhames, os quais possuem marcas de uso mais recorrentes, são os que apresentam tratamento

de superfície menos alisadas e bordas desconformes (ver o vasilhame 8 na Figura 49). Neles, o alisamento das paredes não é mais áspero, com maior aparecimento dos minerais e com algumas inclinações irregulares nas paredes. Ainda assim, mesmo no material com o tratamento mais rudimentar, quando comparados a materiais cerâmicos utilitários arqueológicos no geral, a preocupação com o acabamento regular é um fator característico do sítio Vau 1.

É possível perceber algum tipo de escolha no que diz respeito às formas e aos tratamentos de superfície, sendo as formas menos elipsoides apenas alisadas com nenhum tipo de decoração, e as mais elipsoides alisadas e com o esfumarado polido.

Considerando tais aspectos, a presente pesquisa avançará na compreensão dos sepultamentos junto aos vasilhames, discutindo possíveis associações entre os indivíduos exumados e os recipientes.

Urnas funerárias? (Re)classificando urnas e vasilhas

Como caracterizado no capítulo 2, há diferentes estados de conservação do material ósseo humano; da mesma forma, foi demonstrado que as etiquetas, assim como o bloco testemunho do corte 11 e as imagens fotográficas do material *in situ*, confirmam a existência de urnas funerárias (Figura 78). Dessa forma, é entendido que parte dos enterramentos ocorreram nelas.



Figura 78: Fotos da etapa de escavação do Vau 1; setas indicando o material ósseo humano; círculo, os vasilhames cerâmicos. Fonte: Barbosa, s.d.

Estou considerando como urnas funerárias, vasos cerâmicos confeccionados para esse fim ou selecionados dentre os recipientes utilitários, utilizados para sepultamentos humanos quando os remanescentes esqueléticos teriam sido inseridos nesses recipientes. Portanto, elas estão integradas às práticas funerárias do sítio Vau 1. Neste trabalho, será utilizado o conceito de “sepultamento”, considerado como enterramento humano, com evidência de intervenção do grupo (STRAUSS, 2016).

Para análise de sepultamentos, a arqueotanatologia propõe observações que vão traduzi-lo em três momentos: 1) anteriores ao enterramento (práticas preparatórias); 2) a sepultura, posição do esqueleto e artefatos (práticas sepulcrais) e 3) a reabertura da sepultura, seguida da manipulação do material e da reorganização (atos pós-inumação)” (DUDAY *et al.*, 1990, p. 30 *apud* CARVALHO, QUEIROZ, 2019).

De um modo geral, os sepultamentos podem ser classificados enquanto primários/diretos, quando o indivíduo é submetido a um sepultamento no ato de sua morte e ali permanece. Os secundários, por sua vez, quando os sepultamentos ocorrem em duas etapas: uma, envolvendo a deposição inicial do indivíduo em alguma cova ou urna funerária; uma segunda, podendo os ossos, anteriormente depositados, serem ou não submetidos a algum tipo de tratamento (CARVALHO, QUEIROZ, 2019).

O aspecto ritual da secundarização ou sepultamento secundário que recebe maior atenção, em função desses rituais constituírem eventos previamente planejados que envolvem uma quantidade considerável de recursos e relações culturais (CHESSON, 1999 *apud* STRAUSS, 2010). Ainda que razões econômicas possam influenciar esse tipo de ritual, aspectos cosmológicos e simbólicos norteiam todo o processo. Mais do que isso, as fases primárias desses rituais são realizadas em vista da posterior secundarização (STRAUSS, 2010).

Tendo em vista a limitação da pesquisa referentes à estratigrafia, as posições dos sepultamentos etc., serão utilizados os termos diretos e secundários em urna. Serão considerados os simbolismos que podem estar imbricados e os processos rituais. Entretanto, não poderemos nos ater a discussões acerca das etapas envolvidas nesse processo.

A integração das tradições arqueológicas, neste trabalho, não foi arbitrária, por meio delas, iremos nortear nossas interpretações em termos contextuais e temporais. As bibliografias referentes a sepultamentos da Tradição Una servirão para ampliar as compreensões sobre as práticas funerárias presentes no sítio Vau 1, assim como para balizar as indagações. Ainda assim, infelizmente, ressalta-se a escassez de trabalhos a respeito de sepultamentos nessa Tradição.

Ressalto, ainda, que, não se dispõe de dados que confirmam ou negam que todos os enterramentos teriam sido realizados em urna, traçaremos análises com a finalidade de delinear quais são as formas de sepultamento no sítio.

Considera-se pertinente iniciar abordando o estado de preservação dos remanescentes ósseos (Tabela 8). Os remanescentes dos indivíduos 3, 4, 6 e 8 estavam altamente fragmentados e com mal estado de preservação; já os demais apresentavam médio a bom estado e de pouca à média fragmentação. A partir dessa correlação sobre a preservação e com os componentes cerâmicos de cada corte, é possível fazer algumas inferências quanto aos possíveis tipos de sepultamento.

Tabela 8: Estado de preservação e fragmentação óssea.

Estado de fragmentação dos ósseos	C 2	C 4	C 5	C 6	C 7	C 8	C 11	C 12	Estado de preservação
Muito fragmentado			■	■	■	■	■	■	Bom
Fragmentação média			■					■	Médio
Pouco fragmentado	■	■				■			Ruim

Existem duas variantes quanto ao estado de preservação óssea: a alta friabilidade e as quebras que teriam acontecido antes, durante e após a escavação.

O material ósseo tende a se preservar melhor quando colocado dentro desses vasilhames. Nesse sentido, com relação ao “bom” e “médio” estado de preservação dos cortes, esses podem estar relacionados à presença de urnas funerárias. Para reforçar sobre essa questão, Rapp Py-Daniel (2015) considera que as urnas auxiliam na preservação do material, materiais ósseos, dentro delas, eles têm, em geral, melhor preservação do que fora.

A partir da friabilidade óssea e de fotos da escavação as quais mostram sepultamentos diretos (Figura 79 e Figura 80), estamos inferindo sua ocorrência.



Figura 79: Fotos da etapa de escavação do Vau 1; setas indicando o material ósseo humano; no círculo, os vasilhames cerâmicos. Fonte: Barbosa, 2020.



Figura 80: Fotos da etapa de escavação do Vau 1; setas indicando o material ósseo humano; no círculo, os vasilhames cerâmicos. Fonte: Barbosa, s.d.

Outro dado que colabora na confirmação de sepultamentos diretos se dá a partir de um bloco testemunho, o qual não sabemos a qual corte pertence. É possível observar, na superfície, a disposição de ossos humanos retirados do sítio. Nele, estão evidenciados dois fêmures, sem a presença de material cerâmico (Figura 81).



Figura 81: Bloco testemunho, evidenciando o fêmur esquerdo e direito. Resende, 2021.

Os cortes 6 e 8 não possuem cultura material cerâmica e estão em estado de preservação altamente frágil. Eles dizem a respeito de sepultamentos diretos, sem acompanhamento cerâmico.

Há, também, cortes em que o material ósseo é frágil, diminuto e estão acompanhados por materiais cerâmicos. Esses são entendidos como sepultamentos diretos, com material cerâmico servido de acompanhamento, sendo eles, os cortes: 2 (Urna I e III) e 4.

É interessante pensar numa perspectiva mais ampla sobre os cortes que apresentam possíveis enterramentos diretos, com presença de material cerâmico. Para isso, trazemos as práticas funerárias do Sítio do Caju (Rio de Janeiro) (MACHADO *et al.*, 1994), Nele, existem também enterramentos primários, parciais ou totalmente recobertos por vasilhames cerâmicos. Esses vasilhames encontram-se inteiros ou fragmentados e estão relacionados a crianças e a adultos do sexo masculino.

Especificamente quanto ao corte 2 do sítio Vau 1, apesar de ele ter sido identificado pelas etiquetas como pertencente à “Urna III”, está sendo considerado, neste trabalho, como enterramento direto, tendo em vista o estado de conservação dos ossos, descrito a seguir. A superfície esbranquiçada, nos ossos do indivíduo 3, indicia a perda cortical mais externa, ou seja, intensos processos tafonômicos atuando sobre os ossos ao longo do

tempo. Há boa representatividade cerâmica junto a esse sepultamento, entretanto o material ósseo está entre os grupos ósseos mais comprometidos do sítio.

Outro indício de enterramento direto nesse corte é a presença de materiais ósseos com bom estado de preservação, com a anatomia óssea sem os processos tafonômicos intensificados. Entretanto, podemos observar a progressão de tais processos no indivíduo 1; este possui o aparente início dos processos tafonômicos (ver Figura 15) que estão em estágio avançado no indivíduo 3.

Essa situação faz questionar sobre o que foi definido como Urna durante a etapa de escavação. A partir dessa constatação, infere-se que as etiquetas com informação “Urna III” se trata de “Sepultamento III”. A afirmação se embasa a partir da alta representatividade cerâmica que não corresponde ao estado da fragmentação óssea e à existência de um terceiro indivíduo no corte.

Ainda sobre o corte 2, destaco que a “Urna I” possui material ósseo em bom estado de preservação. Todavia, os mesmos processos tafonômicos da Urna III, no referido corte, parecem estar se iniciando nesse indivíduo (ver Figura 15). Alguns ossos longos dos membros superiores já apresentam o esbranquiçado comentado anteriormente, presente em todos os remanescentes do indivíduo 3. Como caracterizado no Capítulo 2, esse indivíduo da “Urna I” possui os membros inferiores e superiores bem conservados, entretanto, somente 25 peças cerâmicas pequenas compõem o que foi definido em etapa de campo como “Urna I”. Por esses motivos, foi inferido a presença de um sepultamento direto, tendo o vasilhame 4 como um acompanhamento funerário.

Há duas hipóteses que podem colaborar na compreensão desse sepultamento, considerado a ausência de informações de campo. O corte pode pertencer a um enterramento mais recente que implicaria uma longa ocupação ou reocupação do sítio; ou ele poderia estar em um local mais protegido das interferências naturais, visto que o que diferencia a “Urna III” da “Urna II” não são somente os processos tafonômicos nos ossos, mas também a quantidade de peças anatômicas.

Quanto aos enterramentos em urnas, supomos que sejam os cortes onde os ósseos estão mais bem preservados e há incidência de vasilhames

cerâmicos parcialmente completos. Observa-se que, mesmo em materiais em bom estado de preservação, há níveis diferenciados de fragmentações. Aventa-se que essa situação possa ocorrer mesmo dentro de urnas, visto que as próprias urnas quebram com o passar do tempo.

Foi compreendido que os materiais ósseos em bom estado de preservação, em cortes com representatividade cerâmica, estavam inseridos em urnas. Eles são: corte 2 (Urna II), corte 5, corte 7 e corte 11.

Para as discussões dos enterramentos realizados em urnas, constata-se um cenário concordante com o que acontece no Sítio do Caju (MACHADO *et al.*, 1994), em que as urnas são representadas por vasilhames globulares, pequenos, com esfumarado polido. Destaca-se que está se usando o sítio como referência devido à similaridade da cultura material, já que é a única bibliografia encontrada que trata de sepultamentos Una, em que são descritos os vasilhames cerâmicos, compreendo a limitação da hipótese e as possibilidades de diferentes disposições do material nos sepultamentos.

Foi percebido, pela análise dos materiais do sítio Vau 1, nos cortes 2, 5, 7 e 11, a ocorrência de dois vasilhames maiores, parcialmente completos, acompanhados por alguns fragmentos cerâmicos. Foi constatada a recorrência de um vasilhame mais elipsoide, de menor diâmetro, com presença de esfumarado polido na superfície externa, e outro menos elipsoide, com alisamento.

Diante desses dados, entende-se que as urnas funerárias seriam: vasilhames 2, o vasilhame 7, vasilhame 12 e o vasilhame 20 (Figura 82). Esses vasilhames apresentam o acabamento de superfície mencionado anteriormente, considerados como decoração que ocorrem, somente, nas formas mais elipsoides.



Figura 82: Reconstituições das urnas 1, 2 e 3. A peça deduzida como urna 4 não possui bordas, por isso, não há reconstituição. Todavia, suas paredes estão na Figura 54. Resende, 2021.

O vasilhame 3, 8 e 15, consoante com o que ocorre no sítio do Caju, seriam as respectivas “tampas” das urnas dos cortes 2, 5 e 7. Considerando a quantidade material cerâmico no corte 11, não podemos fazer as mesmas inferências, a não ser inferir que a urna seja o vasilhame com polido esfumado.

Nos cortes 5 e 7, esses vasilhames estão acompanhados por fragmentos de bordas, que poderiam estar estabilizando a urna no solo. Situação semelhante foi descrita para o sítio Caju (MACHADO *et al.*, 1994), em que fragmentos cerâmicos estavam apoiando a base da urna.

Já quanto a Urna II, do corte 2, foi considerado um enterramento em urna, caracterizada pelo vasilhame 3. Essa hipótese se sustenta pelo fato de estarmos considerando as peças menores com esfumado polido enquanto recipiente usado para acondicionamento dos restos mortais humanos, a baixa fragmentação dos ossos e o bom estado de preservação do indivíduo 2.

Sobre o corte 11, com presença de dois indivíduos, supõe-se que um sepultamento tenha sido realizado em urna funerária, levando em consideração a ocorrência do bloco testemunho (Figura 52). Devido à grande quantidade de vasilhames e à desassociação entre as partes (A e B) do material cerâmico, não possuímos variáveis suficientes para maiores conclusões.

Por fim, no corte 12, percebemos a boa preservação óssea e uma baixa representatividade de material cerâmico. O corte não apresenta fragmentos cerâmicos que poderiam pertencer a uma urna; os poucos fragmentos

possuem características distintas, indicando serem de recipientes diferentes. Ele pode se tratar de um enterramento direto mais recente, parte do sepultamento pode estar entre os ossos que não foram identificados quanto à procedência do corte. Também, aventa-se a possibilidade de transporte de material por intemperismos e bioturbações (chuvas, ventos, animais etc.), visto que os exemplares são poucos.

Diante das hipóteses levantadas para os enterramentos do sítio Vau 1, apresentamos, na Tabela a seguir, os sepultamentos e suas possíveis formas de enterramentos.

Tabela 9: Tipos de sepultamentos do sítio Vau 1.

	Corte	N° de Indivíduos	Tipo	N° do Vasilhame	N° da Urna
SEPULTAMENTO 1	2	1	Direto	-	-
SEPULTAMENTO 2	2	1	Urna	2	Urna 1
SEPULTAMENTO 3	2	1	Direto	-	-
SEPULTAMENTO 4	4	1	Direto	-	-
SEPULTAMENTO 5	5	1	Urna	7	Urna 2
SEPULTAMENTO 6	6	1	Direto	-	-
SEPULTAMENTO 7	7	1	Urna	12	Urna 3
SEPULTAMENTO 8	8	1	Direto	-	-
SEPULTAMENTO 9	11	1	?	-	-
SEPULTAMENTO 10	11	1	?	20?	Urna 4?
SEPULTAMENTO 11	12	1	?	22?	Urna 5?

O material cerâmico do sítio Vau 1 traz informações que ultrapassam o momento ritual e adentram a vida cotidiana do grupo. Podemos alcançá-las através das marcas de uso, técnicas de confecção e das escolhas das formas dos recipientes. É válido salientar que esses dados não são exclusivos do cotidiano. Assim, em princípio, discutirei suas formas, dimensões e utilizações.

Formas, tamanhos e usos dos vasilhames

Silva (2000) mostra que, em grupos indígenas, os usos de materiais não são setorizados e com funções singulares, e vasilhames usados no cotidiano, também, poderiam ser usados para enterramentos. Os enterramentos da

Tradição Aratu, por exemplo, ocorrem em urnas que, anteriormente, exerciam outras funções (FERNANDES, 2013).

Para uma interpretação otimizada acerca de possíveis usos desses vasilhames, anteriores ao contexto funerário, seria importante dispor dos croquis de escavação para que, a partir deles, pudéssemos construir um mosaico de atividades intrasítio. Dados indicam que há uma grande concentração de material na região onde estava o corte 11 e esse local poderia ser também onde ocorriam as atividades relacionadas a dinâmicas cotidianas.

Todavia, mesmo sem a visão geral do sítio, é possível inferir possíveis usos a partir das marcas deixadas nos recipientes. Segundo Newton (1986 *apud* VIDAL, SILVA, 1998), a cultura material é o único fenômeno cultural codificado duas vezes: uma vez, na mente do artesão; outra, na forma do objeto. Isso permite a comparação dos fenômenos culturais envolvidos em sua produção e uso, ou seja, no artefato em si e em seus aspectos cognitivos e simbólicos (NEWTON, 1986 *apud* VIDAL, SILVA 1998).

Para o autor, os aspectos cognitivos são pertinentes a todos conhecimentos relativos à matéria-prima (identificação, seleção, manuseio) e às técnicas de produção, incluindo todos os procedimentos mentais e sensíveis (perceptivos, lógicos, matemáticos, relativos à estética e a criatividade artística) necessários para a produção e utilização dos objetos (NEWTON, 1986 *apud* VIDAL, SILVA 1998).

Consideram-se as informações que permeiam os objetos em si, em que se incluem, não somente os processos técnicos da sua produção, mas também os caminhos a posteriori, ou seja, sua atuação no meio social e cultural (SIGAUT, 2002).

Nesse sentido, os artefatos, em especial os vasilhames cerâmicos e a interpretação dos resultados podem ser ampliados a partir de práticas funerárias entre grupos indígenas. Percebe-se, na Figura 83, que todos os vasilhames do sítio Vau 1 correspondem a formas de contornos simples: abertos e fechados. Essas equivalem, respectivamente, a duas categorias.

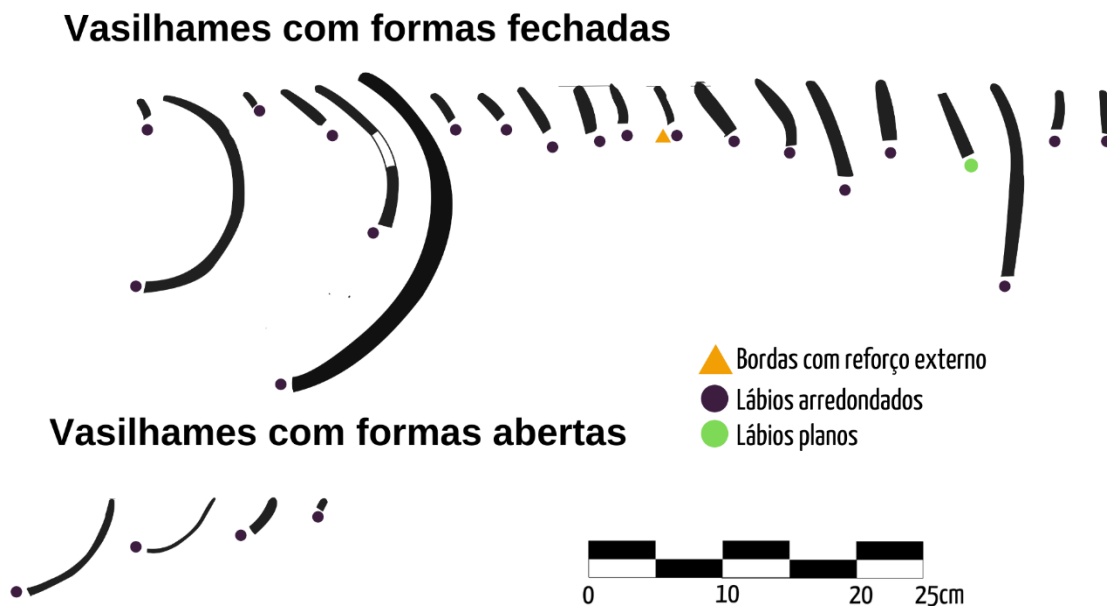


Figura 83: Formas tipo 1: vasilhames de bocas fechadas simples. Formas tipo 2: vasilhames com bocas abertas simples. Resende, 2021.

A categoria 1 diz a respeito de recipientes pequenos, rasos, que, no sítio Vau 1, são somente quatro vasilhames que estavam nos cortes onde ocorrem sepultamentos em urnas. Eles contêm presença de fuligem em todas as paredes externas, devido ao uso por queima de material orgânico (madeira) utilizado nas estruturas de fogueira, próximas ao vasilhame, provavelmente, para cocção de alimentos.

Eles foram interpretados tal qual ocorre, no sítio do Caju, hipoteticamente, como os suportes para as urnas. Podemos dizer, ainda, já que esses vasilhames pequenos e abertos estão associados às urnas 1, 2 e 3, que eles poderiam ter feito parte de atividade ritual no consumo de alguma bebida.

O tamanho das urnas do sítio infere sepultamentos secundários devido ao tamanho que não comportaria um sepultamento primário (são vasilhames que não ultrapassam 30 cm). Os sepultamentos secundários passam por diversas fases. Nos Bororos, por exemplo, podem durar mais que três meses, até que o corpo passe pelo processo em que são perdidas as partes moles e só restam os ossos. Só após esse momento que se inicia a secundarização do sepultamento (NOVAES, 2007).

Segundo Klokler (2012, p. 87), o consumo de alimentos como parte de rituais mortuários é comumente descrito por antropólogos. Em geral, festins

realizados em associação com o luto envolvem grande quantidade de pessoas e de investimento na preparação dos alimentos. Essas práticas realizadas em homenagem aos mortos estão ligadas à negociação de relações entre os vivos e mortos, em um evento entendido como de crise dentro da comunidade.

Ao se considerar que um ritual funerário pode ser constituído por diversas etapas, caracterizadas por diferentes atividades, desenvolvidas em diferentes momentos, não é compreensível olhar para esses vasilhames somente como um suporte para estabilização de uma urna. Isso se trata de uma visão muito prática e pouco sensível para um rito de passagem, via de regra, considerado de alta significância para os grupos envolvidos. Assim, na presente pesquisa considera-se aspectos simbólicos que esses objetos poderiam ter exercido no decurso das práticas funerárias.

Eles poderiam, também, ter servido para fins específicos, como aquecer remédios, servir como depósitos de pigmento, recipiente de alucinógenos, consumo de alimentos para rituais etc. Entre os Shipibo-Conibo, por exemplo, os vasilhames pequenos e rasos são usados para esquentar remédios (DEBOER; LATHRAP 1979 *apud* COSTA, 2016).

Quanto à categoria 2, como mencionado anteriormente, os vasilhames dessa categoria, com formas mais elipsoides e decoração polida esfumurada, foram considerados urnas.

Os demais, pensando a partir da morfologia associada aos tamanhos, são os maiores do sítio; todos poderiam servir para cocção de alimentos assim como, para acondicionamento de líquidos. É importante ressaltar que não foram identificadas marcas de água nas paredes internas desses vasilhames. O sítio está inserido próximo a um meandro do Rio do Meio, o que indica, possivelmente, que esses líquidos puderam ser ingeridos logo em seguida, evitando que a água deixasse as marcas em suas paredes.

A variação de formas, no sítio, é pequena. Um mesmo vasilhame pode ter executado as mesmas funções de armazenagem e cocção, diferenciando só quanto à intensidade do uso.

Sepultamentos do sítio Vau 1

Foi identificado no sítio Vau 1 duas práticas funerárias, o enterramento direto e o enterramento em urna, possivelmente secundário (ver Tabela 9). Os

sepultamentos diretos são a maioria e, devido à má preservação dos ossos, que dificultou a identificação de sexo e idade, não conseguimos traçar inferências sobre possíveis padrões (Tabela 10).

Tabela 10: Sepultamentos diretos.

Sepultamento	Corte	Nº de Indivíduos	Sexo	Estimativa de Idade	Tipo
Sepultamento 1	2	1	Feminino	Adulto	Direto
Sepultamento 3	2	1	?	?	Direto
Sepultamento 4	4	1	?	Criança	Direto
Sepultamento 6	6	1	?	?	Direto
Sepultamento 8	8	1	?	?	Direto
Sepultamento 9	11	1	?	Adulto	?
Sepultamento 11	12	1	?	?	?

Como mencionado, anteriormente, os sepultamentos diretos não são marcados, unicamente, pela ausência cerâmica, mas também por acompanhamentos cerâmicos. Os sepultamentos 1, 3, 4, 9 e 12 possuíam materiais cerâmicos, fragmentados e em pequena quantidade, os quais poderiam ter sido colocados sobre os indivíduos ou junto a eles, como indicam as fotos da etapa de campo (Figura 79 e Figura 80).

Os acompanhamentos, também, são peças que possuíam o polido na superfície externa. É possível inferir uma diferença desses vasilhames de contexto funerário para os vasilhames de uso cotidiano do sítio, somente pelo corte 11, foram notados diversos fragmentos com marcas de fuligem, e a maioria das superfícies foi alisada.

Já nos sepultamentos em urna (Tabela 11), percebi a existência de dois vasilhames parcialmente completos (sepultamentos 5 e 7) que continham polimento e esfumamento como tratamento de superfície. Inferimos que um tenha sido utilizado como urna funerária e o outro como tampa. A partir deles, supomos que os demais, também, se encaixam na mesma prática, já que identificamos dois vasilhames no sepultamento 2 e 10.

Mas uma vez, adverte-se o cuidado desse trabalho a não atribuir somente significados únicos e práticos a esses recipientes. As marcas de uso, a forma que o diferencia da urna, assim como o tratamento de superfície distinto e a

inferência que eles serviram de “tampa” para urna, faz com que inúmeros outros significados estejam interligados a eles.

Tabela 11: Sepultamentos secundários.

Sepultamento	Corte	N° de Indivíduos	Sexo	Estimativa de Idade	Tipo	N° da Urna
Sepultamento 2	2	1	Feminino	Jovem	Urna	Urna 1 .
Sepultamento 5	5	1	Masculino	Idoso	Urna	Urna 2
Sepultamento 7	7	1	?	?	Urna	Urna 3
Sepultamento 10	11	1	?	Adulto	?	Urna 4 .

Como já apresentado anteriormente, outros simbolismos estão marcados nas urnas; elas são os únicos vasilhames do sítio com o polimento estriado e esfumamento. O próprio esfumamento impede de saber se essas urnas eram usadas na vida cotidiana ou se foram feitas somente para os sepultamentos.

Em ambos os casos, esses vasilhames passaram por uma preparação que tinha o intuito simbólico de sepultar os mortos. Entre os Caingangues, grupo de tronco linguístico Jê no Brasil, o rito funerário passa por três fases: a primeira é o sepultamento onde o morto se separa dos vivos; a segunda é uma fase de transição, em que ele se afasta dos vivos, mas constitui uma ameaça a eles, e a terceira, a fase da incorporação, em que o morto não está mais no mundo dos vivos, mas sim no mundo dos mortos, quando, pelo ritual descrito, o morto é, definitivamente, afugentado da aldeia (MELLATI, 2007, p.180).

Esse é só um exemplo, não associativo, de um dos diversos rituais funerários indígenas que nos traz indagações para conjecturar os inúmeros significados que estiveram presentes no ritual de passagem dos indivíduos do sítio Vau 1. O polimento esfumamento e, até a própria confecção das urnas, caso essa tenha sido feita após a morte do indivíduo, poderiam fazer parte das fases de transição ou incorporação, visto que as urnas funerárias do sítio possuem a característica de alta esfericidade, que é menos acentuada nos vasilhames com marcas de uso cotidiano.

É válido pontuar as diversas aplicabilidades desses vasilhames, considerando-os como parte importante do ritual. No entanto, não pretendo aplicar uma visão ímpar de funcionalidade explícita a esses objetos.

Embora não possa ser distinguido um padrão funerário diferenciado exclusivamente por idade, sexo, gênero ou outra categoria culturalmente construída, a sua existência deve ser considerada embora não seja possível investigar neste momento da pesquisa.

O corte 2 possui três sepultamentos, dois diretos e um em urna, que acreditamos terem sido realizados em momentos diferentes devido à diferença na conservação óssea. Esses dados indicam que o sítio teria sido ocupado, provavelmente, por um longo período ou por períodos diferenciados. Para tal afirmação, seriam necessárias outras investigações e, certamente, a realização de novas escavações no sítio.

Uma vez considerada a ocupação por longos períodos no sítio, importante trazer os aspectos pouco variáveis acerca das características tecno-morfológicas de confecção da cerâmica no sítio. Isso traz a ideia de memória técnica, em que as pessoas continuaram confeccionando vasilhames similares, assim como enterrando seus mortos nesse lugar.

Os objetos recuperados de contextos arqueológicos dificilmente terão seu estatuto ontológico reconhecível, mas podemos pelo menos em alguns casos discutir essas possíveis dimensões socio cosmológicas dentro do registro arqueológico quando devidamente contextualizados (Gomes 2012, *apud* Junior *et al.* 2018, p. 666).

Para o sítio Vau 1, é importante ter a ciência que fatores inerentes aos seres (razões, personalidades, ideias etc.) existiram, todavia, mesmo em registros arqueológicos bem contextualizados, não é possível acessar essa sociedade viva.

A sociedade viva é o momento presente, é o instante em que esses materiais estão sendo produzidos, utilizados e comportando seus significados. Nesse momento, essas informações estão completas e em sua totalidade, chamado, também, de cultura viva (GALLAY, 1986)

É de extrema importância entender que o material que chega à pesquisa não se refere nem a 1% da cultura a que ele pertenceu e as interpretações não alcançam parte dessas informações. A atual pesquisa visa compreender alguns

vislumbres acerca do universo simbólico que teria permeado as práticas funerárias por meio de sepultamentos humanos presentes no sítio Vau 1.

A importância do registro na etapa de escavação e dos estudos em materiais de acervo

Ao final do capítulo reitero a importância de estudos em material acervado, usando como exemplo o presente sítio arqueológico. O potencial do sítio Vau 1 para as pesquisas bioarqueológicas da região, como já pontuado, é alto e, incita novas pesquisas referentes aos remanescentes ósseos humanos em sítios da região centro-oeste.

A falta de documentação, todavia, foi um grande limitador para as discussões acerca das práticas funerárias propriamente ditas. A maior parte do trabalho baseou-se na catalogação do material, reorganização dos dados e na tentativa de entender como esses sepultamentos poderiam estar dispostos no sítio. Este cenário aponta duas problemáticas: (1) o registro no momento da escavação e (2) estudos em material de acervo.

Gallay (1986) discorre muito bem sobre processos em que os materiais arqueológicos passam até a formação do sítio arqueológico. O caminho percorrido pelo material apresenta várias etapas, desde seu uso, até seu descarte, onde a atuação dos processos tafonômicos podem agir em diferentes intensidades. Uma outra fase, se configura pela coleta do remanescente arqueológico, seja por arqueólogos, ou por não especialistas, em ambas as possibilidades outros caminhos se configuram. Os caminhos ou patamares, como chama o autor, estão divididos em quatro: a sociedade viva (P0), os vestígios materiais conservados (P1), os vestígios materiais observados (P2) e os vestígios materiais estudados (P3). Esses vestígios apresentam importantes informações diante da relação entre a cultura, uso e função do material dentro de uma sociedade.

A arqueologia estuda esse material “desgastado” que se “perdeu” (pontuando que: a perda não é total, há uma “fumaça”, segundo Gallay (1986) há indícios que podem ser resgatados) no tempo, e através dessa perda a arqueologia se instrumentaliza para entender a partir do descarte desses povos. O autor vai chamar de P3 quando o pesquisador se apropria de

ferramentas teóricas, etnológicas, experimentais e repensa maneiras de uma sociedade se portar perante o seu “lixo” (GALLAY 1986).

Foi possível perceber no sítio Vau 1 os limites entre o P2 e o P3, ou seja, xxx. A problemática vivenciada reforça a importância do registro arqueológico, ponto apresentado em qualquer obra voltada à procedimentos de escavação arqueológica. Os arqueólogos devem ter em mente que, ao realizar uma escavação, além do registro também ocorre a destruição do sítio arqueológico. Existe no ato de escavar, em cada pincelada, uma intensa relação de perda e ganho de informações originais acerca dos materiais e do seu contexto. É importante que em todas as fases da escavação sejam descritas nos cadernos de campo, que sejam feitos bons croquis, bons registros a respeito da região do sítio, seja através de documentações audiovisuais ou de documentações escritas, idealmente unindo as duas ferramentas.

Quando essas etapas não ocorrem, as consequências são, como ocorre no sítio Vau 1, comprometedoras. O referido sítio detém importante potencial de pesquisa, todavia, as informações por terem sido dissipadas devido à ausência ou má documentação, impossibilitou informações contextuais seguras. Claro que existem diferentes nuances que implicam nestas ausências, como por exemplo: trabalhos que foram realizados em épocas em que os avanços do pensar arqueológico eram outros, a própria tecnologia utilizada na escavação influencia a qualidade das informações, a natureza da escavação (salvamento emergencial) e, também, há o mal registro propriamente dito.

Boa parte dos recursos humanos utilizados para esse trabalho foram na tentativa de acessar esse momento de escavação, o que também impossibilitou discussões mais sistemáticas e decresceu o tempo para análises mais pontuais a respeito das práticas mortuárias, nos vestígios ósseos, dos grupos que habitaram o sítio Vau 1. Pode-se se dizer, sobre o trabalho, que houve um ‘retorno’ ao sítio através dos materiais arqueológicos, das etiquetas, das imagens fotográficas etc., esse retorno metafórico por si só é fragmentado e delonga e dificulta as discussões. A documentação deve ser entendida como parte crucial para a futura interpretação dos dados.

Outro ponto que o sítio Vau 1 possibilita discutir, são as pesquisas arqueológicas em relação ao material acervado em instituições de guarda. Ratifico que esses materiais devem ser revisitados e reinseridos em pesquisas,

já que em maior ou menor intensidade detém potencial investigativo. O objetivo da arqueologia não se resume à escavação, como assinalado, essa é somente uma etapa da pesquisa, seu objetivo, para além disso está na reconstrução da história dos povos originários.

Apesar dos empecilhos apontados, que não está diretamente ligada ao acervo, nem às instituições de guarda, este trabalho de conclusão de curso, construído a partir de vestígios acervados, contribui valorosamente com esse objetivo de introduzir materiais “esquecidos”, em pesquisas atuais.

A presente pesquisa teve como objetivo tratar das práticas funerárias e documentação do sítio Vau 1, todavia no decorrer do trabalho foi possível incluir características tecno-morfológicas dos materiais cerâmicos e sua associação à tais práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo que o percurso traçado durante esta monografia cumpriu o objetivo proposto para a pesquisa. Apesar das limitações para o desenvolvimento do trabalho em decorrência, principalmente, das limitações da documentação das atividades de campo, considero que os resultados produzidos foram pertinentes e, mais que isso, estimulam a sua continuidade.

De fato, foi possível obter um panorama satisfatório acerca dos indivíduos, dos sepultamentos e da cultura material cerâmica presente no sítio Vau 1. Assim como pudemos perceber, a partir do reconhecimento das práticas funerárias e das análises cerâmicas, similaridades tecnológicas entre a cerâmica do sítio Vau 1 e a cerâmica da Tradição Una.

Os dados levantados também nos subsidiam a pensar que a ocupação pretérita no sítio Vau1 não teria sido esporádica, mas de longa duração. Essa hipótese se baseia tanto na consistência tecnológica do material cerâmico, quanto nos estados diferenciados de preservação do material ósseo humano.

A partir do universo amostrado, aventamos que os enterramentos secundários, por serem em menor quantidade, poderiam estar relacionados a algum tipo de diferença no status social dos indivíduos. Reforça essa hipótese a presença de superfícies regulares sem o aparecimento dos minerais em quase todos os vasilhames relacionados aos enterramentos em urna, o que poderia ser decorrente da intenção das artesãs ou dos artesãos do Vau 1.

O polido estriado e o esfumamento das urnas possuem um apelo visual marcado, quando comparado aos vasilhames alisados que, também, possuem marcas de uso, assim como os lábios redondos e as paredes de espessuras simétricas. Considero que tais elementos possam indicar possíveis individualidades e posições sociais, os limites contextuais impedem o avanço desse tema.

Dentre o material analisado, os acompanhamentos funerários ocorrem, pontualmente, em dois sepultamentos. Como dizem Metcalf *et al.* (1991), não há ações randômicas em rituais funerários, eles são sempre dotados de significados e de ações intencionais. Nesse sentido, foi considerada a presença

deles como mais um elemento que denota relações sociais assimétricas no sítio.

Quanto à incidência de material utilitário presente no corte 11, sua presença parece estar mais relacionada aos problemas de escavação e retirada de material do campo. Nesse caso, pesquisas futuras poderão esclarecer essa questão, seja analisando os materiais cerâmicos que não estavam nos cortes de escavação, seja analisando os materiais líticos que não se integraram a essa pesquisa.

Ainda sobre a escavação, o sítio oferece um bom parâmetro para discutir a importância de uma boa documentação de campo para a construção de interpretações, visto os limites documentais com os quais nos deparamos. Mas, certamente, o potencial de investigação desse sítio é de alta relevância e requer o retorno ao local, com novas escavações para emergir outros dados e aclarar as hipóteses aqui levantadas acerca de relações sociais diferenciadas entre os indivíduos, materializadas como já apresentado nas particularidades do material cerâmico, nos acompanhamentos funerários e nas práticas funerárias (direto ou em urna).

Há ainda parcela do sítio, que se refere ao material lítico, não estudada nesse trabalho, que corrobora com a importância de revisitar o material acervado e a partir dele contribuir com a história regional e acrescentar aos grupos que viveram no sítio informações referentes a aspectos tecnológicos etc.

A revisitação dessas informações, junto a novas propostas de análises assim como futuras publicações e discussões sobre o tema podem efervescer e incitar novas pesquisas nesses acervos que detêm importantes potenciais para a investigação arqueológica.

Por fim, considera-se que a diversidade e a caracterização dos dados produzidos nessa monografia tornaram o sítio Vau 1 visível no cenário regional. Mais que isso, tais dados possibilitaram entender um pouco mais sobre as ocupações humanas no oeste baiano, há cerca de 1.000 anos antes do presente, se considerarmos a data da Tradição Uma para a região.

Espera-se, igualmente, que a pesquisa colabore com o fortalecimento dos espaços de discussões a respeito dos modos culturais de sepultamentos

humanos e de produção de cerâmica da Tradição Una na Região central do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A, S. SCHMITZ, P. I, TEIXEIRA, A., GOMES, H. *O Piar da Juruti Pepena, Narrativa ecológica da ocupação humana do cerrado*. Editora PUC Goiás, 2014.

BARRETO, C. A construção social do espaço: de voltas às aldeias circulares do Brasil Central. Goiânia: Revista *Habitus*, v. 9, n.1, p. 61-79, jan./jun. 2011.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/sgpa/?consulta=cnsa> Acessado em: maio, 2021.

BROCHADO, J. P., LA SALVIA, F. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: *Pensionato Arte & Cultura*, 1981.

BRUZEK, J. A Method for Visual Determination of Sex, Using the Human Hip Bone. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 117, p. 157-168, 2002

CALDERÓN, V. A fase Aratu no recôncavo e litoral norte do estado da Bahia. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do terceiro ano 1967-1968. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, Publicações Avulsas, n. 13, p. 161-172. 1969.

CALDERÓN, V. Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 15: 163-177. 1971.

CALDERÓN, V. Contribuição para o conhecimento da arqueologia do Recôncavo e do sul do Estado da Bahia. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 26: 141- 154. 1974.

CARVALHO, O. A., QUEIROZ, A.N. *Uma viagem pela arqueologia nordestina* EDITORA UFS, 2019.

CHMYZ, I. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Curitiba: *Manuais de Arqueologia nº1*, Universidade Federal do Paraná, 1976.

COSTA, A. F. A multifuncionalidade da cerâmica no sítio Ilha Dionísio, Alto Rio Madeira. *Dissertação de Mestrado*, 2016.

COWAL, L. S, PASTOR, R. F. Dimensional Variation in the Proximal Ulna: Evaluation of a Metric Method for Sex Assessment. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 135, p. 469-478, 2008.

CPRM. *Carta geológica do Brasil ao milionésimo*. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=298&sid=26> Acesso em 2021.

DEBLASIS, P., KNEIP, A. SCHEEL-YBERT, R. GIANNINI, P.C, GASPAR, M.D. Sambaquis e paisagem dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueologia suramericana/arqueologia sul-americana* 3,1, 2007

DIAS JR, O. F. Pesquisas arqueológicas no sudeste brasileiro. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro: IAB, Serie Especial, n.2, p. 3-22, 1975.

DO CARMO, S.P. Análise tecnológica e da gestão de matéria-prima no Sítio Pré-Histórico Morro Furado (BA-RC-28) Bahia, Brasil. Uma Proposta De Reanálise. *Monografia de Bacharelado em Arqueologia*. PUC Goiás, 2009.

FERNANDES, H. L. A. Aspectos materiais dos sítios pedreira e água vermelha, BAHIA. *Habitus*, Goiânia, v. 18, n.2, p. 593-612, jul./dez. 2020.

FERNANDES, H. L. A. Pequenas variações dos sepultamentos da tradição Aratu na Bahia. *Especiaria. Cadernos de Ciências Humanas*. 17, n. 30, jan./jun. p. 151-172. 2017.

FERNANDES, H. L.A. Os sepultamentos do Sítio Aratu de Piragiba: Bahia /*Dissertação de Mestrado*, Salvador: 2003.

FERNANDES, L. A. Uma revisão da Tradição Aratu na Bahia. *Clio*, Recife, v. 27, n. 1, p. 1-32. 2012.

FERNANDES, L. A., DA SILVA, J. P, NASCIMENTO, G.S. Lâminas lascadas em rochas ígneas de Sítios Aratu do Sudoeste da Bahia: Traceologia E Experimentação. Goiânia, v. 13, n.2, p. 17-40, jul./dez. 2015 c.

FERREIRA, M., CODINHA, S., SILVA, A. Praia de Samarra: análise antropológica dos restos ósseos humanos depositados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. *Revista portuguesa de arqueologia*, ISSN 0874-2782, Vol. 9, Nº. 2, p. 157-170. 9. 20012

FONSECA, D. B. Práticas Mortuárias na Amazônia Pré-Colonial, Universidade Federal do Pará. *Dissertação de Pós-graduação em Antropologia – PPGA*, 2018.

FRANCHETTO, B. As línguas indígenas. In: BRASIL/MEC: *Caderno da TV Escola: índios no Brasil 2*. Brasília: Ministérios da Educação/Secretaria de Educação à Distância, 1999.

FÚCIO, H. A. J. Deposição de tecido mineralizado na cavidade pulpar. Trabalho de Conclusão de Curso. UFMG. 2014.

GALLAY, A. *L'archéologie demain*. Tradução: E. Fogaça, 2002. Paris: Éditions Belfond, 1986. 319 p.

GASPAR, M. T. P. Sistema aquífero Urucuia: caracterização regional e propostas de gestão. *Tese (Doutorado em Geociências)*. Universidade de Brasília, Brasília, DF., 2006

GUIMARÃES, M.B.C. A ocupação pré-colonial da região dos lagos, Rj: Sistema de assentamento e relações intersociedades entre grupos sambaquianos e grupos ceramistas Tupinambá e da Tradição Una. *Dissertação de Mestrado*. 2007.

HENRIQUES J. G. *Arqueologia regional da província cárstica do Alto São Francisco: um estudo das tradições ceramistas Una e Sapucaí*. Mae USP, Belo Horizonte, 2006.

HODDER, I. *Symbols in action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

JÚNIOR, A. G., CARVALHO, C. R., SALDANHA, J. D. DE M., CABRAL, M. P. Adornos, contas e pingentes na foz do rio Amazonas: Estudo de caso do sítio Curiaú Mirim. *Amazônia., Rev. Antropol.* 10 (2): 638 - 673, 2018.

KLOKLER, D. OLIVEIRA, L. Corpos, oferendas, rituais e gênero do sítio Justinho, Baixo São Francisco. Goiânia, *Habitus*, n.1, p. 103-124, jan./jun. 2018

KLOKLER, D. Consumo ritual, consumo no ritual: festins funerários e sambaquis. *Habitus*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 83-104, 2012.

LAGROU. E. Arte ou Artefato? Agência e significados nas artes indígenas. *Revista Proa* n°. vol. 1. 2. 2007,

LARSEN, C. S. *Bioarchaeology: Interpreting Behavior from the Human Skeleton*, 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press. 654pp. 2015.

LEAL, M TABARELLI, JMC DA SILVA. *Ecologia e conservação da Caatinga*, Editora Universitária UFPE, 2003.

LOPES, R. C. A. *A Tradição Polícroma da Amazônia no contexto do médio rio Solimões (AM) (Dissertação de mestrado)*. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE, Brasil. 2018.

MACHADO, C. L. Sobre as práticas funerárias de cremação e suas variações em grutas do norte e noroeste de Minas Gerais. *Revista do CEPA*. 17 (20): p. 235-247. 1990.

MACHADO, L. C., SENE, M.G., SILVA, P.R.S. Estudo Preliminar dos Ritos Funerários do Sítio do Caju, RJ. *Revista de Arqueologia*, São Paulo 8 (1): 75-90, 1994.

MARTIN, G. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 5ª ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

MELATTI, J.C. *Índios do Brasil*. EDUSP. 2007.

METCALF, P. HUNTINGTON, R. *Celebrations of death: the anthropology of mortuary ritual*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

NAPOLITANO, A.C.C. Fragmentos de história indígena pré-colonial: Vislumbres da relação entre os portadores das Tradições Tupiguarani e Aratu no Atual território goiano. *Monografia de Conclusão de Curso*, PUC Goiás. 2019.

NIMUENDAJU, C. U. *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. Adaptado do mapa de Curt Nimuendajú, Rio de Janeiro: IBGE, 1981 [1944].

OLIVEIRA, E. Potes que encantam: estilo e agência na cerâmica policroma da Amazônia central (*Dissertação de mestrado*). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. 2016b

OLIVEIRA, E. A serpente de várias faces: estilo e iconografia da cerâmica Guarita. In C. Barreto, H. P. Lima & C. J. Betancourt (Orgs.), *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese* (pp. 373-382). Belém. 2016a.

OLIVEIRA, J. E., VIANA, S. A. O centro-oeste antes de Cabral. *Revista USP*, n. 44, p. 142-189, 1999.

PEDROSO, D. M. R. *O povo invisível. Goiânia*: Ed. da UCG, 1994.

PEIRIS, H.R.D., PITAKOTUWAGE M., TAKAHASHI M., SASAKI, K., KANAZAWA E. Root canal morphology of mandibular permanent molar at different ages. *Int Endod J*, v. 41, p. 828-835, 2008.

PHENICE, T. W. A Newly Developed Visual Method of Sexing the Os Pubis. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 30, n. 2, p. 297-299, 1969.

PONTIM, R. de L. A Tradição Tupiguarani na Bacia do Alto Tocantins. Tese de *Doutorado*. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PROJETO DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO ARQUEOLÓGICO DA FERROVIA DE INTEGRAÇÃO OESTE LESTE FIGUEIRÓPOLIS/TO – ILHÉUS/BA, Relatório De Campo. 2012.

PROJETO DE LEVANTAMENTO, SALVAMENTO E MONITORAMENTO ARQUEOLÓGICO DA FERROVIA DE INTEGRAÇÃO OESTE LESTE FIGUEIRÓPOLIS/TO – ILHÉUS/BA, Relatório De Laboratório. 2019.

PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, A. *O Brasil Antes dos Brasileiros*, Zahar, 2019.

PROUS, A.; ANDRADE LIMA, T. Os Ceramistas Tupiguarani. Volume I. Sínteses Regionais. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 143–147, 2009.

RADAMBRASIL - Levantamento de recursos naturais. *Folhas SD. 21: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra*. Rio de Janeiro, 1982.

RAP, PPY, D. Arqueologia da morte no sítio Hatahara durante a fase Paredão. *Dissertação de Mestrado*. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2015.

RESENDE, J. C. Bioarqueologia: Novas perspectivas a partir das coleções osteológicas do sítio VAU 1, localizado no município de Sta. Maria Vitória- BA. Goiânia, Goiás, *Projeto de Iniciação Científica*, 2019 a 2020.

RICE, P. M. *Pottery analysis: a sourcenbook*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

RIZZINI, C.T. A flora do Cerrado, análise florística das savanas Centrais. In: Simpósio sobre o Cerrado. São Paulo. *Anais*. São Paulo: EDUSP. p.125-177. 1963.

RYE, O. S. *Pottery technology principles as reconstruction*. Washington: Australian.1981.

SCHMITZ, I., BARBOSA, S., MIRANDA, F., RIBEIRO, B., BARBOSA, M. O. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. Sudoeste da Bahia e leste de Goiás - O Projeto Serra Geral. *Pesquisas, Antropologia N° 52*. 1996.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S. Horticultores Pré-Históricos do estado de Goiás. *Instituto Anchieta de Pesquisas*, São Leopoldo, 1985.

SCMHITZ, P.I., ROGGE, J. H. Um sítio da tradição cerâmica Aratu em Apucarana, PR*. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo; v. 18, p. 47 – 68, 2008.

SENNE, G. A. M. Indicadores de Gênero na Pré-História Brasileira: Contexto Funerário, Simbolismo e Diferenciação Social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. *Dissertação de Doutorado*, 2011.

SHANKS, M, TILLEY, C. Re-constructing archaeology: theory and practice. 2 ed. New York: Routledge, 1994.

SHEPARD, A. Ceramics for the archaeologist. Washington, D.C.: Carnegie Institution of Washington, 1985.

SIGAUT, F. Technology. In Tim Ingold (ed.) *Companion Encyclopedia of Anthropology*, pp. 420-59. London: Routledge. 2002.

SILVA, F. A. Grupo doméstico e a produção cerâmica dos Asurini do Xingu. Uma Contribuição para os Estudos de Household Archaeology. *Análisis, Interpretación y Gestión en la Arqueología de Sudamérica, Olavarria*, 2: 151-164. 2000.

SILVA, J. A. O Corpo e os adereços: Sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal de Sergipe. 2013.

SILVA, R. R. Ocupação indígena do cerrado, Projeto Rio do meio. Sítio Arqueológico do Vau II, Instituto do Trópico Subúmido. 2004.

SINOPOLI, C. Levels of complexity: Ceramic variability at Vijayanagara. 1991.

SOARES, J. Discutindo a tradição Aratu: proposta de um modelo de dispersão e implantação nas zonas de tensão ecológica. *R. Museu Arq. Etn.*, São Paulo, n. 23, p. 61-77, 2012.

SOLARI, A., DA SILVA, S.F.S.M., MELLO, S. Estudo de caso sobre indicadores bioarqueológico de práticas mortuárias complexas em esqueleto humano coletado no abrigo Pedra do Cachorro, Buíque, PE. *Clio Arqueológica*, pp. 92-119, V30N1, 2015.

SOLARI, A., MARTIN, G., DA SILVA, S.F.M.S. A presença infantil no registro bioarqueológico no Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba Dos Dantas, Rn, Brasil. RN, Brasil. Pós-doutoranda CAPES. 2016.

SOLARI, A., MARTIN, G., SILVA, S. F. M. S. Sepultamentos secundários com manipulações intencionais no Brasil: um estudo de caso no sítio arqueológico Pedra do Cachorro, Buíque; Pernambuco, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 12, n. 1, p. 135-155, jan.-abr. 2017.

STRAUSS, A. M. As práticas mortuárias dos caçadores coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico "Lapa do Santo". Dissertação de Mestrado. USP. 2010.

STRAUSS, A. M. Os padrões de sepultamento do sítio arqueológico Lapa do Santo (Holoceno Inicial), *Brasil. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 11, n. 1, p. 243-276, jan.-abr. 2016

ULGUIM. P. O fogo e a morte: a cremação como prática funerária ritual. Goiania, *Habitus* v. 14, n.1, p.107-130, Jan./jun. 2016

VIANA, S. A. *Dinâmicas culturais e processos ocupacionais na região Centro Oeste do Brasil*. Projeto de Pesquisa. Goiânia. PUC Goiás. IGPA. 2018.

VIANA, S. A. MELO VAZ, L. DE CASTRO, M. O BARBOSA. M. B. A *transversalidade do conhecimento científico*. Editora PUC Goiás, 2013.

VIDAL., SILVA, A, L. A temática Indígena na Escola: Novos Subsídios para Professores de 1 e 2º Graus: Cap. O Sistema de Objetos nas Sociedades Indígenas: Arte e Cultura Material. Global editora e Distribuidora LTDA.1998.

WALKER, P. L. Problems of preservation and sexism in sexing: some lessons from historical collections of palaeodemographers. In: Saunders, S. R., Herring,

A. (editores). *Grave reflections: portraying the past through cemetery studies*. Toronto: Canadian Scholars' Press, p. 31-47, 1995.

WÜST, I. *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás*: tentativa de análise espacial. *Dissertação*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.